4 Análise

Considerando os critérios metodológicos descritos no capítulo anterior, fez-se necessário para o prosseguimento da pesquisa uma análise mais aprofundada de alguns livros do *corpus* de estudo, buscando comparar os conhecimentos teóricos apresentados nos primeiros dois capítulos, a respeito da relação entre o jovem e o livro literário e do Design enquanto mediador da experiência de leitura, e os livros encontrados no acervo estudado.

Este capítulo apresenta a análise de 10 livros pertencentes ao acervo número 2 dos livros selecionados pelo PNBE 2011 para os anos finais do Ensino Fundamental, a saber: 1. *Tenho um abraço para te dar*, com texto de João Proteti, editado pela Papirus 7 Mares; 2. *Marieta tem um dilema*, com texto e ilustrações de Martine Murray, editado pela Girafinha; 3. *Poesia de cada dia*, com texto de Rosana Rios, ilustrações de Elma, editado pela Mundo Mirim; 4. *O mistério do fundo do pote*, com texto de Ilo Krugli, ilustrações de Gonzalo Cárcamo, editado pela SM; 5. *Minhas assombrações*, com texto e ilustrações de Angela Lago, editado pela Edelbra; 6. *O gato malhado e a andorinha Sinhá*, com texto de Jorge Amado, ilustrações de Carybé, editado pela Claro Enigma; 7. *Gotham Sampa City*, com texto de Eduardo Zugaib, ilustrações de Renato Moriconi, editado pela Melhoramentos Livrarias; 8. *Fernando Pessoa, o menino da sua mãe*, com texto de Amélia Pinto Pais, ilustrações de Mariana Newlands, editado pela Companhia das Letras; 9. *Ilíada*, com texto de Homero, adaptação de Bruno Berlendis de Carvalho, ilustrações de Andrés Sandoval, editado pela Berlendis e Vertecchia Editores; 10. *Peanuts completo – 1950 a 1952*, com quadrinhos de Charles Schulz, editado pela L&PM.

Essa análise objetivou um olhar qualitativo e descritivo a respeito da relação instaurada entre o conteúdo textual e o conteúdo imagético, explicando as categorias encontradas nos livros, a partir da categorização organizada no capítulo anterior, e identificando a mediação de leitura passível de ser realizada pela representação gráfica dada ao texto. Procurou-se também, identificar nas obras analisadas a existência de um projeto próximo ao conceito de Design na Leitura, um Design pensado com vistas à fruição do leitor.[18]

[18] Conceito desenvolvido no capítulo 2.4 desta dissertação.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

4.1. *Tenho um abraço para te dar*

Figura 17 – Capa do livro *Tenho um abraço para te dar*, com poesias de João Proteti, editado pela Papirus 7 Mares.

> Tenho um abraço para te dar.
> Você quer que eu leve
> ou você vem buscar? (PROTETI, 2009, contracapa)

O livro de João Proteti traz em suas páginas poesias que nos falam de amor e solidão, de encontros e desencontros, em um design gráfico simples, realizado por Fernando Cornacchia, que utiliza chapadas de cor e pequenos desenhos a traço para ilustrar os sentimentos expostos textualmente.

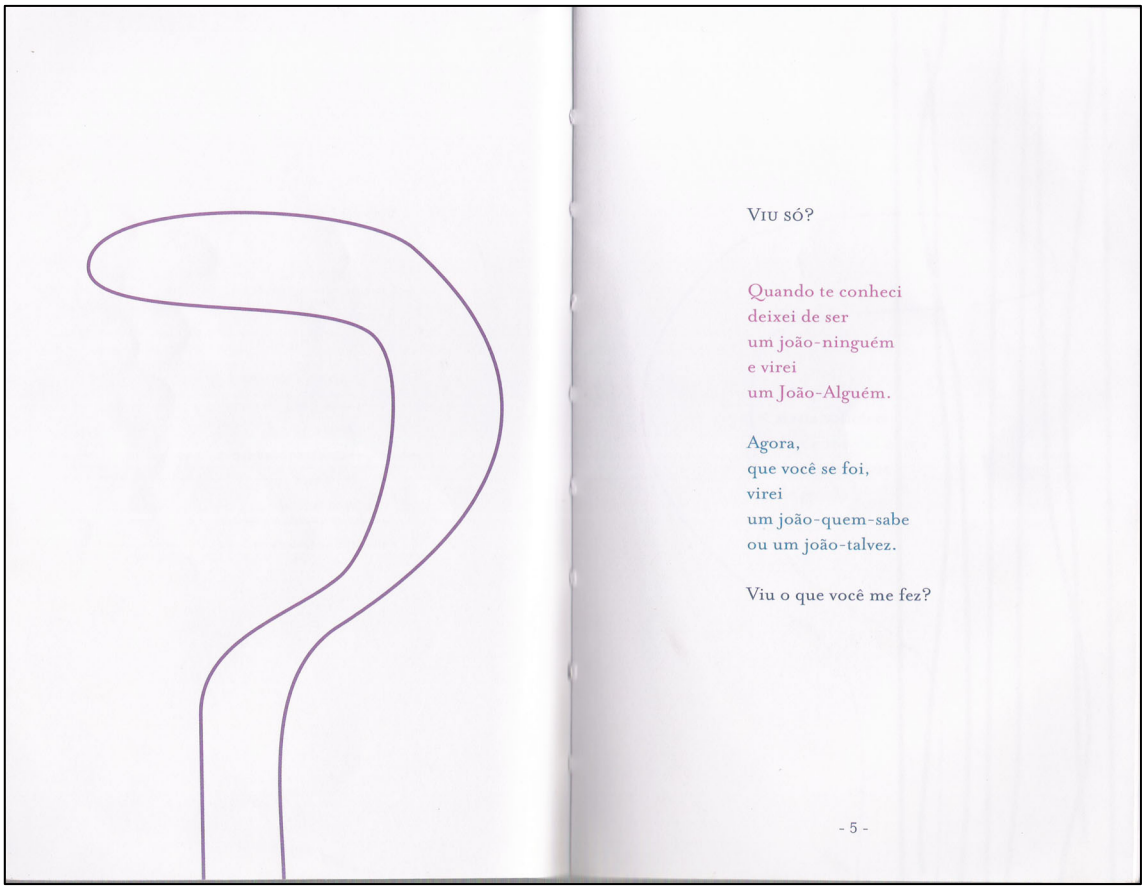
Segue abaixo a tabela de análise do livro:

Análise em relação à ilustração	Livro com 25% a 50% de páginas ilustradas.
Análise em relação ao diferencial gráfico	Trabalho diferenciado no formato; trabalho cromático diferenciado.
Funções do texto e da imagem	Texto como instância primária.
Relação entre texto e imagem	Relação de redundância.
Tipologia de diagramação	Dissociação e associação.
Elementos dos novos fundamentos do Design encontrados no livro	Ponto, linha e plano; cor.

Tabela 5 – Análise do livro *Tenho um abraço para te dar*.

Com aproximadamente 44% das páginas com a presença de ilustrações, *Tenho um abraço para te dar* apresenta um design gráfico que investiu em um trabalho diferenciado na escolha do formato e na utilização de cores.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA



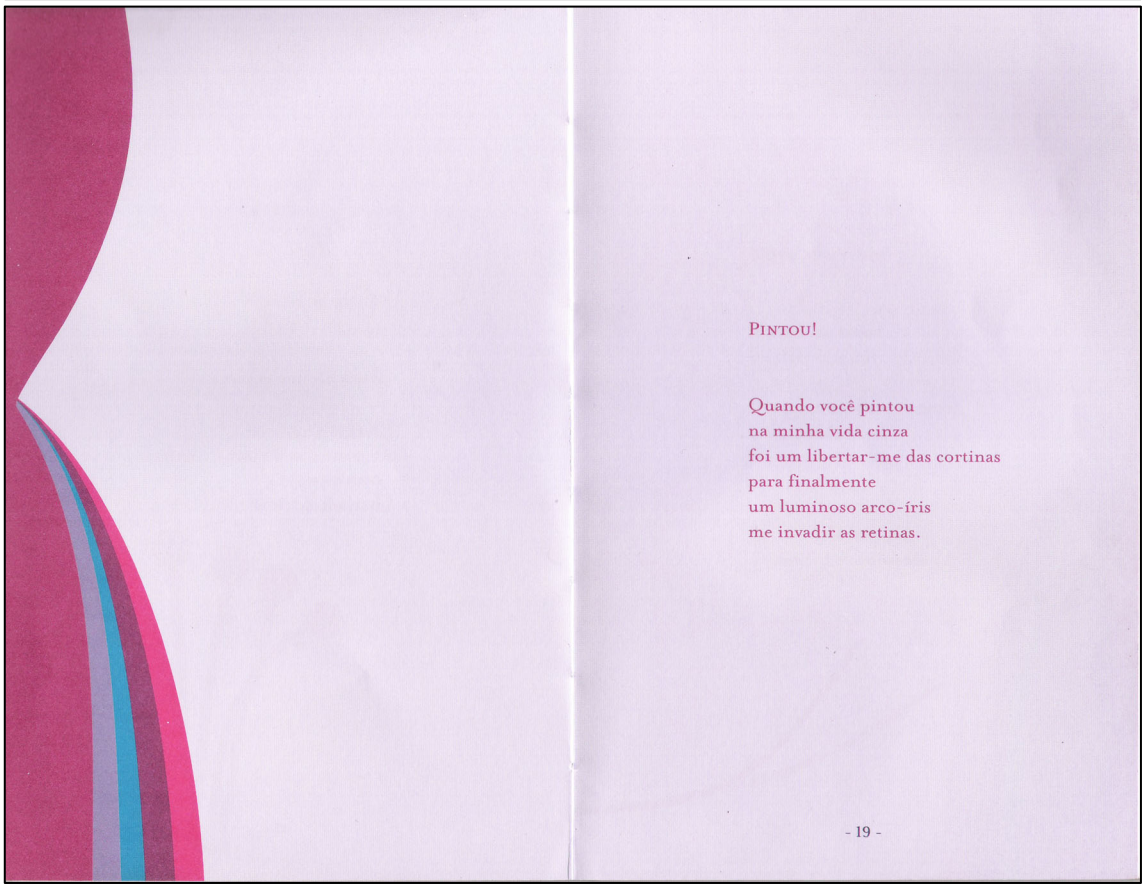
Viu só?

Quando te conheci
deixei de ser
um joão-ninguém
e virei
um João-Alguém.

Agora,
que você se foi,
virei
um joão-quem-sabe
ou um joão-talvez.

Viu o que você me fez?

- 5 -

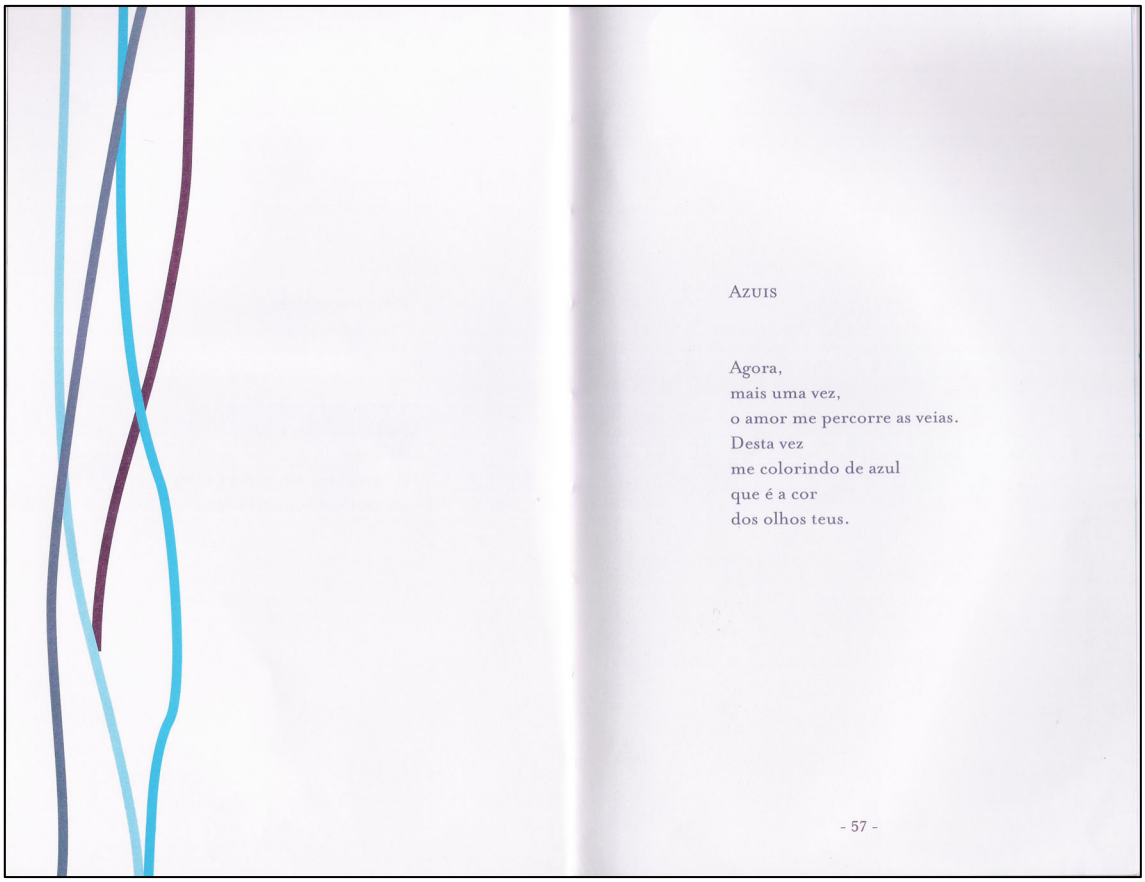


Pintou!

Quando você pintou
na minha vida cinza
foi um libertar-me das cortinas
para finalmente
um luminoso arco-íris
me invadir as retinas.

- 19 -

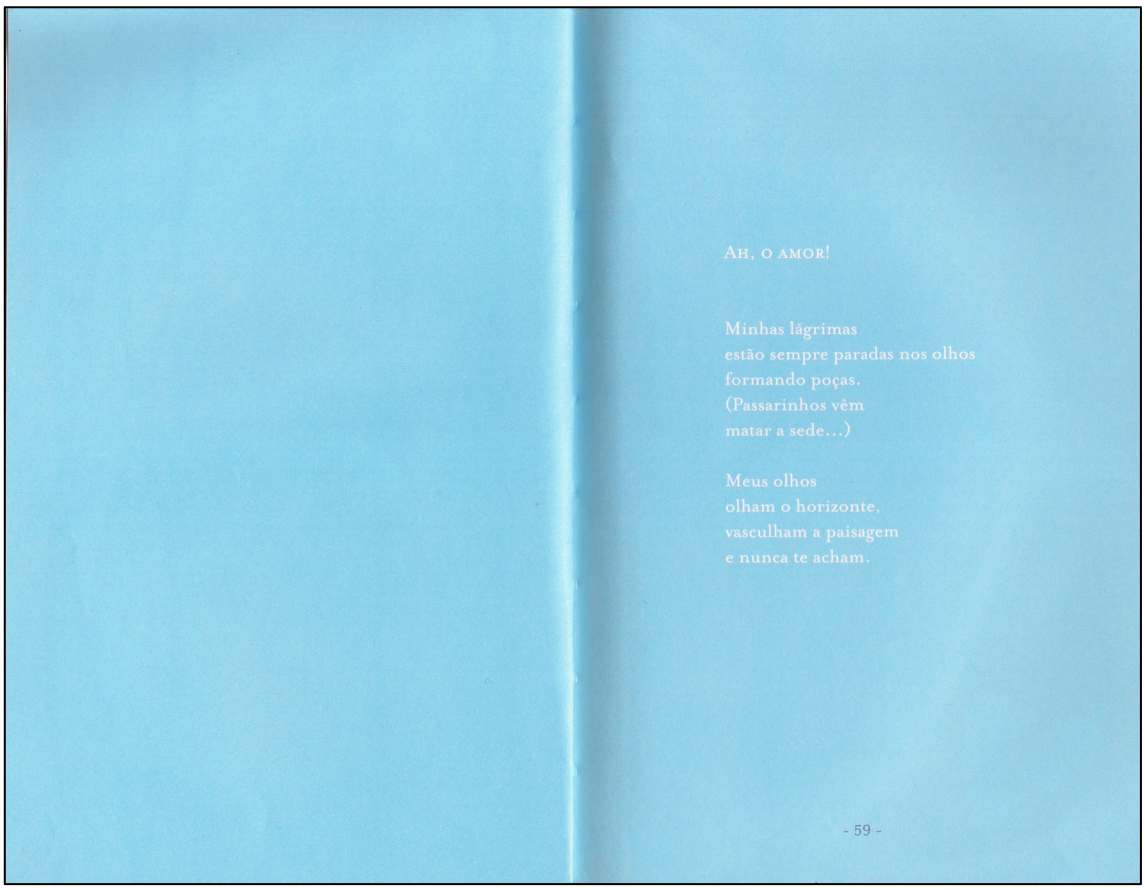
PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA



AZUIS

Agora,
mais uma vez,
o amor me percorre as veias.
Desta vez
me colorindo de azul
que é a cor
dos olhos teus.

- 57 -



AH, O AMOR!

Minhas lágrimas
estão sempre paradas nos olhos
formando poças.
(Passarinhos vêm
matar a sede...)

Meus olhos
olham o horizonte,
vasculham a paisagem
e nunca te acham.

- 59 -

Figura 18 – Páginas 4-5, 18-19, 56-57 e 58-59 do livro *Tenho um abraço para te dar*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

O formato pequeno, de 18x12 cm, dá ao objeto-livro uma característica intimista, aproximando-o de um diário e estabelecendo uma relação direta com o conteúdo de confissões amorosas explícitas em seus poemas. A paleta cromática, formada por tons de rosa, azul e roxo, permeia tipografia, ilustrações e mesmo o fundo das páginas, como pode-se observar nas imagens acima. Formando uma unidade consistente e, muitas vezes, alcançando uma relação direta com os temas e as palavras que se encontram nos poemas, o trabalho cromático se destaca no design do livro.

Apesar da grande presença de imagens, o texto exerce a função de instância primária no livro, sendo responsável pela função narrativa, com as ilustrações reportando-se de forma direta aos elementos citados no texto poético, em uma função de redundância.

A diagramação criada para o objeto trabalha, em sua maioria, com a dissociação, mas também ocorrem incidências em que texto e imagem aparecem na mesma página. Essa escolha proporcionou ritmo ao ato de leitura, que não apresenta variações da malha gráfica no passar de páginas, deixando como elementos variantes do design os conceitos de ponto, linha e plano, além do fator cromático.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

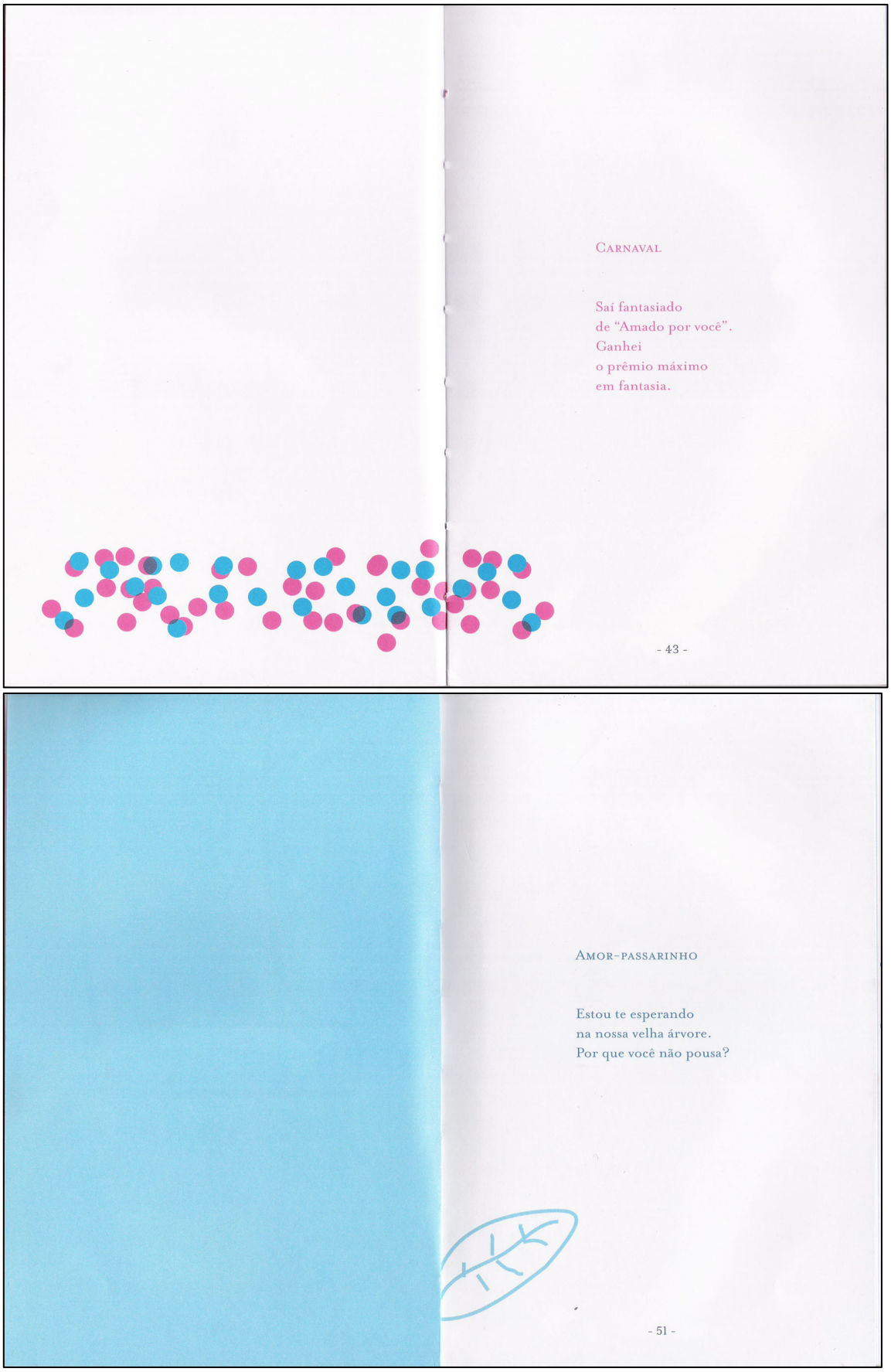


Figura 19 – Páginas 40-41, 42-43 e 50-51 do livro *Tenho um abraço para te dar*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

Percebe-se, nas páginas acima, que as ilustrações do livro são formadas pelos conceitos fundamentais de ponto, linha e plano e se utilizam da cor como elemento principal para representar os textos dos poemas.

Tenho um abraço para te dar trata de maneira poética das emoções relacionadas aos encontros e desencontros amorosos, tão típicos da juventude, demonstrando ter conteúdo textual voltado para o público de estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental. Contudo o projeto do livro, apesar de trabalhar aspectos gráficos de forma relacionada ao seu conteúdo, pouco acrescenta à experiência de leitura. Tanto ilustração quanto design não acrescentam dados ao processo de significação e nem contribuem expressivamente para a fruição do leitor, afastando-se do conceito de Design na Leitura.

4.2. *Marieta tem um dilema*

> Tem alguma coisa acontecendo, e nem é Natal ainda. Eu vou lhe dizer o que é. É alguma coisa em casa. É um Dilema. E se você não souber o que é um dilema, não se preocupe porque eu vou dizer. (...) É um PROBLEMA. Como por exemplo quando você tem uma Ieta perdida morando no seu quarto, que é exatamente o problema que eu tenho (MURRAY, 2009, p. 16).

O livro escrito e ilustrado por Martine Murray, *Marieta tem um dilema*, conta a história da menina Marieta, "futura rainha da longa e linda praia das meias perdidas" (*Ibid.*, p. 7) e de suas aventuras fantásticas, em um livro que integra conteúdo verbal e imagético, no projeto de Bruna Marchi, como identificado na tabela abaixo:

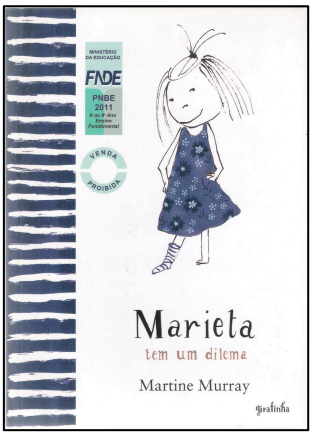


Figura 20 – Capa do livro *Marieta tem um dilema*, com texto e ilustrações de Martine Murray, editado pela Girafinha.

Análise em relação à ilustração	Livro com mais de 50% de páginas ilustradas.
Análise em relação ao diferencial gráfico	Trabalho diferenciado no formato; trabalho diferenciado na malha gráfica; trabalho tipográfico diferenciado; trabalho cromático diferenciado.
Funções do texto e da imagem	Interação entre texto e imagem como instância primária.
Relação entre texto e imagem	Relação de colaboração.
Tipologia de diagramação	Conjunção.
Elementos dos novos fundamentos do Design encontrados no livro	Ponto, linha e plano; escala; cor; malha gráfica; padronagem; diagrama.

Tabela 6 – Análise do livro *Marieta tem um dilema*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

Possuindo cerca de 76% de páginas ilustradas, em *Marieta tem um dilema* imagem e texto se fundem na apresentação da narrativa ao leitor, juntamente com diversas interferências gráficas, identificando um trabalho diferenciado no formato, na malha gráfica, na tipografia e no uso de cores.

O formato pequeno, de 13x18 cm, destaca o objeto-livro dos demais, dando-lhe característica de manuseio diferenciado, que aproxima o leitor da história.

A malha gráfica desenvolvida no projeto do livro mantém uma forte relação com o conteúdo da narrativa, permitindo que o texto se apresente à leitura de diferentes formas para melhor transmitir o enredo. O texto passeia solto pelo espaço da página, sem se ater a uma malha definida, chegando mesmo a construir uma casa de onde a personagem olha pela janela.

No projeto de interação entre conteúdo textual e conteúdo imagético, a tipografia toma também diferentes formatos e tamanhos para colaborar com a narrativa. Como pode-se observar nas imagens abaixo, frases ganham movimento de acordo com as ilustrações que acompanham, as palavras variando em tamanho, ganhando pesos diversos para exemplificar na forma a ênfase do discurso de Marieta.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

Tenho sorte de não ser bebê
pois eu GOSTO da minha dignidade,
o que significa que faço
xixi na privada e ando
feito uma rainha
e tomo sorvete
sem lambuzar o
meu rosto.

Eu GOSTO de ser outras
coisas também.

Por exemplo,
muitas vezes sou
valente e corajosa,
e de vez em quando
sou pirapirante
e intensificante
e arquieletrizante.

Se você não sabe o que isso significa, pergunte
ao seu pai, pois pais gostam de falar sobre coisas
que eles entendem.

Mas não seja bobo. Eles podem
saber muito sobre golfe e FILÓSOFOS
ALEMÃES ou como consertar
alguma coisa quebrada, mas
pais não sabem nada sobre
Ietas ou sobre plantar
bananeira, e além
e acima

disso, eles
nunca estiveram
na Longa e Linda
Praia das Meias Perdidas.

Só existe uma pessoa em todo o
velho mundão girador que pode lhe
contar sobre isso, e essa sou

Tem
alguma
coisa acontecendo, e
nem é Natal ainda. Eu vou lhe dizer
o que é. É alguma coisa em casa. É um D i l e m a.
E se você não souber o que é um dilema, não se
preocupe porque eu vou
dizer. Um Dilema não é
primo em primeiro grau
do **Pinguinjama-**
-de-bolinha, e só é
parente distante, bem
distante, do grande
Leitãozinho-
-dramático-dançante, e se por acaso você
estiver achando que poderia ser, um Dilema nem
é uma criatura. É um PROBLEMA. Como por
exemplo quando você tem uma Ieta perdida
morando no seu quarto, que é exatamente o
problema que eu tenho.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

Figura 21 – Páginas 6-7, 12-13, 16-17 e 48-49 do livro *Marieta tem um dilema*.

O padrão cromático utilizado no livro estabelece uma paleta com tons de roxo e laranja e trabalha essas duas cores secundárias, juntamente com o preto e o branco, para desenvolver a ambientação da história contada.

É a interação entre texto e imagem que se estabelece como instância primária no livro, havendo uma relação de colaboração entre os dois. Tal situação ocorre, em parte, devido à própria composição da diagramação, que foi realizada na forma de conjunção, não sendo possível separar uma linguagem da outra, nem constituir sentido com apenas uma delas. No processo de construção dessa composição podemos identificar a presença de cinco fundamentos do Design.

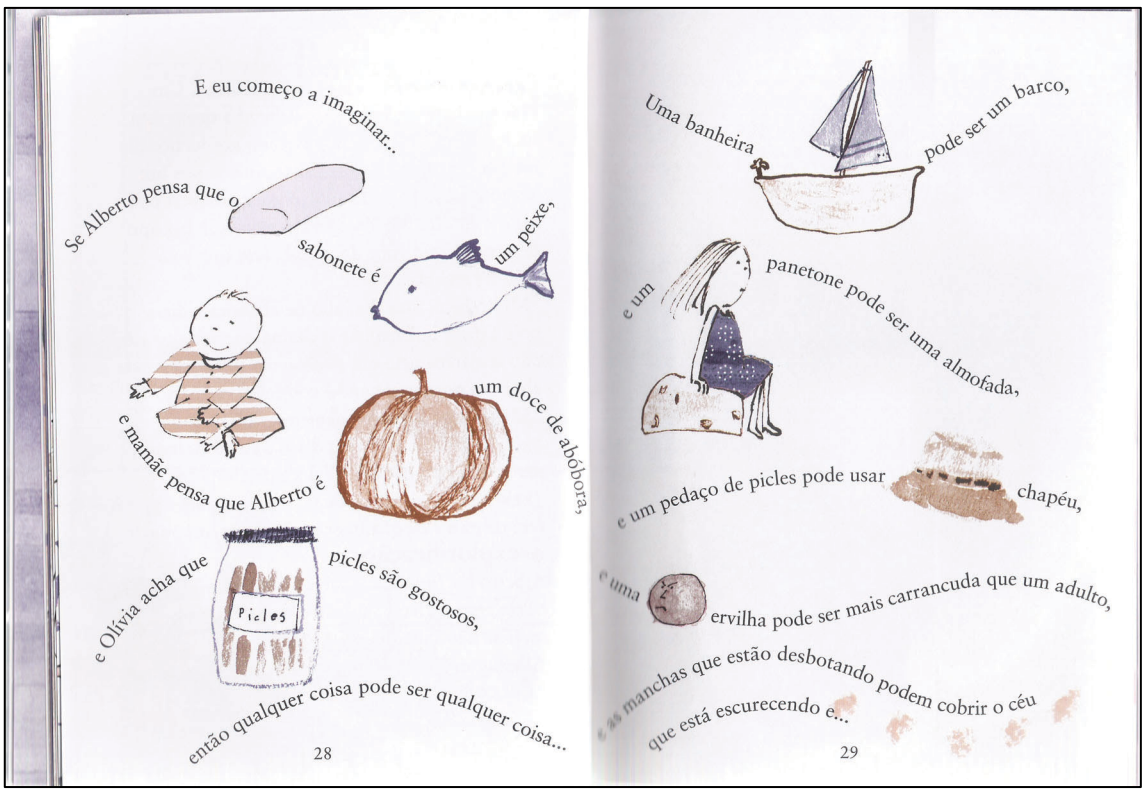
O conceito de ponto, linha e plano pode ser encontrado na disposição da tipografia e na construção da malha gráfica. Como pode ser observado nas imagens abaixo, o texto se solta de uma malha gráfica tradicional para estabelecer conexões com as ilustrações das páginas, transformando frases em fios que saem diretamente dos telefones, em linhas soltas que representam as linhas de pensamento e propiciam movimento às imaginações de Marieta, ou em planos capazes de tomar formas mais concretas, como casas ou meias.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

Telefonei para Olívia Higgie e disse: "Você não vai acreditar, mas acho que temos um DILEMA EMERGENCIAL aqui".
"Ai, minha nossa", disse Olívia Higgie, que é minha melhor amiga e que é conhecida por comer picles. "Coitadinha da Ieta. O que vamos fazer?"
"Ai, meu pai do céu", digo eu, Marieta, a imbatível. "Bem, vou entrar na banheira e vamos procurar o Pelicano da pedra e vamos perguntar a ele onde podemos encontrar uma casa para a Ieta, pois aquele Pelicano é um ocupadino que sabe exatamente quem é quem e o que é qual e como e tal e afinal e o principal..."

24

"Ocupadino? O que é um ocupadino?", perguntou Olívia Higgie.
"Um ocupadino", eu digo, fingindo não ter percebido que Olívia Higgie interrompeu minha poesia, "um ocupadino é alguém que fica parado em cima de uma pedra olhando tudo o que acontece à sua volta e que conta a qualquer pessoa qualquer coisa, e esquece de fazer exercícios ou escrever poesias, e sempre usa uma capa de chuva vermelha para que você não o confunda com um cogumelo ou com um farol."
"Ah", diz Olívia Higgie.
"A que horas a gente parte?". E eu disse: "Na hora do banho, claro".



E eu começo a imaginar...
Se Alberto pensa que o sabonete é um peixe,
e mamãe pensa que Alberto é um doce de abóbora,
e Olívia acha que picles são gostosos,
então qualquer coisa pode ser qualquer coisa...

28

Uma banheira pode ser um barco,
e um panetone pode ser uma almofada,
e um pedaço de picles pode usar chapéu,
e uma ervilha pode ser mais carrancuda que um adulto,
e as manchas que estão desbotando podem cobrir o céu que está escurecendo e...

29

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

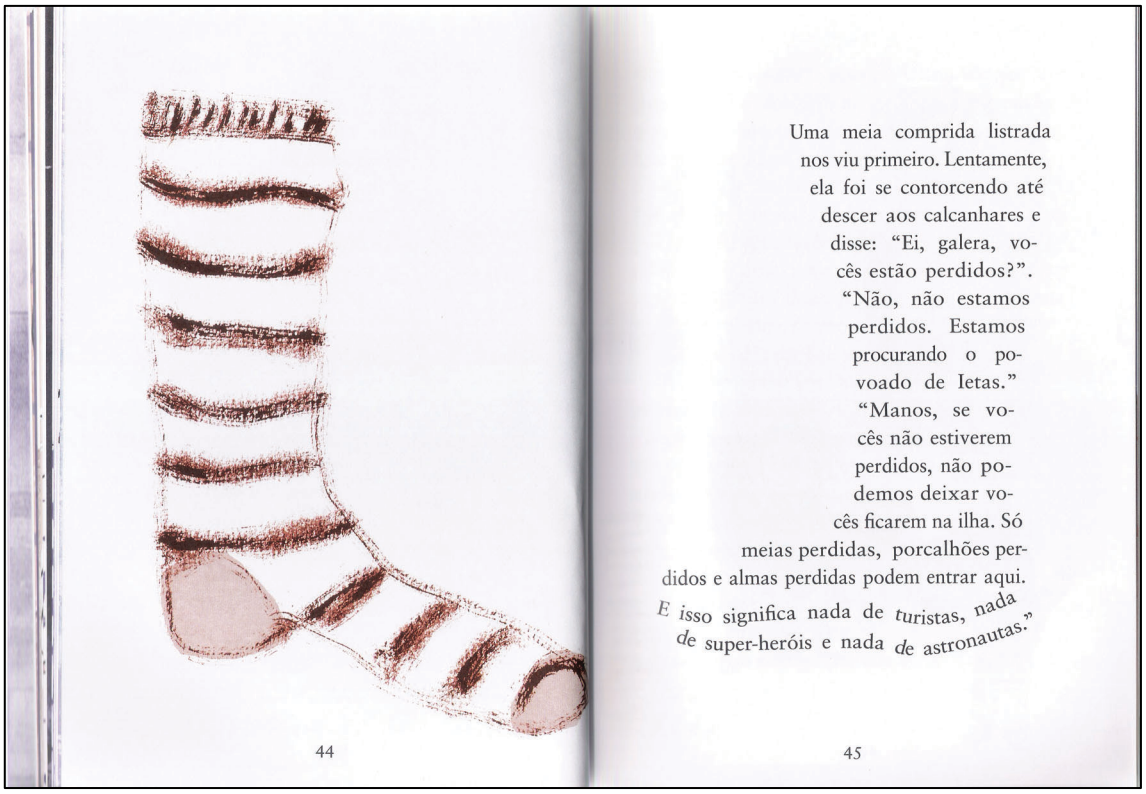


Figura 22 – Páginas 24-25, 28-29 e 44-45 do livro *Marieta tem um dilema*.

A escala pode ser observada no trabalho da tipografia, que se modifica em tamanho, peso, caixa alta, caixa baixa e fonte, para representar graficamente as entonações características do discurso oral. Na página 15, apresentada abaixo, observa-se que o tamanho e o peso da frase "Marieta, a imbatível" é bem maior do que o da frase seguinte "Por isso é melhor que você preste atenção", sugerindo a leitura em voz alta que deve ser dada ao texto, onde a primeira é uma afirmação assertiva e a segunda quase um conselho, dito em voz baixa e séria.

Outro exemplo da utilização da escala na tipografia acontece nas páginas 19, 20 e 21, onde Marieta fala do seu gosto por dizer a palavra "Caramba", que na primeira página já ganha um destaque pelo seu tamanho em relação ao restante do texto, mas na dupla de páginas seguintes ganha proporções de grande destaque, possibilitando inclusive que Marieta se pendure em suas letras.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

Marieta, a imbatível.

Por isso, é melhor que você preste atenção.

15

Você pode notar que a Ieta está mais triste que os outros, e isso é porque ela está perdida. A Ieta é um tipo particular de criatura que ajuda você a fazer palhaçadas, e Ietas certamente ficam melhores quando estão contentes. Elas PIAM quando estão contentes. Eu gosto de piar. Gosto de ouvir pios e fazer *piu-piu-piu* também. Mas o que eu mais gosto de dizer na vida é Carqaaqmmmba.

E quando você tem um Dilema, você não diz isso como se estivesse dizendo: "Ai, minha nossa, você está com um pepino e tanto...".

Você diz isso com jeito de **ai-ai-ai** e você diz...

19

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

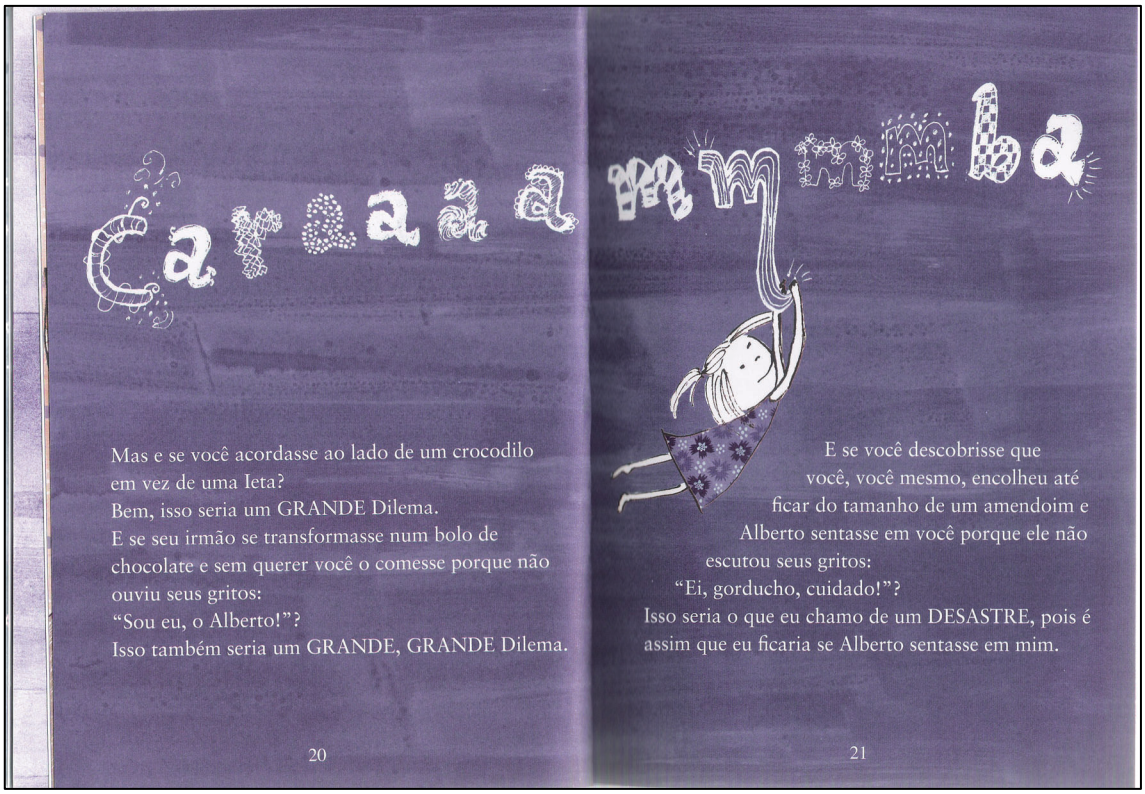


Figura 23 – Páginas 14-15, 18-19 e 20-21 do livro *Marieta tem um dilema*.

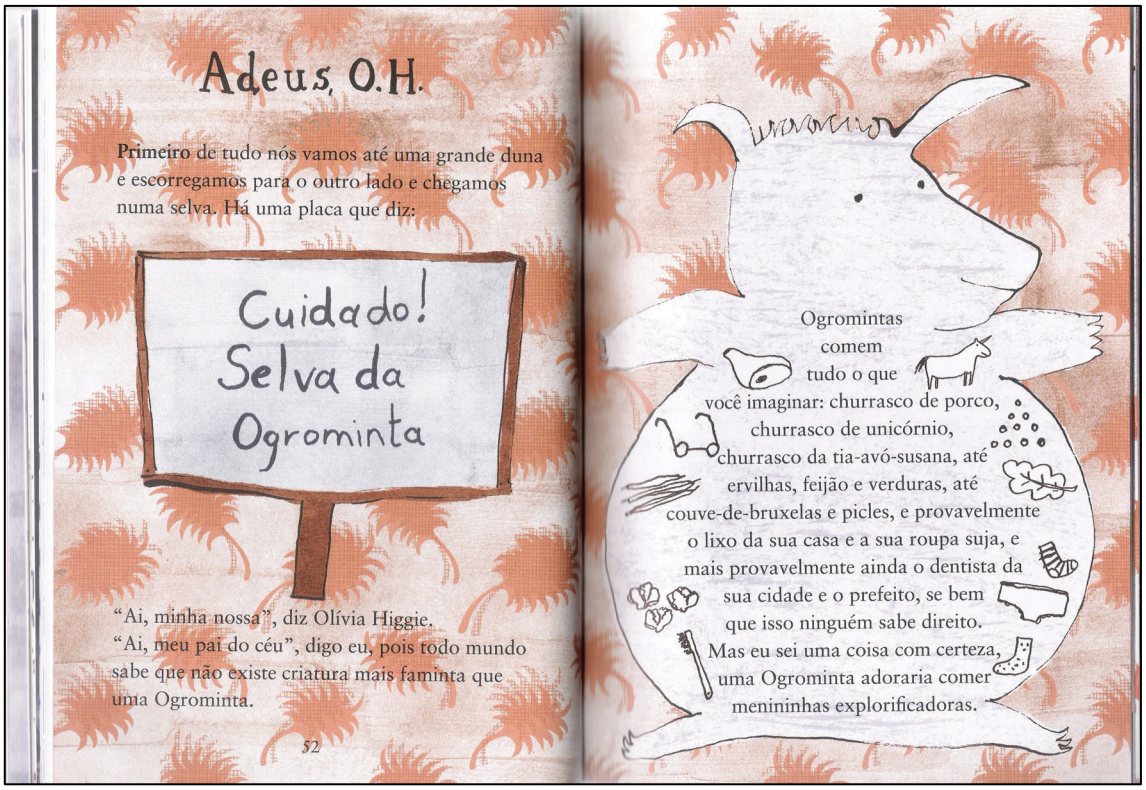
Como explicado anteriormente e observado nas imagens acima, a cor ajuda a ambientar a narrativa e cria um ritmo para a leitura, ao oscilar entre os tons de roxo e laranja, pontuados pelo branco e pelo preto.

A malha gráfica, como também explicado anteriormente, se destaca como elemento exatamente por não estabelecer uma malha convencional, feita de linhas e colunas. Em *Marieta tem um dilema*, toda a área da página funciona como um quadro, que pode ser preenchido por texto e imagem, de forma solta e livre.

Já a padronagem foi utilizada como elemento para caracterizar fundos de páginas e objetos, como os vestidos das meninas nas páginas 92 e 93 (abaixo), sempre dentro da paleta de cor estabelecida. Podemos observar também que, em um jogo visual, a mesma padronagem que estampa o fundo das página 52 e 53, onde o animal chamado de "Ogrominta" é apresentado, passa a integrar o interior da própria "Ogrominta", nas páginas 62 e 63.

E por último, o elemento de diagrama aparece em um momento particular do livro, onde se conhece o "Abominável Porcalhão", e é utilizado para apresentar de forma gráfica as características do personagem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA



Adeus, O.H.

Primeiro de tudo nós vamos até uma grande duna e escorregamos para o outro lado e chegamos numa selva. Há uma placa que diz:

Cuidado!
Selva da
Ogrominta

"Ai, minha nossa", diz Olívia Higgie.
"Ai, meu pai do céu", digo eu, pois todo mundo sabe que não existe criatura mais faminta que uma Ogrominta.

Ogrominas comem tudo o que você imaginar: churrasco de porco, churrasco de unicórnio, churrasco da tia-avó-susana, até ervilhas, feijão e verduras, até couve-de-bruxelas e picles, e provavelmente o lixo da sua casa e a sua roupa suja, e mais provavelmente ainda o dentista da sua cidade e o prefeito, se bem que isso ninguém sabe direito. Mas eu sei uma coisa com certeza, uma Ogrominta adoraria comer menininhas explorificadoras.

... surge, de verdade, um longo focinho de Ogrominta esfomeada
e ela fareja que fareja que **fareja**, e
uma orelha de Ogrominta desconfiada
ouve que **ouve** que **ouve**,
o meu coração bate que **bate** que **bate**,
e daí, ai, meu pai do céu,
uma boca de Ogrominta abre que **abre**
que **abre** e...

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

Figura 24 – Páginas 52-53, 62-63, 92-93 e 78-79 do livro *Marieta tem um dilema*.

Possuidor de um projeto de livro pensado para a fruição do leitor, *Marieta tem um dilema* apresenta um alto grau de integração entre os seus diversos conteúdos e linguagens.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

Podemos perceber pela análise realizada que todas as instâncias do livro visam alcançar a interação do leitor com o objeto por meio de uma experiência literária dinâmica, alcançando o conceito de Design na Leitura. Contudo, pareceu-nos que o tema e a linguagem do livro estejam um pouco distante do universo do jovem estudante e do momento de transformações pelo qual está passando, como descrito nos Parâmetros Curriculares Nacionais, estando o mesmo claramente direcionado para um público mais infantil.

4.3. *Poesia de cada dia*

> – Mas se você estiver com muita raiva, mas muita mesmo, escrever xingamento não ajuda. O melhor é escrever poesia. É bem mais legal. (...)
>
> Rui nunca tinha feito poesia antes, mas gostava de ler poemas. Olhou para o caderno e a caneta em suas mãos e escreveu (...) (RIOS, 2009, p. 5).

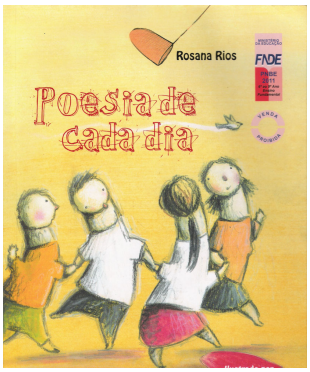


Figura 25 – Capa do livro *Poesia de cada dia,* com texto de Rosana Rios e ilustrações de Elma, editado pela Mundo Mirim.

Ao contar a história do menino Rui, que aprende com a colega Rita a escrever poemas para lidar com seus sentimentos, Rosana Rios mescla em seu texto a prosa e a poesia. Com as ilustrações de Elma e o projeto gráfico de Gledson Zifssak, as aventuras desses dois personagens apresentam-se entre a alegria da descoberta de uma nova expressão e a investigação para saber quem é o verdadeiro responsável pelas artes que lhes renderam as advertências da diretora.

Segue a tabela de análise correspondente:

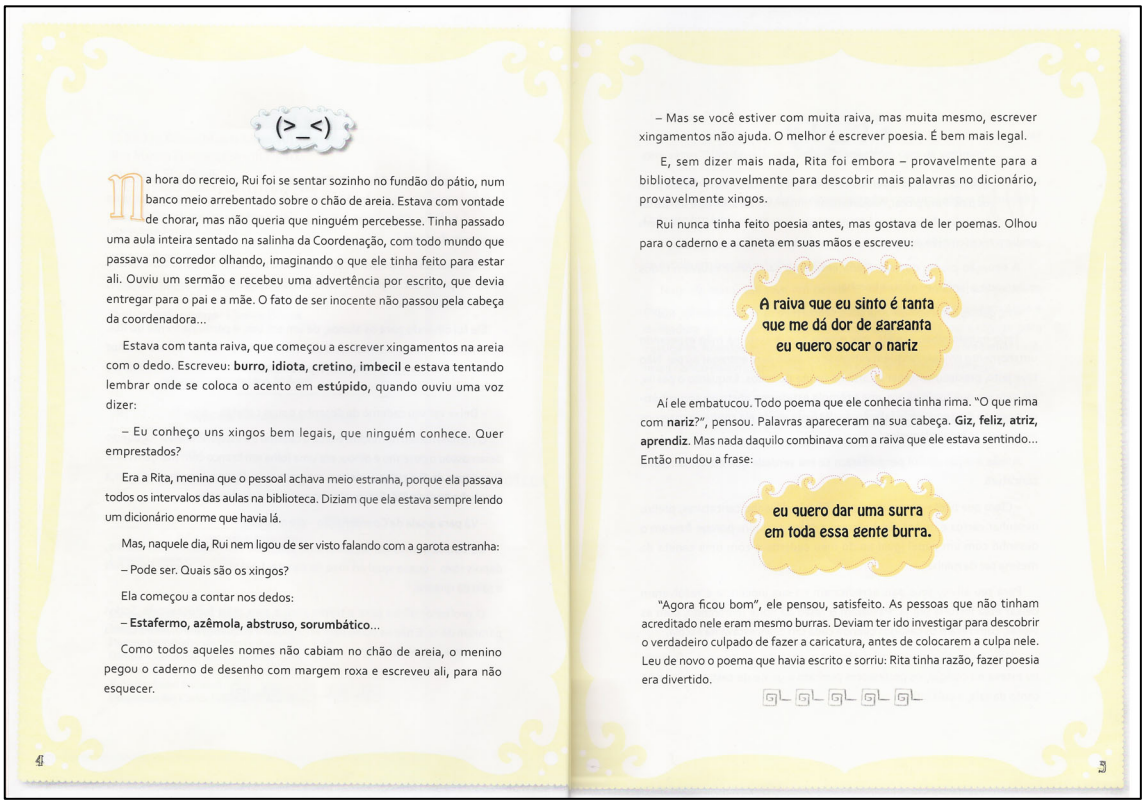
Análise em relação à ilustração	Livro com 25% a 50% de páginas ilustradas.
Análise em relação ao diferencial gráfico:	Trabalho tipográfico diferenciado; trabalho cromático diferenciado.
Funções do texto e da imagem	Texto como instância primária.
Relação entre texto e imagem	Relação de redundância.
Tipologia de diagramação:	Associação.
Elementos dos novos fundamentos do Design encontrados no livro	Escala; cor; hierarquia.

Tabela 7 – Análise do livro *Poesia de cada dia*.

Tendo cerca de 32% de suas páginas com a presença de imagens, *Poesia de cada dia* possui um projeto gráfico que

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

destaca o uso da tipografia e das cores para mediar a narrativa.



(>_<)

Na hora do recreio, Rui foi se sentar sozinho no fundão do pátio, num banco meio arrebentado sobre o chão de areia. Estava com vontade de chorar, mas não queria que ninguém percebesse. Tinha passado uma aula inteira sentado na salinha da Coordenação, com todo mundo que passava no corredor olhando, imaginando o que ele tinha feito para estar ali. Ouviu um sermão e recebeu uma advertência por escrito, que devia entregar para o pai e a mãe. O fato de ser inocente não passou pela cabeça da coordenadora...

Estava com tanta raiva, que começou a escrever xingamentos na areia com o dedo. Escreveu: **burro**, **idiota**, **cretino**, **imbecil** e estava tentando lembrar onde se coloca o acento em **estúpido**, quando ouviu uma voz dizer:

– Eu conheço uns xingos bem legais, que ninguém conhece. Quer emprestados?

Era a Rita, menina que o pessoal achava meio estranha, porque ela passava todos os intervalos das aulas na biblioteca. Diziam que ela estava sempre lendo um dicionário enorme que havia lá.

Mas, naquele dia, Rui nem ligou de ser visto falando com a garota estranha:

– Pode ser. Quais são os xingos?

Ela começou a contar nos dedos:

– **Estafermo**, **azêmola**, **abstruso**, **sorumbático**...

Como todos aqueles nomes não cabiam no chão de areia, o menino pegou o caderno de desenho com margem roxa e escreveu ali, para não esquecer.

4

– Mas se você estiver com muita raiva, mas muita mesmo, escrever xingamentos não ajuda. O melhor é escrever poesia. É bem mais legal.

E, sem dizer mais nada, Rita foi embora – provavelmente para a biblioteca, provavelmente para descobrir mais palavras no dicionário, provavelmente xingos.

Rui nunca tinha feito poesia antes, mas gostava de ler poemas. Olhou para o caderno e a caneta em suas mãos e escreveu:

A raiva que eu sinto é tanta
que me dá dor de garganta
eu quero socar o nariz

Aí ele embatucou. Todo poema que ele conhecia tinha rima. "O que rima com **nariz**?", pensou. Palavras apareceram na sua cabeça. **Giz**, **feliz**, **atriz**, **aprendiz**. Mas nada daquilo combinava com a raiva que ele estava sentindo... Então mudou a frase:

eu quero dar uma surra
em toda essa gente burra.

"Agora ficou bom", ele pensou, satisfeito. As pessoas que não tinham acreditado nele eram mesmo burras. Deviam ter ido investigar para descobrir o verdadeiro culpado de fazer a caricatura, antes de colocarem a culpa nele. Leu de novo o poema que havia escrito e sorriu: Rita tinha razão, fazer poesia era divertido.

5

(´_`)

O que não foi nada divertido foi entregar a carta de advertência para os pais. Para piorar, naquela noite tinham visita: uma tia e um tio da sua mãe. Rui e sua irmã Riana achavam os tios legais, mas eles bem podiam ter escolhido outra noite para aparecer...

A situação piorou quando Riana entrou na sala, onde estavam todos esperando o jantar, e soltou a bomba:

– Ih, gente, o Rui tomou uma advertência hoje na escola. Não foi, Rui?

Todo mundo olhou pra ele, que estava com a carta na mão esperando um momento em que ninguém estivesse olhando para entregar ao pai. Não teve jeito, precisou entregar a carta na frente de todos. Enquanto o pai lia, ele pensava que sua irmã era uma **acêmola estaferma abstrusa sorumbática** e que no dia seguinte ia falar com a Rita pra ver se ela conhecia mais uns xingamentos legais daqueles.

A mãe e o pai do Rui perguntaram se era verdade que ele tinha feito a caricatura.

– Claro que não! – ele respondeu. – Eu não desenho caricaturas, prefiro desenhar carros e motos. Só botaram a culpa em mim porque fizeram o desenho com um papel igual ao do meu caderno e com uma caneta da mesma cor da minha...

Para seu alívio, seus pais acreditaram na sua inocência e resolveram deixar essa história pra lá. Passaram o resto da noite lembrando, com as visitas, como eram os castigos quando cada um deles estava na escola.

– Hoje, as escolas enviam advertências por escrito – disse o pai. – Quando eu estava no colégio, os professores punham a gente de castigo em pé no canto da sala, a aula inteira.

6

– Só isso? – lembrou a mãe. – Na minha escola, a gente tinha de escrever o assunto do castigo cem vezes. Por exemplo, você, Rui, teria de escrever cem vezes "Não devo desenhar o professor com cara de vampiro"...

– Vocês pegaram os tempos modernos – disse a tia. – No meu tempo, a professora batia na mão dos malcomportados com uma régua de madeira. Doía um bocado!

– Não tanto como ficar ajoelhado no milho, como faziam com os alunos na escola em que eu estudei – rebateu o tio.

Naquela noite, Rui teve um pesadelo horroroso. Sonhou que estudava num colégio muito escuro, em que todos os professores usavam capa e dentadura de vampiro e estavam procurando por ele com réguas para castigá-lo. Acordou feliz da vida por ter sido só um sonho e foi tomar café, imaginando palavras que rimavam com café, leite, pão e manteiga.

7

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

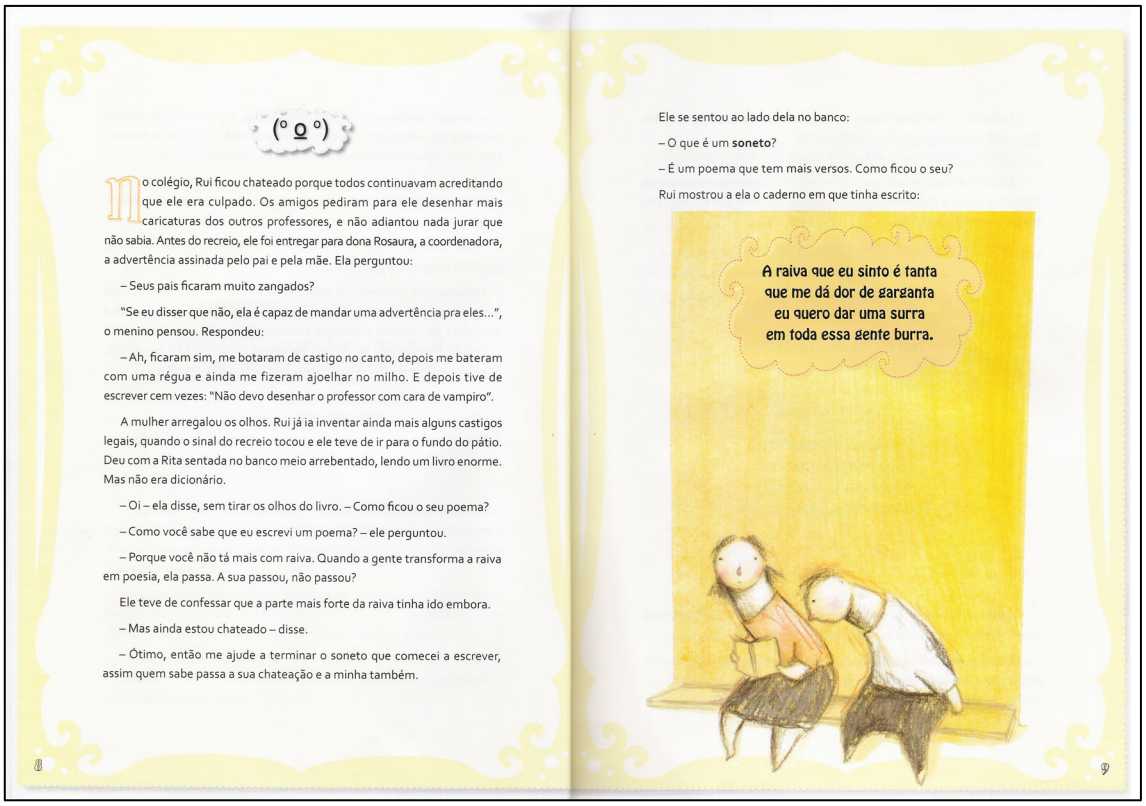


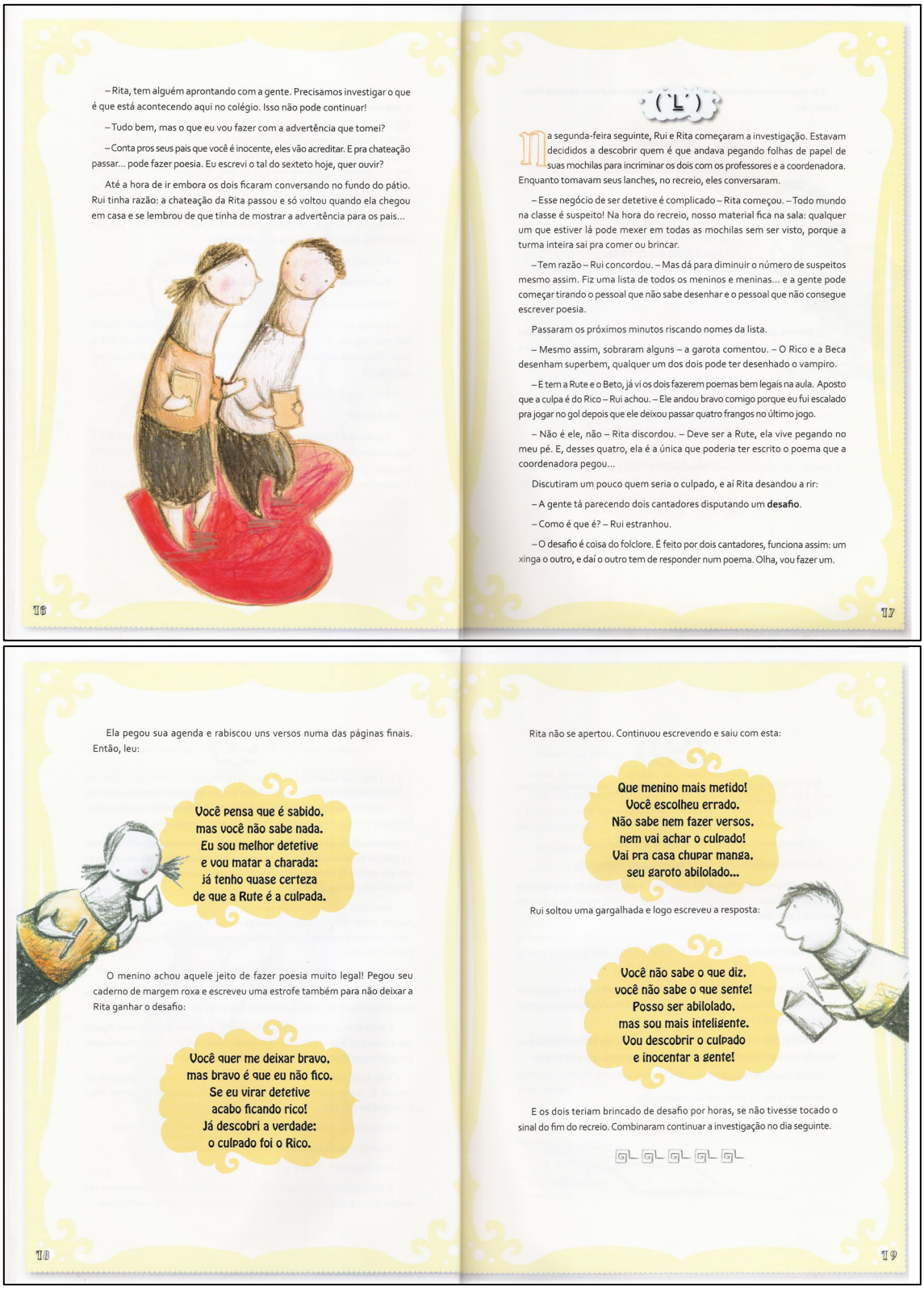
Figura 26 – Páginas 4-5, 6-7 e 8-9 do livro *Poesia de cada dia*.

Como pode-se observar nas imagens acima, a variação da fonte utilizada diferencia o texto em prosa das poesias que Rui e Rita vão escrevendo no decorrer da história. Com a fonte mais arredondada, com corpo maior e em *bold*, o texto poético ganha destaque na composição da página, aspecto reforçado pela alteração no fundo da página e pela cercadura utilizada.

Outro uso diferenciado da tipografia pode ser identificado nas composições de ilustrações tipográficas no topo das páginas, onde sinais tomam a forma de rostos e demonstram expressões faciais, conforme o uso contemporâneo na Internet, possibilitando mais um nível de interação do leitor com o texto e transportando para o objeto-livro as formas coloquiais de comunicação.

A paleta cromática desenvolvida para o livro também se destaca. Por trabalhar, além da cor preta, apenas com tons quentes entre o amarelo e o laranja, tanto nas ilustrações quanto na composição das páginas, o livro mantém harmonia constante.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA



– Rita, tem alguém aprontando com a gente. Precisamos investigar o que é que está acontecendo aqui no colégio. Isso não pode continuar!

– Tudo bem, mas o que eu vou fazer com a advertência que tomei?

– Conta pros seus pais que você é inocente, eles vão acreditar. E pra chateação passar... pode fazer poesia. Eu escrevi o tal do sexteto hoje, quer ouvir?

Até a hora de ir embora os dois ficaram conversando no fundo do pátio. Rui tinha razão: a chateação da Rita passou e só voltou quando ela chegou em casa e se lembrou de que tinha de mostrar a advertência para os pais...

16

Na segunda-feira seguinte, Rui e Rita começaram a investigação. Estavam decididos a descobrir quem é que andava pegando folhas de papel de suas mochilas para incriminar os dois com os professores e a coordenadora. Enquanto tomavam seus lanches, no recreio, eles conversaram.

– Esse negócio de ser detetive é complicado – Rita começou. – Todo mundo na classe é suspeito! Na hora do recreio, nosso material fica na sala: qualquer um que estiver lá pode mexer em todas as mochilas sem ser visto, porque a turma inteira sai pra comer ou brincar.

– Tem razão – Rui concordou. – Mas dá para diminuir o número de suspeitos mesmo assim. Fiz uma lista de todos os meninos e meninas... e a gente pode começar tirando o pessoal que não sabe desenhar e o pessoal que não consegue escrever poesia.

Passaram os próximos minutos riscando nomes da lista.

– Mesmo assim, sobraram alguns – a garota comentou. – O Rico e a Beca desenham superbem, qualquer um dos dois pode ter desenhado o vampiro.

– E tem a Rute e o Beto, já vi os dois fazerem poemas bem legais na aula. Aposto que a culpa é do Rico – Rui achou. – Ele andou bravo comigo porque eu fui escalado pra jogar no gol depois que ele deixou passar quatro frangos no último jogo.

– Não é ele, não – Rita discordou. – Deve ser a Rute, ela vive pegando no meu pé. E, desses quatro, ela é a única que poderia ter escrito o poema que a coordenadora pegou...

Discutiram um pouco quem seria o culpado, e aí Rita desandou a rir:

– A gente tá parecendo dois cantadores disputando um **desafio**.

– Como é que é? – Rui estranhou.

– O desafio é coisa do folclore. É feito por dois cantadores, funciona assim: um xinga o outro, e daí o outro tem de responder num poema. Olha, vou fazer um.

17

Ela pegou sua agenda e rabiscou uns versos numa das páginas finais. Então, leu:

Você pensa que é sabido,
mas você não sabe nada.
Eu sou melhor detetive
e vou matar a charada:
já tenho quase certeza
de que a Rute é a culpada.

O menino achou aquele jeito de fazer poesia muito legal! Pegou seu caderno de margem roxa e escreveu uma estrofe também para não deixar a Rita ganhar o desafio:

Você quer me deixar bravo,
mas bravo é que eu não fico.
Se eu virar detetive
acabo ficando rico!
Já descobri a verdade:
o culpado foi o Rico.

18

Rita não se apertou. Continuou escrevendo e saiu com esta:

Que menino mais metido!
Você escolheu errado.
Não sabe nem fazer versos,
nem vai achar o culpado!
Vai pra casa chupar manga,
seu garoto abilolado...

Rui soltou uma gargalhada e logo escreveu a resposta:

Você não sabe o que diz,
você não sabe o que sente!
Posso ser abilolado,
mas sou mais inteligente.
Vou descobrir o culpado
e inocentar a gente!

E os dois teriam brincado de desafio por horas, se não tivesse tocado o sinal do fim do recreio. Combinaram continuar a investigação no dia seguinte.

19

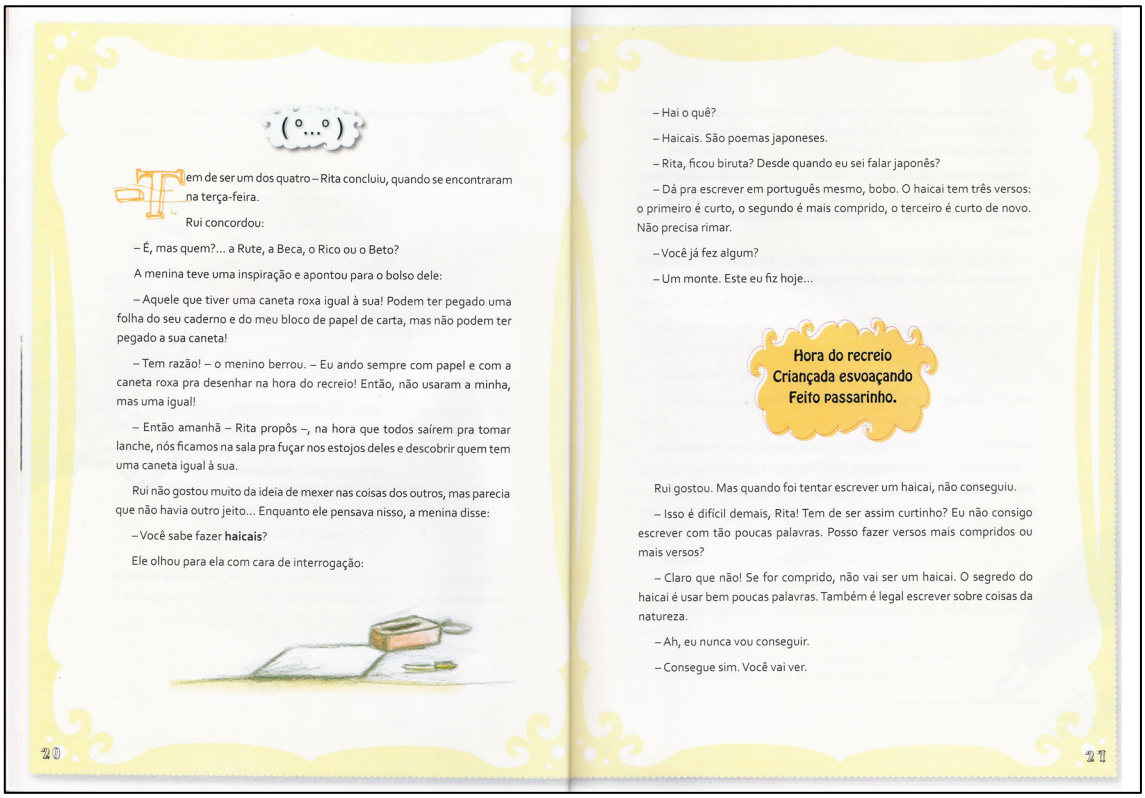
Figura 27 – Páginas 16-17 e 18-19 do livro *Poesia de cada dia*.

Devido à primazia do texto na função narrativa do livro, ele foi identificado como instância primária, sendo a sua relação com a imagem identificada como relação de redundância, pois as ilustrações replicam as informações do

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

texto. Já a diagramação do livro foi realizada de forma associativa, com texto e imagem dividindo o espaço da página na grande maioria das vezes.

Para a composição do design do livro foram utilizados os conceitos de escala, cor e hierarquia. No início de cada sessão, marcada pela presença das ilustrações tipográficas no topo da página, foram utilizadas capitulares na cor laranja, em uma fonte diferente do restante do texto e apenas com o traço de seu contorno. A escala pode ser identificada na utilização dessas capitulares, que modificam as proporções do texto e oscilam entre o uso de letras maiúsculas e minúsculas, como pode-se observar nas imagens abaixo, reforçando o trabalho diferenciado na tipografia do livro.



(°...°)

Tem de ser um dos quatro – Rita concluiu, quando se encontraram na terça-feira.

Rui concordou:

– É, mas quem?... a Rute, a Beca, o Rico ou o Beto?

A menina teve uma inspiração e apontou para o bolso dele:

– Aquele que tiver uma caneta roxa igual à sua! Podem ter pegado uma folha do seu caderno e do meu bloco de papel de carta, mas não podem ter pegado a sua caneta!

– Tem razão! – o menino berrou. – Eu ando sempre com papel e com a caneta roxa pra desenhar na hora do recreio! Então, não usaram a minha, mas uma igual!

– Então amanhã – Rita propôs –, na hora que todos saírem pra tomar lanche, nós ficamos na sala pra fuçar nos estojos deles e descobrir quem tem uma caneta igual à sua.

Rui não gostou muito da ideia de mexer nas coisas dos outros, mas parecia que não havia outro jeito... Enquanto ele pensava nisso, a menina disse:

– Você sabe fazer **haicais**?

Ele olhou para ela com cara de interrogação:

20

– Hai o quê?

– Haicais. São poemas japoneses.

– Rita, ficou biruta? Desde quando eu sei falar japonês?

– Dá pra escrever em português mesmo, bobo. O haicai tem três versos: o primeiro é curto, o segundo é mais comprido, o terceiro é curto de novo. Não precisa rimar.

– Você já fez algum?

– Um monte. Este eu fiz hoje...

Hora do recreio
Criançada esvoaçando
Feito passarinho.

Rui gostou. Mas quando foi tentar escrever um haicai, não conseguiu.

– Isso é difícil demais, Rita! Tem de ser assim curtinho? Eu não consigo escrever com tão poucas palavras. Posso fazer versos mais compridos ou mais versos?

– Claro que não! Se for comprido, não vai ser um haicai. O segredo do haicai é usar bem poucas palavras. Também é legal escrever sobre coisas da natureza.

– Ah, eu nunca vou conseguir.

– Consegue sim. Você vai ver.

21

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

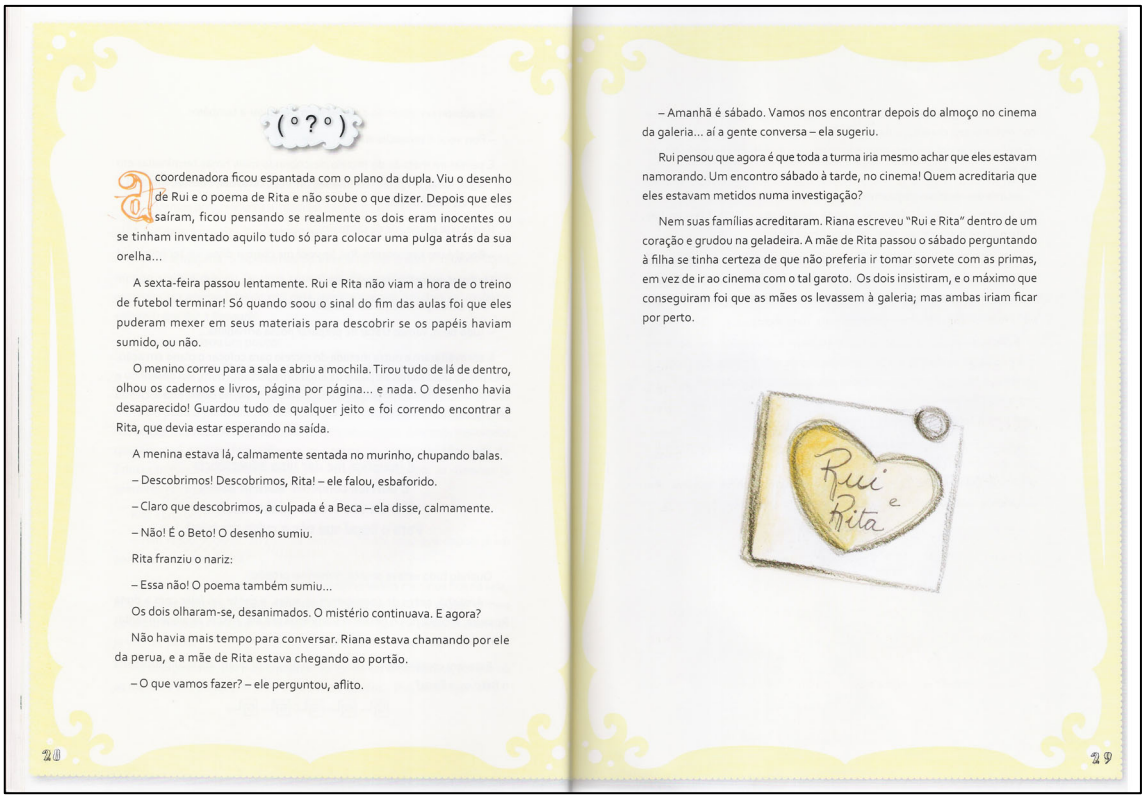


Figura 28 – Páginas 20-21 e 28-29 do livro *Poesia de cada dia*.

A cor, como já mencionado anteriormente, se destaca como elemento por manter uma paleta restrita aos tons de amarelo e laranja, proporcionando unidade e harmonia para o objeto-livro.

O conceito de hierarquia pode ser identificado na organização visual dada aos diferentes textos, prosa e poesia, que dividem a página e compõem de forma conjunta a narrativa. A hierarquia foi trabalhada por meio da própria tipografia, que, como também já foi dito, utiliza diferentes fontes, com variação de tamanho e de peso para diferenciar os textos.

O desenrolar da narrativa em *Poesia de cada dia* coloca o leitor em contato com o mundo poético e suas possibilidade criativas, parecendo adequar-se ao público de jovens estudantes, apesar de os conflitos tratados na história serem simples e também acessíveis a uma faixa etária mais nova.

Mesmo com alguns elementos do seu design em destaque e com apresentação gráfica que não apresenta problemas para a legibilidade, não existe um diálogo entre as linguagens formadoras e nem uma unidade do objeto-livro, não sendo possível identificar em seu projeto a ideia de um Design na Leitura.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

4.4. *O mistério do fundo do pote*[19]

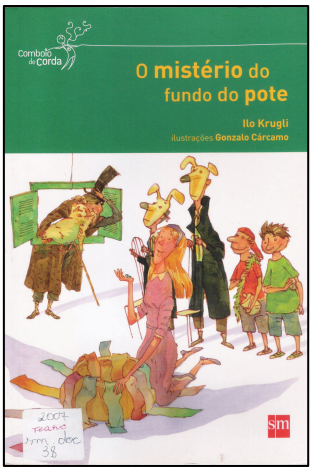


Figura 29 – Capa do livro *O mistério do fundo do pote*, com texto de Ilo Krugli e ilustrações de Gonçalo Cárcamo, editado pela Comboio de Corda.

> Senhoras e senhores, vocês vão ver e ouvir a história do mistério do fundo do pote... Ou de como nasceu a fome... (*pausa*) Já amanheceu? Falta pouco... Já é hora de contar a minha história... A minha história nasce... e morre como o sol... e se cala quando aparece a primeira estrela. (*para a platéia*) Entrem, amigos... Eu conto esta história todos os dias... Ela é da época em que nem tudo o que existia precisava ser explicado. Existia o mistério, e nós, os cegos, é que cuidávamos dele. Hoje em dia, o mistério se acabou e perdemos o ofício (KRUGLI, 2007, p. 14)**.**

O livro de Ilo Krugli, com ilustrações de Gonçalo Cárcamo e com projeto gráfico sem autor identificado, se utiliza de elementos gráficos para apresentar em papel impresso o texto feito para ser ouvido e visto em palcos, como pode-se constatar na análise abaixo:

Análise em relação à ilustração	Livro com 25% a 50% de páginas ilustradas.
Análise em relação ao diferencial gráfico	Trabalho tipográfico diferenciado; trabalho cromático diferenciado.
Funções do texto e da imagem	Texto como instância primária.
Relação entre texto e imagem	Relação de redundância.
Tipologia de diagramação	Associação.
Elementos dos novos fundamentos do Design encontrados no livro	Cor; hierarquia.

Tabela 8 – Análise do livro *O mistério do fundo do pote*.

Tendo aproximadamente 35% de suas páginas com a presença de imagens, as ilustrações de *O mistério do fundo do pote* ajudam a caracterizar a história, os personagens e suas ações.

Para a organização do conteúdo textual, que, pela especificidade do gênero, apresenta diversos tipos de informações, como falas, descrição de cenário, descrição de ações etc., o projeto gráfico desenvolvido se utiliza de um trabalho tipográfico e cromático diferenciado.

[19] As imagens desta obra foram retiradas de exemplar pertencente à biblioteca do Programa de Alfabetização e Leitura da Universidade Federal Fluminense (PROALE/ UFF), após verificação de que não existem diferenças relevantes em relação ao projeto gráfico ou a qualquer das categorias avaliadas entre esse exemplar e a edição publicada para o PNBE, exceto pela presença do selo do programa na capa do livro.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

Personagens

ROSA É a heroína da história: bonita, carinhosa com seus irmãos menores e com os demais personagens.

SETEMBRINO Cego que capta o que ninguém mais percebe. Guardião do mistério do pote, ele é a memória viva de um tempo em que nem tudo precisava ser explicado.

CORAÇÃO, DOMINGO E SEGUNDA Ajudantes de Setembrino, aprendizes de cego.

BENITO E CRAVO Irmãos de Rosa, criados por ela. São dois moleques com a vivacidade e a alegria próprias das crianças.

JOANA Amiga de Rosa. Ao contrário desta, deixa-se levar pela ganância e coloca o próprio interesse acima do bem comum.

VELHA VIZINHA Fofoqueira, sempre de olho na vida alheia.

POMBA Símbolo da dimensão espiritual, da magia e do milagre. Pode ser representada por um pedaço de papel ou de pano branco, semitransparente, movido pelas mãos de uma atriz.

GOVERNADORA Encarna o poder, a autoridade exercida de modo excessivo e a ambição sem limites.

JOSÉ Namorado de Rosa. Maquinista de trem, ele chega a Três Saudades trazido pelo progresso econômico.

MERCADOR DO RISO AMARELO Personagem algo demoníaco, que invade a vila e tenta comercializar não somente farinhas e sementes, manipulando também os sentimentos e se aproveitando das fraquezas dos outros.

CÃES FAREJADORES 1 E 2 Empregados do Mercador do Riso Amarelo que se põem a serviço da Governadora. Os atores que os interpretam usam máscaras de cachorro.

LOCUTOR E DIRETOR DA RÁDIO Ator que interpreta a radionovela, irradiada do coreto. Aparece também em outro espaço, dentro da rádio.

PERSONAGENS DOS BLOCOS E DAS FESTAS Acompanham as procissões e festejos e também formam o trem conduzido por José.

PIANISTA DO CINEMA Responsável pelo acompanhamento musical do filme, também pode fazer a trilha sonora para a radionovela.

Prólogo

Entre paredes em ruínas, o cenário do prólogo é composto por uma porta, uma janela caída e um cartaz onde se lê Casa dos Grãos. No chão, potes de cerâmica quebrados. Ao fundo, uma cidade com luzes piscando.

Entra Setembrino.

SETEMBRINO
Senhoras e senhores, vocês vão ver e ouvir a história do mistério do fundo do pote... Ou de como nasceu a fome... (*pausa*) Já amanheceu? Falta pouco... Já é hora de contar a minha história... A minha história nasce... e morre como o sol... e se cala quando aparece a primeira estrela. (*para a platéia*) Entrem, amigos... Eu conto esta história todos os dias... Ela é da época em que nem tudo o que existia precisava ser explicado. Existia o mistério, e nós, os cegos, é que cuidávamos dele. Hoje em dia, o mistério se acabou e perdemos o ofício. Eu sou o cego Setembrino.

Entram crianças, velhos e até alguns bichos. Uns ficam mais no palco e outros mais na platéia.

SETEMBRINO
Vocês vão ver e ouvir a história do mistério. Eu (*pausa*) vou apenas tocá-la. Tocar a história, tocar o passado, tocar as lembranças... (*tira os óculos escuros e estende os braços, como se tentasse tocar alguma coisa*) Parece que temos público... (*procura o público e chama*) Coração! Domingo! Segunda!

Entram três músicos cegos.

SETEMBRINO
Eu quero saber como é o público... (*apresenta os amigos ao público*) Meus ajudantes... (*aponta alguém da platéia, que os ajudantes passam a apalpar*) Aqui à minha direita, tem um casaco bem grosso...

CORAÇÃO
É uma tia que tem frio e está sorrindo...

DOMINGO
Não é uma tia! É uma sobrinha, e não está sorrindo, está... está triste...

SEGUNDA
Como é que você sabe?

DOMINGO
Pelo cabelo suave e quentinho, e porque se chama Elisa...

SEGUNDA
Setembrino! Venha rápido, venha ver! (*corrigindo a gafe*) Quer dizer, venha tocar...

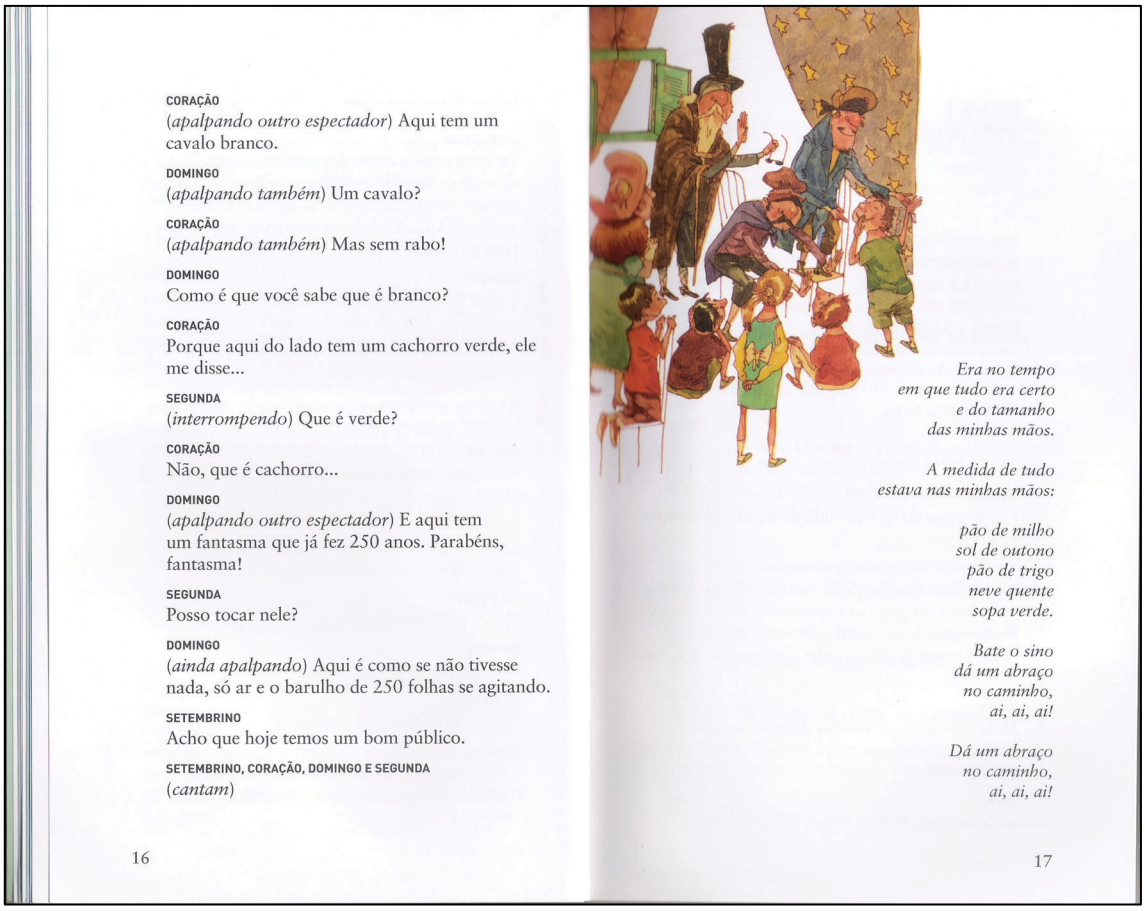
SETEMBRINO
Quem é? Pergunte o nome...

SEGUNDA
O nome não importa, porque é uma rainha.

CORAÇÃO
(*apalpando*) Mas não tem coroa!

SEGUNDA
Não precisa. Tem cabeça e mãos de rainha, e um coração que às vezes diz... sim!, e às vezes... não!

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA



CORAÇÃO
(*apalpando outro espectador*) Aqui tem um cavalo branco.

DOMINGO
(*apalpando também*) Um cavalo?

CORAÇÃO
(*apalpando também*) Mas sem rabo!

DOMINGO
Como é que você sabe que é branco?

CORAÇÃO
Porque aqui do lado tem um cachorro verde, ele me disse...

SEGUNDA
(*interrompendo*) Que é verde?

CORAÇÃO
Não, que é cachorro...

DOMINGO
(*apalpando outro espectador*) E aqui tem um fantasma que já fez 250 anos. Parabéns, fantasma!

SEGUNDA
Posso tocar nele?

DOMINGO
(*ainda apalpando*) Aqui é como se não tivesse nada, só ar e o barulho de 250 folhas se agitando.

SETEMBRINO
Acho que hoje temos um bom público.

SETEMBRINO, CORAÇÃO, DOMINGO E SEGUNDA
(*cantam*)

16

Era no tempo
em que tudo era certo
e do tamanho
das minhas mãos.

A medida de tudo
estava nas minhas mãos:

pão de milho
sol de outono
pão de trigo
neve quente
sopa verde.

Bate o sino
dá um abraço
no caminho,
ai, ai, ai!

Dá um abraço
no caminho,
ai, ai, ai!

17

Figura 30 – Páginas 10-11, 14-15 e 16-17 do livro *O mistério do fundo do pote*.

Como pode-se observar nas imagens acima, tipografia e cor trabalham de forma conjunta para permitir que o leitor identifique as diferenças entre cada conteúdo apresentado. A utilização de fontes diferentes para o nome do personagem (fonte sem serifa e bold), para a sua fala (fonte serifada com peso normal) e para a descrição das ações (fonte serifada em itálico) proporciona conforto e fácil compreensão ao ato de leitura. Já a utilização do azul como cor auxiliar para o texto, separando as descrições do cenário e do contexto da cena das falas dos personagens, permite organizar e harmonizar os conteúdos, além de proporcionar ritmo para a leitura.

Outro exemplo do trabalho diferenciado na tipografia e nas cores é encontrado na parte final do livro, que se propõe a examinar "(...) um pouco mais de perto a estrutura da peça e a natureza dos problemas de que ela trata (...)"(KRUGLI, 2007, p. 14).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

Pensando a Cena

O vilarejo de Três Saudades ficou longe, sumiu na linha do horizonte. Mas as peripécias de Rosa (às voltas com a magia dos potes e o amor de José); a intuição de Setembrino (e seus aprendizes de cego) e os conflitos trazidos pelo progresso econômico e pela modernização (agravados pela cobiça dos governantes e mercadores) vão ficar na sua memória, caro leitor. Que tal agora examinarmos um pouco mais de perto a estrutura da peça e a natureza dos problemas de que ela trata?

A magia dos grãos

Segundo nos informa Ilo Krugli, autor desta peça, a história de *O mistério do fundo do pote* foi inspirada, entre outras coisas, em uma superstição, ou melhor, uma simpatia destinada a garantir fartura e prosperidade – o costume de não deixar que os potes em que guardamos arroz, feijão, farinha e outros mantimentos se esvaziem de tudo, para que o fundo dos recipientes nunca fique à mostra. Dessa maneira, evitando o vazio dos potes, evitaríamos também o vazio da fome e da penúria.

Comer lentilhas no ano-novo, guardar na carteira sementes de romã, espalhar pelos cantos da casa moedas e grãos de milho... há uma porção de práticas rituais que utilizam grãos dos mais

diversos tipos como símbolo ou talismã de fertilidade e abundância. O que elas guardam em comum é certa proximidade da natureza e a crença no poder de intervir no curso das coisas por meios mágicos, encantatórios.

A sobrevivência dos ritos tradicionais de origem agrária em um mundo desencantado (isto é, sob o domínio cada vez maior da razão e da técnica) é um dos pontos-chave da história que você leu aqui. A festa dos telhados, em que se dá de comer ao vento que sopra sobre as casas, ou aquela em que se agradece com beijos a proteção das portas são exemplos desses costumes que o progresso econômico e científico vem justamente confrontar.

Tradição x modernidade

A peça, principalmente nas falas de Setembrino, parece olhar de modo nostálgico e talvez idealizado para esse mundo tradicional (supostamente mais harmonioso) e com desconfiança para as transformações trazidas pela modernização. Porém nem tudo é tão simples quanto parece, pois a tradição também tem um lado ruim (a rigidez do hábito, a falta de liberdade individual), assim como na modernidade nem tudo são espinhos (já que a expansão de horizontes e o aumento de mobilidade implicam alguns ganhos reais). O importante é levar em conta todas essas contradições, que tornam a realidade algo mais complexo que a simples luta entre mocinhos e bandidos.

Mistura de linguagens

Uma coisa que logo de cara chama a atenção nesta peça de Ilo Krugli é a referência a outros meios de comunicação, como o telefone, o rádio e o cinema. Essa referência permite também a mistura entre diferentes linguagens e/ou registros, por exemplo: os diálogos entre os personagens da peça são muito diferentes daqueles que compõem a radionovela *A saudade não morre*, que constitui outra peça (ou um fragmento de peça) dentro da peça. As linguagens são diferentes não apenas porque, na radionovela, todos os personagens são interpretados pelo mesmo ator (que também faz o papel de locutor e diretor da rádio), mas porque é próprio da radionovela um estilo mais exagerado e sentimental, com diálogos entremeados por música e efeitos sonoros. Em parte esse exagero (que está ligado ao gênero melodramático) acontece porque o rádio é um meio de comunicação que trabalha exclusivamente com a linguagem sonora.

Quem escuta a novela radiofônica não pode ver a cara dos atores nem sua movimentação. Por isso, a música e os efeitos desempenham aí papel fundamental. Por exemplo, um rangido de porta pode servir para mostrar que alguém entrou ou saiu; um apito de navio pode indicar uma separação etc. Além disso, alguns personagens ficam também associados a determinados temas musicais, que sempre aparecem para orientar quem escuta.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

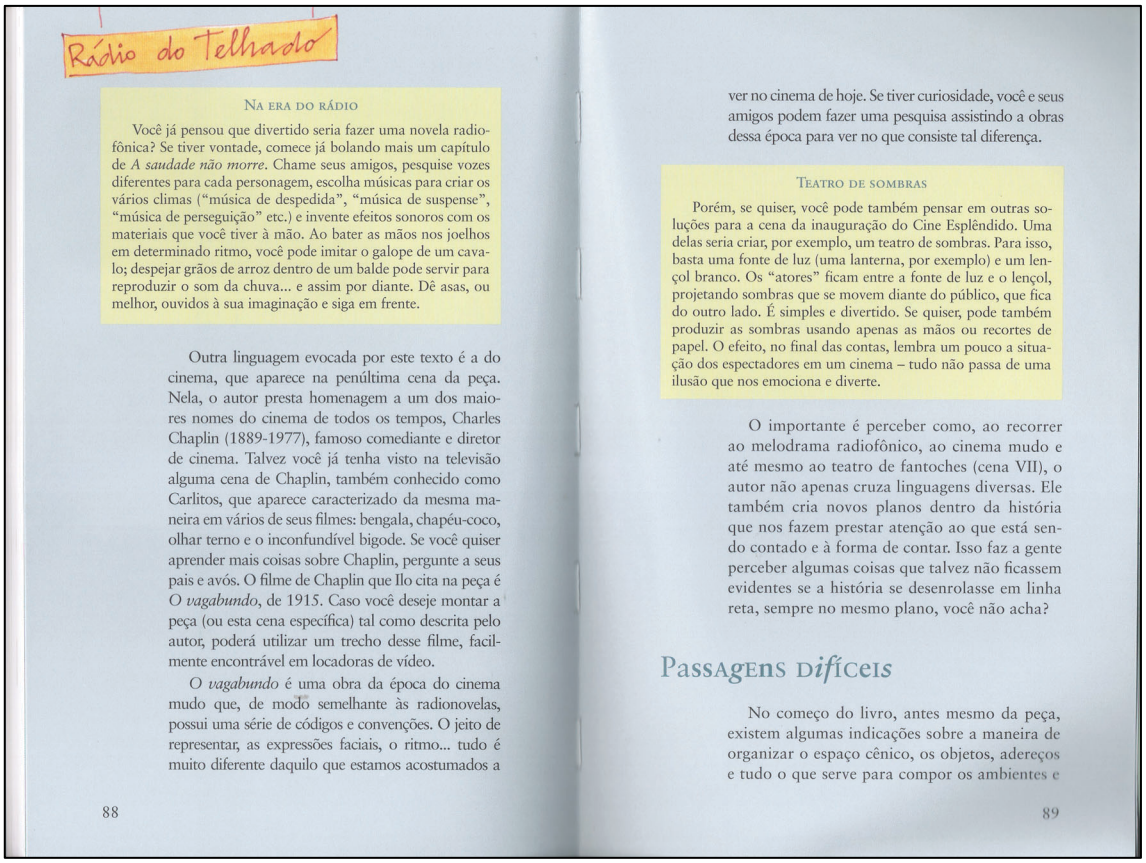


Figura 31 – Páginas 84-85, 86-87 e 88-89 do livro *O mistério do fundo do pote*.

Em Pensando a Cena, a tipografia dos subtítulos apresenta um trabalho diferenciado, formando as palavras a partir de letras de diferentes famílias tipográficas. Já a cor no fundo da página, da mesma forma que ocorre nas páginas de apresentação dos personagens e dos cenários no início do livro, estabelece uma diferenciação das páginas brancas que contam a história.

Outra utilização da cor, com a função de separar e identificar diferentes textos, é o uso do quadro amarelo, presente nas páginas 86, 88 e 89, que permite trazer observações e destacar sugestões para a implementação da peça teatral.

O texto, principal veiculador da narrativa apresentada em *O mistério do fundo do pote*, tem a função de instância primária do livro. As imagens funcionam em uma relação de redundância com o texto, permitindo a visualização de soluções possíveis para a montagem teatral da história apresentada, mas não adicionando novos elementos à narrativa. Já a tipologia de diagramação utilizada é, primordialmente, a associação, com as imagens dividindo o espaço da página com o texto.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

ROSA
(*pega o bolo, nervosa*) Moleques!... (*corre para alcançar José*) Ei, maquinista, toma! Pra você comer na viagem! É de milho...

JOSÉ
(*virando-se*) O meu nome é José.

ROSA
(*aproximando-se dele*) E o meu, Rosa.

Aumenta o barulho do trem.

JOSÉ
Como? Não ouvi!...

ROSA
Rosa!

CRAVO
Quem pintou de preto o seu nariz, Rosita?

O trem começa a partir. Todos cantam.

Sete dias, Três Saudades,
Três Saudades, sete dias...

Cena III
A FESTA DAS PORTAS

Em casa, junto da porta enfeitada de flores, Rosa canta.

A porta se abriu assustada,
quando bateram três vezes.
A vida disse "bom dia!"
e a morte se despedia...
Adeus, adeus,
trovão do tempo,
o amor não sai nem entra,
não entra nem sai.
Debruçada na janela
bebe o vento e a saudade...
A porta espera fechada.

ROSA
Porta querida, hoje é tua festa. Agradeço quando estás fechada, agradeço quando estás aberta: fechada pra nos proteger do frio e dos perigos, aberta para o mundo e para os amigos. Hoje é teu dia: te enfeito com flores e fitas... E te beijo. (*dá um beijo na porta*) Mais tarde, quando soarem os sinos da noite, vamos te abrir: sairemos pelo mundo levando nossa casa pra passear... (*para Benito e Cravo*) Meninos, venham beijar a porta, três vezes...

Benito fica tímido.

CRAVO
O Benito tem vergonha, Rosa...

ROSA
E você não tem vergonha nenhuma, não é?

ROSA
Não, não...

GOVERNADORA
(*já louca de desejo pelo colar*) Então, meu tapete...

ROSA
Não...

Pausa constrangedora.

GOVERNADORA
(*furiosa*) Então, saiam daqui! E da próxima vez que esses pirralhos pisarem no meu tapete, mando prendê-los!

VELHA VIZINHA
Senhora Governadora, eu peço a palavra...

GOVERNADORA
(*para a Velha Vizinha*) Você também, fora do meu tapete!... (*para os criados*) Enrolem o tapete e peguem a cadeira... Quero voltar pra casa...

Os criados cumprem as ordens e partem rapidamente. Os outros partem aos poucos. A rua vai se esvaziando. Fica apenas Setembrino sentado em seu banquinho.

SETEMBRINO
Há certas coisas que eu me alegro por não ver... Por não tocar. Pouco a pouco, as portas foram se fechando... Acabou-se a festa! Ninguém na rua, só eu! (*cantarola*)

Minha casa é o mundo,
o meu teto é o céu!

Figura 32 – Páginas 32-33 e 40-41 do livro *O mistério do fundo do pote*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

O design do livro aqui apresentado faz uso dos fundamentos de cor e hierarquia com a função de ordenar o conteúdo, como já visto anteriormente, separando e identificando as diversas partes que constituem o texto teatral.

O mistério do fundo do pote utiliza o design para melhor apresentar os diferentes conteúdos que compõem o gênero de texto teatral, em um projeto voltado para a experiência de leitura que será gerada pelo objeto-livro. Dessa forma, podemos afirmar que o livro se aproxima dos conceitos de Design na Leitura. Com tema que trata, por meio da fantasia, da constituição de valores, da organização social e do desenvolvimento tecnológico, o livro se encontra bem direcionado para o público juvenil.

4.5. *Minhas assombrações*[20]

> Neste livro conto histórias de assombrações verdadeiras. São as minhas assombrações. Assombrações pessoais, se o leitor for capaz de me entender. Mas se não for, não ligue. Basta coragem e começar a leitura... (LAGO, 2009, contracapa).

É dessa forma que Angela Lago apresenta o livro *Minhas assombrações*, composto pelos contos "A boazinha", "A invejosa" e "A ciumenta". No livro, que contém textos e ilustrações da autora, realizadas a partir de desenhos dos séculos XV e XVI de Durer e Hans Holbein, Lago cria um design gráfico que interfere no texto, e, num jogo de transparências, brinca com o passar de páginas do próprio objeto-livro, como podemos observar na tabela da análise abaixo:

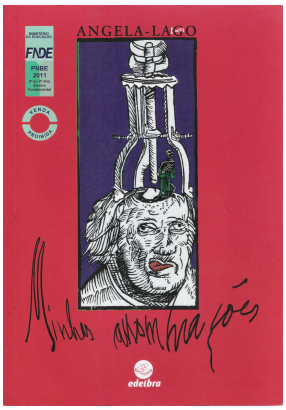


Figura 33 – Capa do livro *Minhas assombrações*, com texto e ilustrações de Angela Lago, editado pela Edelbra.

Análise em relação à ilustração	Livro com 25% a 50% de páginas ilustradas.
Análise em relação ao diferencial gráfico	Trabalho diferenciado na malha gráfica; trabalho tipográfico diferenciado; trabalho cromático diferenciado.
Funções do texto e da imagem	Interação entre texto e imagem como instância primária.
Relação entre texto e imagem	Relação de colaboração.
Tipologia de diagramação	Conjunção.

[20] Durante a pesquisa foi observado que o exemplar do livro *Minhas assombrações*, com texto e ilustrações de Angela Lago, editado pela Edelbra e distribuído pelo PNBE possui ilustrações e projeto gráfico diferentes do livro disponibilizado nas livrarias. Tentou-se contato com a autora e a editora, sem obter sucesso. Não é possível, portanto, estabelecer razões para tal diferença.

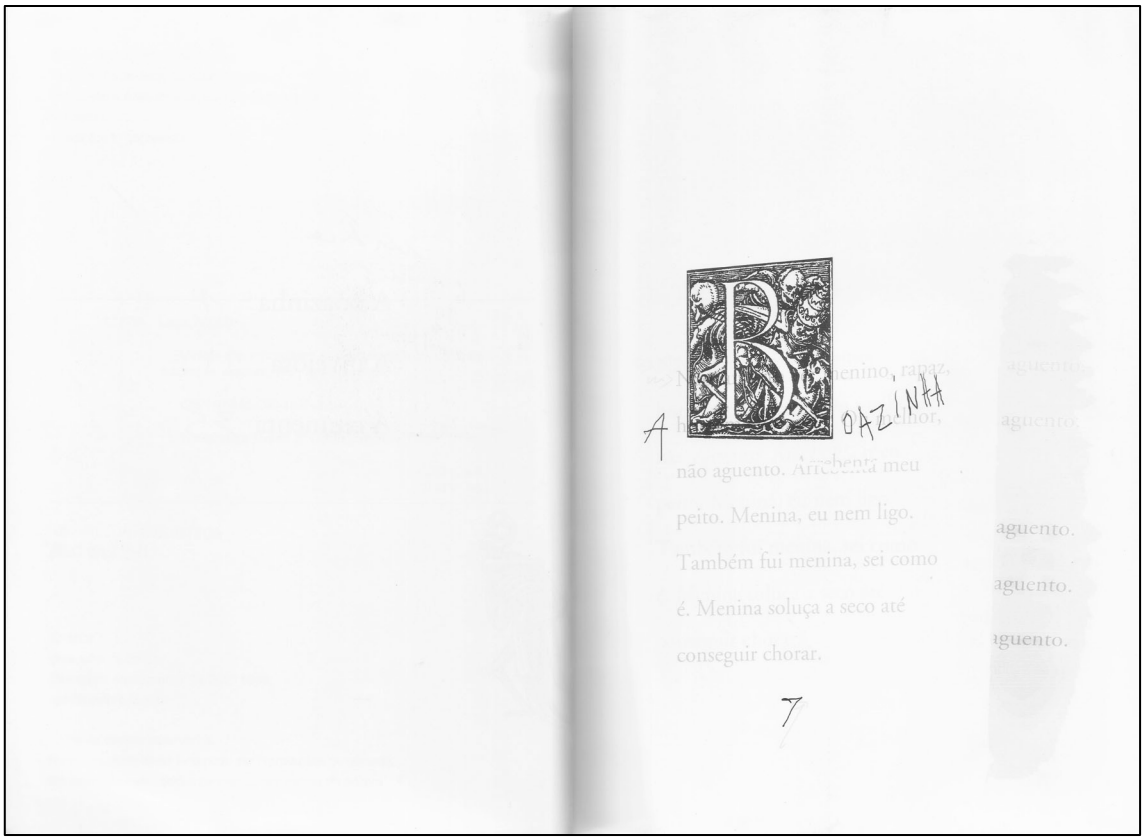
PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

Elementos dos novos fundamentos do Design encontrados no livro	Cor; camadas; transparência; malha gráfica; tempo e movimento.

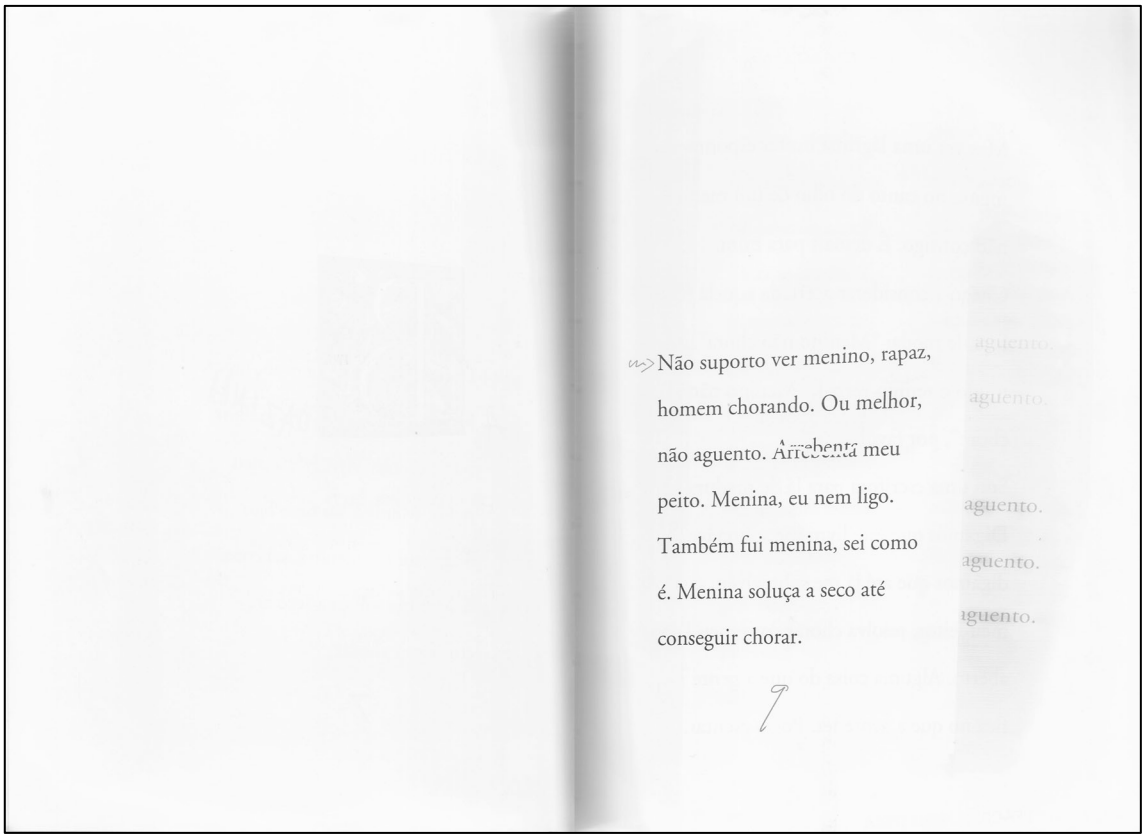
Tabela 9 – Análise do livro *Minhas assombrações*.

Com aproximadamente 48% de páginas com ilustrações, e porcentagem semelhante de páginas que utilizam elementos gráficos na mediação da história contada, *Minhas assombrações* apresenta um trabalho distinto na construção da malha gráfica, utilização da tipografia e das cores (preto, branco e tons de cinza).

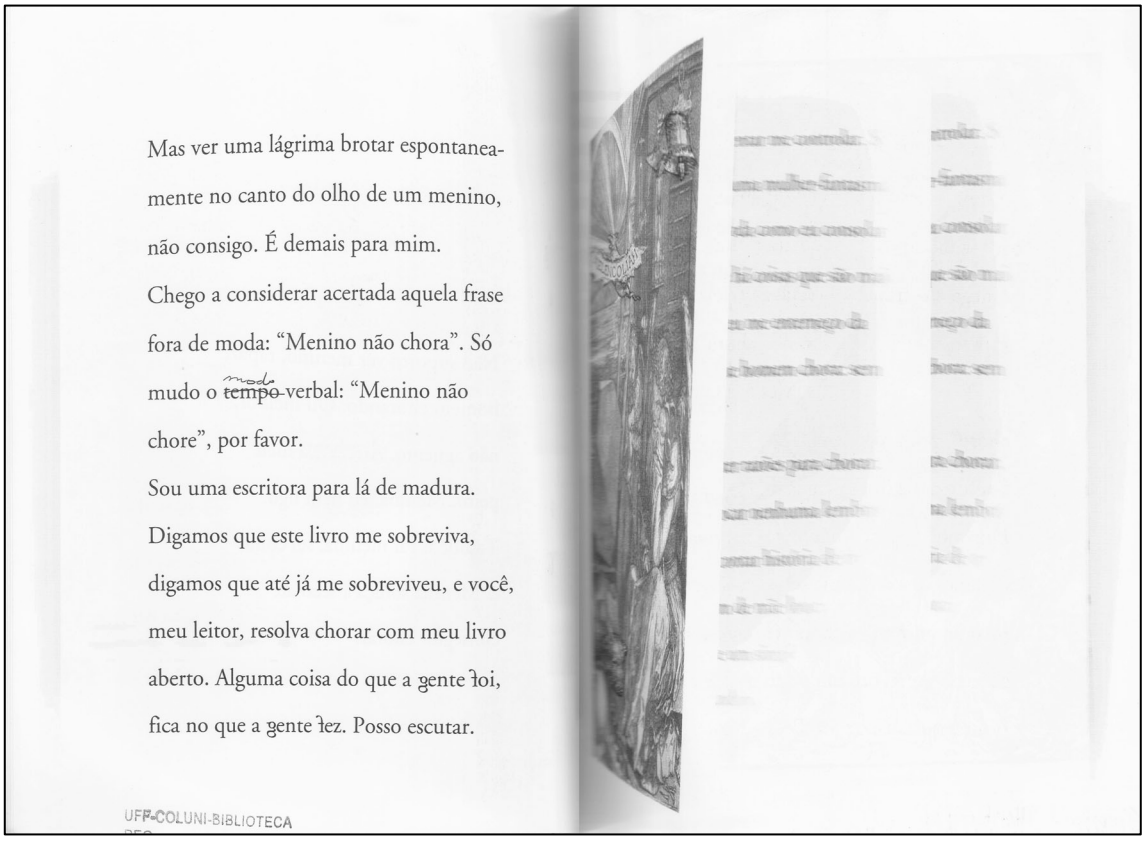
Como pode-se observar nas imagens abaixo, o design gráfico desenvolvido por Angela Lago no livro criou uma malha gráfica que se transforma e se deforma para gerar a ideia de profundidade e a impressão de que as páginas estão em movimento.



PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA



Não suporto ver menino, rapaz, homem chorando. Ou melhor, não aguento. Arrebenta meu peito. Menina, eu nem ligo. Também fui menina, sei como é. Menina soluça a seco até conseguir chorar.



Mas ver uma lágrima brotar espontaneamente no canto do olho de um menino, não consigo. É demais para mim.

Chego a considerar acertada aquela frase fora de moda: "Menino não chora". Só mudo o ~~tempo~~ modo verbal: "Menino não chore", por favor.

Sou uma escritora para lá de madura. Digamos que este livro me sobreviva, digamos que até já me sobreviveu, e você, meu leitor, resolva chorar com meu livro aberto. Alguma coisa do que a gente foi, fica no que a gente fez. Posso escutar.

UFF-COLUNI-BIBLIOTECA

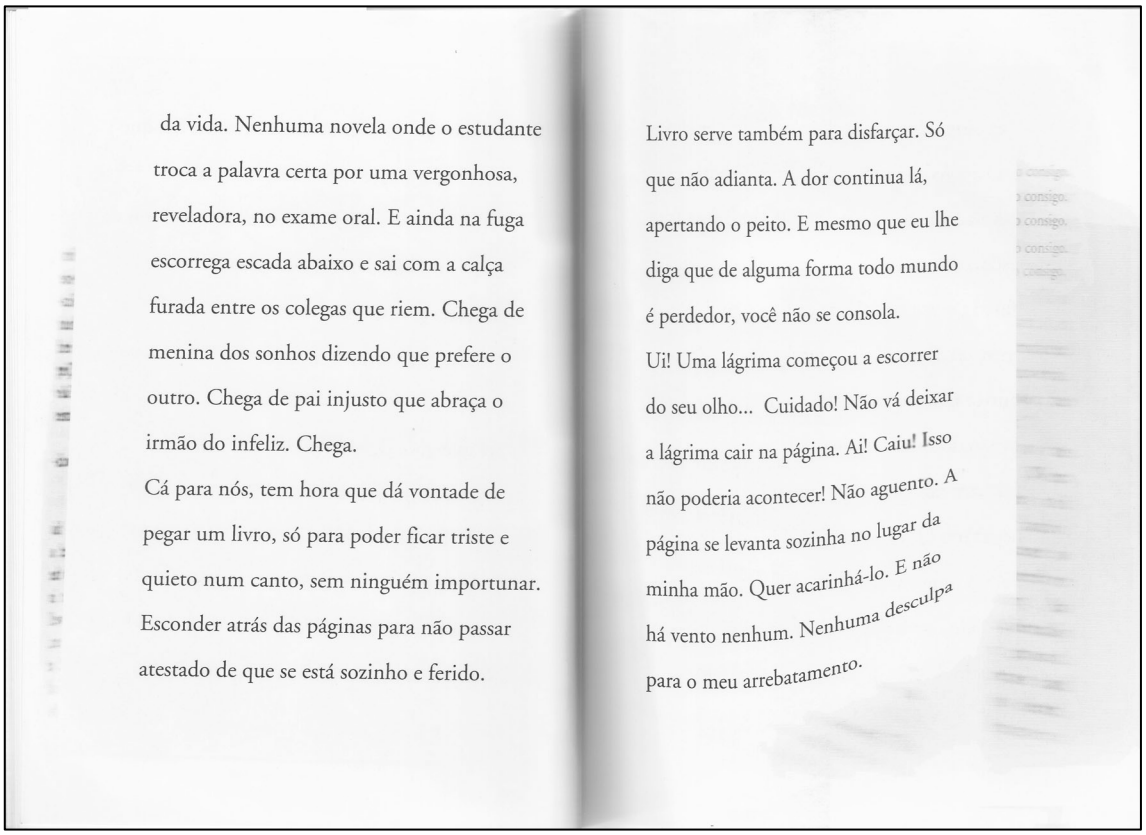
Figura 34 – Páginas 6-7, 8-9 e 10-11 do livro *Minhas assombrações* – conto "A boazinha".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

Na sequência das páginas iniciais de “A boazinha”, apresentadas acima, podemos perceber também a presença de um trabalho tipográfico diferenciado, que utiliza tanto de tipografia serifada quanto manuscrita, muitas vezes simulando uma correção manual realizada pela escritora no texto impresso. Tal simulação pode ser observada na página 10, onde a palavra “tempo”, pertencente à expressão “tempo verbal” é riscada, escrevendo-se acima em tipografia manuscrita a palavra “modo”.

Anteriormente, na página 9, pode-se constatar uma intervenção gráfica sobre a palavra “arrebentar”, que possibilita que a tipografia transmita ao leitor a sensação do seu significado. Voltando à página 10, percebemos também um jogo realizado com a tipografia das palavras “a gente foi” e “a gente fez”, nas duas últimas linhas: as letras “g” e “f” foram espelhadas, como se olhassem pra trás em busca de um passado, olhando para “alguma coisa que a gente foi” (LAGO, 2009, p. 10).

Já o padrão cromático de tons de cinza, como pode-se observar abaixo, corrobora o trabalho realizado com a malha gráfica, causando a sensação visual de páginas sendo folheadas, dando movimento ao objeto e dialogando diretamente com o texto.



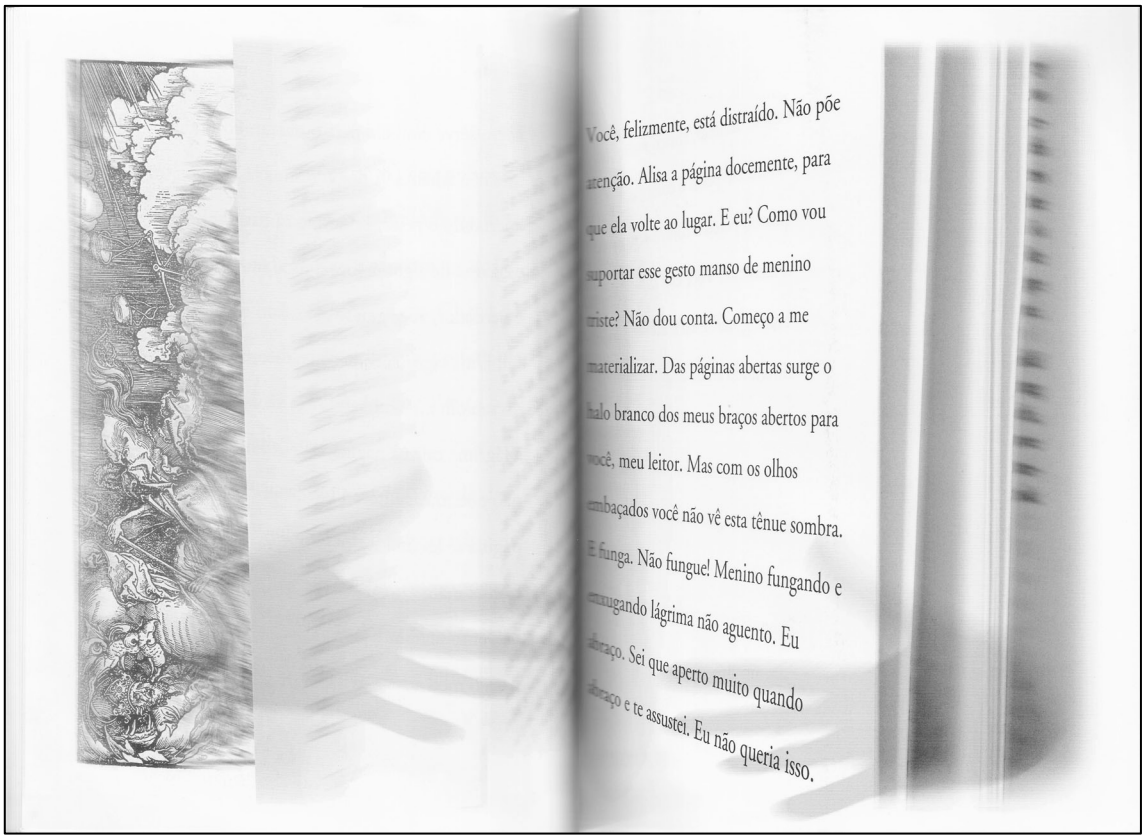
da vida. Nenhuma novela onde o estudante troca a palavra certa por uma vergonhosa, reveladora, no exame oral. E ainda na fuga escorrega escada abaixo e sai com a calça furada entre os colegas que riem. Chega de menina dos sonhos dizendo que prefere o outro. Chega de pai injusto que abraça o irmão do infeliz. Chega.

Cá para nós, tem hora que dá vontade de pegar um livro, só para poder ficar triste e quieto num canto, sem ninguém importunar. Esconder atrás das páginas para não passar atestado de que se está sozinho e ferido.

Livro serve também para disfarçar. Só que não adianta. A dor continua lá, apertando o peito. E mesmo que eu lhe diga que de alguma forma todo mundo é perdedor, você não se consola.

Ui! Uma lágrima começou a escorrer do seu olho... Cuidado! Não vá deixar a lágrima cair na página. Ai! Caiu! Isso não poderia acontecer! Não aguento. A página se levanta sozinha no lugar da minha mão. Quer acarinhá-lo. E não há vento nenhum. Nenhuma desculpa para o meu arrebatamento.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA



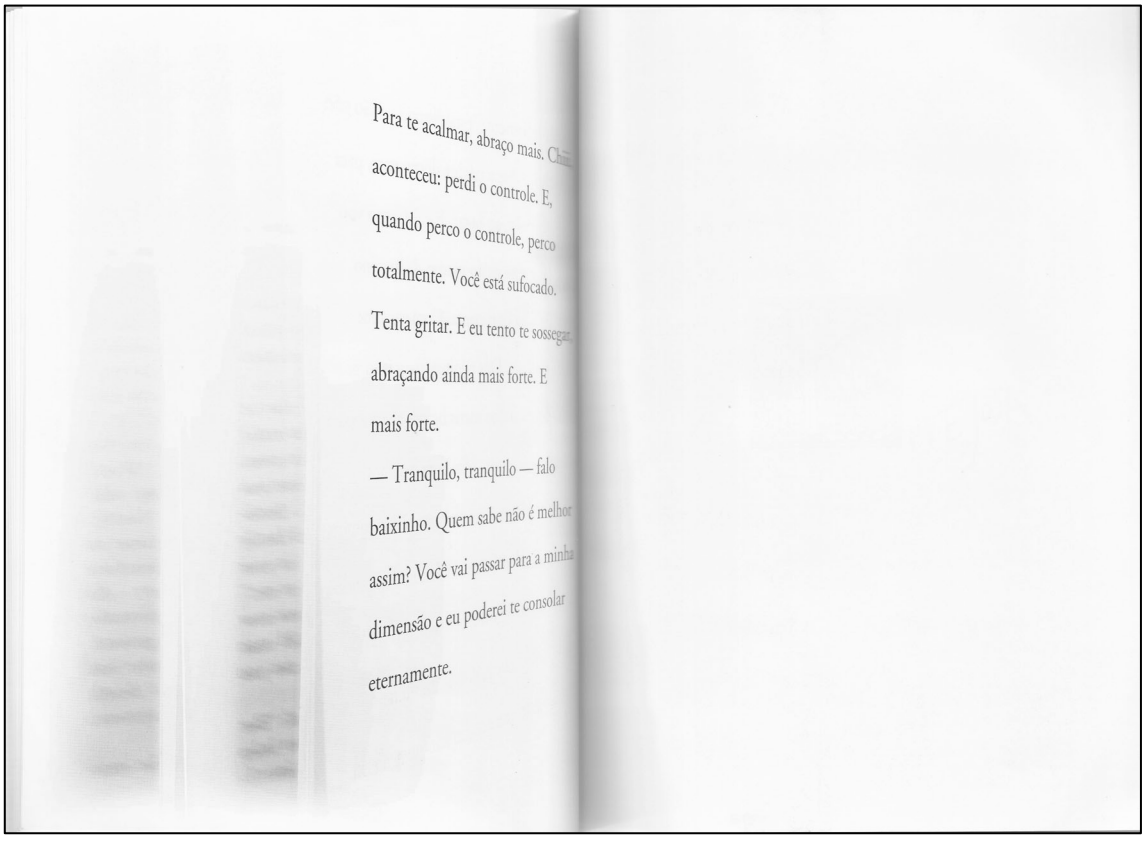


Figura 35 – Páginas 14-15, 16-17 e 18-19 do livro *Minhas assombrações* – conto “A boazinha”.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

A forte relação estabelecida entre o conteúdo textual e o conteúdo imagético em *Minhas assombrações* não permite a separação das duas linguagens, sendo ambas compreendidas pelo leitor ao mesmo tempo e de forma conjunta, e é a própria interação entre texto e imagem que exerce a função de instância primária do livro. Em relação ao aspecto narrativo, texto e imagem se complementam no processo de significação realizado pelo leitor, trabalhando de forma colaborativa.

Tal situação é confirmada pela diagramação em forma de conjunção entre texto e imagem, que integra ambas as linguagens de forma indissociável. Tal integração pode ser evidenciada na dupla de páginas 16-17, na qual a imagem das sombras das mãos "abraçam" a imagem da página, do mesmo modo que a escritora fantasma abraça o leitor, modificando o formato do texto, atingindo inclusive a tipografia. É interessante observar que o "abraço" simula o movimento das páginas, dando ao leitor, por meio do uso de transparência, a percepção de visualizar as outras páginas do objeto-livro, em uma sequência de camadas em movimento – revelando a utilização de fundamentos do Design para propiciar uma melhor fruição do conto. Desse forma, foram identificados na construção do objeto-livro a presença dos seguintes fundamentos do Design: camadas, transparência e tempo e movimento, que se somam aos elementos já mencionados anteriormente: cor e malha gráfica.

Em outro exemplo possível, podemos observar nas páginas abaixo a utilização do recurso de tempo e movimento na composição das ilustrações e do design gráfico. O movimento do passar de páginas é mais uma vez simulado, e, no jogo realizado, o leitor se vira junto com a folha do livro, para escutar a escritora. Também é interessante observar na página 30, mais uma vez a utilização de recursos tipográficos para representar a significação das palavras impressas por meio de suas formas gráficas, em "morta", "decomposição" e "inchar", na sétima e na oitava linha.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

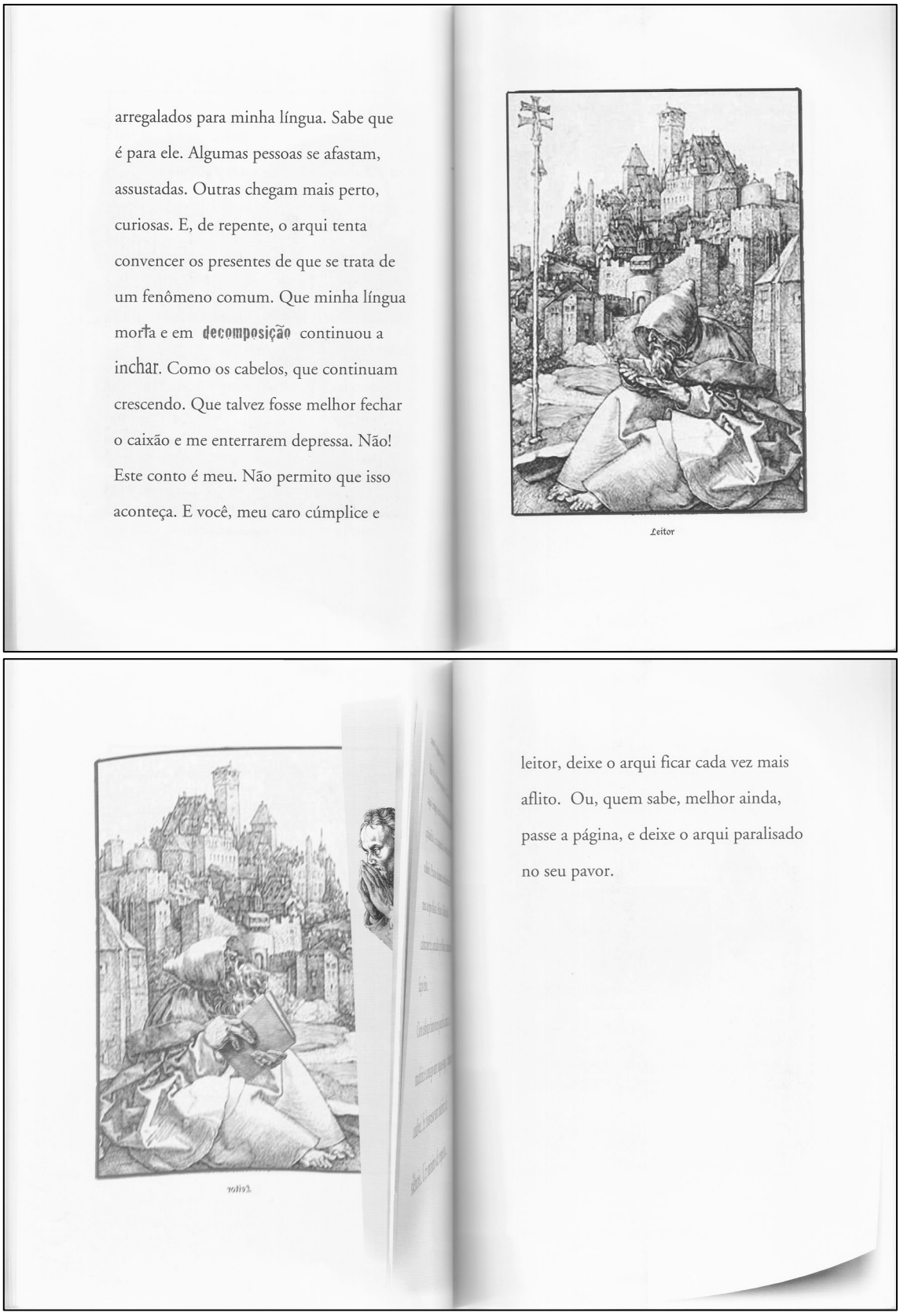


Figura 36 – Páginas 30-31 e 32-33 do livro *Minhas assombrações* – conto "A invejosa".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

Angela Lago desenvolveu em *Minhas assombrações* uma forma singular de tratar o conteúdo textual e imagético. Na obra, o processo de significação realizado pelo leitor é constituído por meio da interação entre as diversas linguagens que compõem a narrativa. Ao tratar de "suas assombrações pessoais" (LAGO, 2009, contracapa), a escritora e ilustradora permite que o leitor entre em contato com os medos e aflições que assolam a personagem narradora, constituindo assim um objeto-livro inscrito na perspectiva de um Design na Leitura e voltado para o jovem estudante.

4.6. *O gato malhado e a andorinha Sinhá*

> O gato malhado aspirou a plenos pulmões a primavera recém-chegada. Sentia-se leve, gostaria de dizer palavras sem compromisso, de andar à toa, até mesmo de conversar com alguém. Procurou mais uma vez com os olhos pardos, mas não viu ninguém. Todos haviam fugido.
>
> Não, todos não. No ramo de uma árvore a andorinha Sinhá fitava o gato malhado e sorria-lhe. Somente ela não havia fugido. (...) Em torno era a primavera, sonho de um poeta (AMADO, 2010, p. 38).

Figura 37 – Capa do livro *O gato malhado e a andorinha Sinhá*, com texto de Jorge Amado, ilustrações de Carybé, editado pela Claro Enigma.

Proporcionando um novo colorido para o antigo romance impossível entre o gato e andorinha, a edição da Claro Enigma para a história de *O gato malhado e a andorinha Sinhá,* com texto de Jorge Amado e ilustrações de Carybé, traz, por meio do projeto gráfico desenvolvido por Kiko Farkas e Mateus Valadares, o Design em função mediadora privilegiada.

Segue a tabela.

Análise em relação à ilustração	Livro com mais de 50% de páginas ilustradas .
Análise em relação ao diferencial gráfico	Trabalho tipográfico diferenciado; trabalho cromático diferenciado.
Funções do texto e da imagem	Texto como instância primária.
Relação entre texto e imagem	Relação de redundância.
Tipologia de diagramação	Dissociação e Associação.
Elementos dos novos fundamentos do Design encontrados no livro	Escala; cor; enquadramento.

Tabela 10 – Análise do livro *O gato malhado e a andorinha Sinhá*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

Com cerca de 57% de suas páginas com a presença de ilustrações, apesar de também contar com grande participação espacial de conteúdo textual e inclusive, como veremos a seguir, com o texto exercendo a função primária, o livro *O gato malhado e a andorinha Sinhá* apresenta forte interação entre o conteúdo visual e imagético.

Quando a primavera chegou, vestida de luz, de cores e de alegria, olorosa de perfumes sutis, desabrochando as flores e vestindo as árvores de roupagens verdes, o gato malhado estirou os braços e abriu os olhos pardos, olhos feios e maus. Feios e maus, na opinião geral. Aliás, diziam que não apenas os olhos do gato malhado refletiam maldade, e sim todo o corpanzil forte e ágil, de riscas amarelas e negras. Tratava-se de um gato de meia-idade, já distante da primeira juventude, quando amara correr por entre as árvores, vagabundear nos telhados, miando à lua cheia canções de amor, certamente picarescas e debochadas. Ninguém podia imaginá-lo entoando canções românticas, sentimentais.

Naquelas redondezas não existia criatura mais egoísta e solitária. Não mantinha relações de amizade com os vizinhos e quase nunca respondia aos raros cumprimentos que, por medo e não por gentileza, alguns passantes lhe dirigiam. Resmungava de mau humor e voltava a fechar os olhos como se lhe desagradasse todo o espetáculo em redor.

Era, no entanto, um belo espetáculo, a vida em torno, agitada ou mansa. Botões nasciam perfumados e desabrochavam em flores radiosas, pássaros voavam entre trinados alegres,

31

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

pombos arrulhavam amor, ninhadas de pintos recém-nascidos seguiam o cacarejar de orgulhosa galinha, o grande pato negro fazia a corte à linda pata branca, banhando-a na água clara do lago. Folgazões, os cachorros divertiam-se saltando sobre a grama.

Do gato malhado ninguém se aproximava. As flores fechavam-se se ele vinha em sua direção: dizem que certa vez derrubara, com uma patada, um tímido lírio-branco pelo qual se haviam enamorado todas as rosas. Não apresentavam provas mas quem punha em dúvida a ruindade do gatarraz? Os pássaros ganhavam altura ao voar nas imediações do esconso onde ele dormia. Murmuravam inclusive ter sido o gato malhado o malvado que roubara o pequeno sabiá do seu ninho de ramos. Mamãe sabiá, ao não encontrar o filho para o qual trazia alimento, suicidou-se enfiando o peito no espinho de um mandacaru. Um enterro triste e naquele dia muitas pragas foram pronunciadas em intenção do gato malhado. Provas não existiam, mas que outro teria sido? Bastava olhar a cara do bichano para localizar o assassino. Bicho feio aquele.

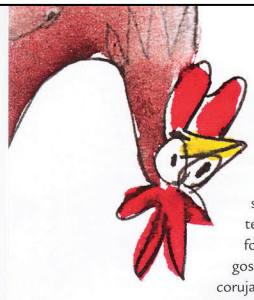
Os pombos iam amar longe dele: havia quase certeza de que fora ele quem matara — para comer —

a mais linda pomba-rola do pombal, e, desde então, certo pombo-correio perdeu a alegria de viver. Faltavam provas, é verdade, mas — como disse o reverendo papagaio — quem podia tê-lo feito senão aquele sinistro personagem, sem lei nem Deus, tipo à toa?

As maternais galinhas ensinavam aos pintos cor de ouro como evitar o gato malhado em cujas mãos criminosas — segundo afirmavam — muitos outros pintainhos haviam perecido (isso sem falar nos ovos que ele roubava dos ninhos para alimentar seu ignóbil corpanzil).

Tampouco o pato negro queria saber dele pois o gatarrão não amava a água do lago, tão querida do casal de patos. Os cachorros o haviam procurado para com ele correr e saltar. Mas ele os arranhara nos focinhos e os insultara, eriçando o pelo, xingando-lhes a família, a raça, os ascendentes próximos e distantes.

Um gato mau. Mau e egoísta. Deitava-se pela manhã sobre o capim para que o sol o esquentasse, mas, apenas o sol subia no céu, ele o abandonava por qualquer sombra cariciosa. Ingrato. Durante muito tempo, uma goiabeira de tronco carunchoso alimentou a ilusão de que o gato malhado a amava e disso se vangloriou perante todas as árvores do parque. Só porque ele vinha, flexível, corpo sensual, rascar-se contra seu tronco nodoso no meio das tardes solarengas. A goiabeira, que passava por ser uma original, sentiu-se vaidosa com a preferência de um tipo tão difícil e discutido. Procurou um cirurgião plástico, limpou-se de todos os nós que lhe enfeavam o tronco, fez-se bela



para o gato malhado. E, de tronco liso e limpo, o esperou. Mas quando ele viu que não podia coçar-se naquele tronco sem nós nem reentrâncias, voltou as costas à goiabeira e jamais sequer novamente a mirou. Durante algum tempo, devido a esta aventura, a goiabeira foi a vítima predileta das pilhérias (de mau gosto) dos habitantes do parque. Até a velha coruja, que morava na jaqueira, riu quando lhe contaram a história.

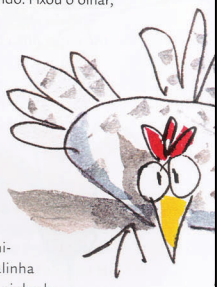
Devo dizer, para ser exato, que o gato malhado não tomava conhecimento do mal que falavam dele. Se o sabia não se importava, mas é possível que nem soubesse que era tão malvisto, pois quase não conversava com ninguém, a não ser, em certas ocasiões, com a velha coruja. Aliás, a coruja, cujas opiniões eram muito respeitadas devido à sua idade, costumava dizer que o gato malhado não era tão mau assim, talvez tudo isso não passasse de incompreensão geral. Os demais ouviam, balançavam a cabeça, e, apesar do respeito que tinham à coruja, continuavam a evitar o gato malhado.

Assim vivia ele quando a primavera entrou pelo parque adentro, num espalhafato de cores, de aromas, de melodias. Cores alegres, aromas de entontecer, sonoras melodias. O gato malhado dormia quando a

primavera irrompeu, repentina e poderosa. Mas sua presença era tão insistente e forte que ele despertou do seu sono sem sonhos, abriu os olhos pardos e estirou os braços. O pato negro, que casualmente o olhava, quase caiu de espanto porque teve a impressão de que o gato malhado estava sorrindo. Fixou o olhar, chamou a atenção da pequena pata branca:

— Não parece que ele está rindo?

— Santo Deus! Está rindo mesmo...



Jamais o tinham visto rir. A pequena pata branca necessitou botar a mão sobre o coração, tão espantada estava com aquele riso na boca feroz do gato malhado. Ria pela boca, e, o que era ainda mais inexplicável, ria pelos olhos pardos também.

De repente rebolou-se na grama como se fora um jovem gato adolescente, soltou um miado que mais parecia um gemido. Foi uma emoção geral pelo parque. A galinha carijó, que passava perto com sua doirada ninhada de pintos, gritou:

— Ui! — e desmaiou nos braços dos filhos.

O galo dom Juan de Rhode Island veio correndo ver o que tinha acontecido. De todas as galinhas de seu harém, a carijó era a preferida. Ajudou-a a levantar-se e ia lançar seu canto de guerra e de protesto, igual a uma clarinada, quando mais uma vez o gato malhado rebolou-se sobre a grama e miou outro miado... Ai, meu Deus, um miado romântico. Impossível!

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

Dom Juan de Rhode Island engasgou-se e um silêncio total cobriu todo o parque naquela hora da chegada da primavera. Não se ouvia nem mesmo o arrulhar amoroso dos pombos tal o espanto universal provocado pela surpreendente atitude do gato malhado.

— Creio que ele enlouqueceu... — diagnosticou o pé de mastruço que tinha fama de ser bom médico.

— Ele está é preparando alguma nova maldade... — sussurrou a galinha carijó, refeita do faniquito, arrastando consigo para longe os pintainhos e dom Juan de Rhode Island.

Enquanto isso o gato malhado levantou-se, estirou os braços e as pernas, eriçou o dorso para melhor captar o calor do sol subitamente doce, abriu as narinas para aspirar os novos odores que rolavam no ar, deixou que todo o rosto feio e mau se abrisse num sorriso cordial para as coisas e os seres em torno. Começou a andar.

Aconteceu então uma debandada geral. O grande pato negro arrastou a pequena pata branca para o fundo do lago e assim, num mergulho em que bateu todos os seus recordes anteriores, atravessou para a outra margem onde pôs sua mulherzinha a salvo. Os pombos recolheram-se todos ao pombal, silenciando os arrulhos de amor nos galhos das árvores

36

onde nasciam e se multiplicavam brotos verdes no mesmo minuto transformados em folhas cheias de sombra. Os cães pararam de correr e pular, fizeram como se estivessem muito ocupados em desencavar ossos escondidos. Os botões que começavam a virar flores suspenderam momentaneamente seu trabalho e uma rosa que, apressada, já se abrira, deixou cair todas as pétalas sobre o chão. Menos uma que ficou volteando no ar, ao sabor da brisa.

Toda essa correria fez um certo ruído, despertando a atenção do gato malhado. Olhou espantado, por que fugiam todos se era tão belo o parque naquela hora da chegada da primavera? Não havia tempestade, não corria o vento frio derrubando as folhas, a chuva não desabava em lágrimas sobre os telhados. Como fugir e esconder-se quando a primavera chegava trazendo consigo a doçura de viver? Será que a cobra cascavel havia voltado, havia ousado retornar ao parque? O gato malhado procurou-a com os olhos. Se fosse ela, dar-lhe-ia nova lição para que jamais ali viesse roubar ovos, tirar pássaros dos ninhos, comer pintos e pombas-rolas. Mas não, a cascavel não estava. O gato malhado refletiu. E compreendeu então que fugiam dele, há tanto tempo não o ouviam miar nem sorrir que agora se amedrontavam.

Foi uma triste constatação. Primeiro deixou de sorrir, mas depois encolheu os ombros num gesto de indiferença. Era um gato orgulhoso, pouco lhe importava o que pensassem

37

dele. Até piscou — num gesto um pouco forçado — um olho malandro para o sol, e esse gesto, ainda mais inesperado, fez com que a enorme pedra, que há muitíssimos anos residia nas proximidades do lugar onde o gato estava, rolasse correndo para o mato.

O gato malhado aspirou a plenos pulmões a primavera recém-chegada. Sentia-se leve, gostaria de dizer palavras sem compromisso, de andar à toa, até mesmo de conversar com alguém. Procurou mais uma vez com os olhos pardos, mas não viu ninguém. Todos haviam fugido.

Não, todos não. No ramo de uma árvore a andorinha Sinhá fitava o gato malhado e sorria-lhe. Somente ela não havia fugido. De longe seus pais a chamavam em gritos nervosos. E, dos seus esconderijos, todos os habitantes do parque miravam espantados a andorinha Sinhá que sorria para o gato malhado. Em torno era a primavera, sonho de um poeta.

38

NOVO
PARÊNTESIS,

PARA APRESENTAR
A ANDORINHA SINHÁ

Quando ela passava, risonha e trêfega, não havia pássaro em idade casadoira que não suspirasse. Era muito jovem ainda, mas, onde quer que estivesse, logo a cercavam todos os moços do parque. Faziam-lhe declarações, escreviam-lhe poemas, o Rouxinol, seresteiro afamado, vinha ao clarão da lua cantar à sua janela. Ela ria para todos, com todos se dando, não amava nenhum. Livre de todas as preocupações voava de árvore em árvore pelo parque, curiosa e conversadeira, inocente coração. No dizer geral não existia, em nenhum dos parques por ali espalhados, andorinha tão bela nem tão gentil quanto a andorinha Sinhá.

39

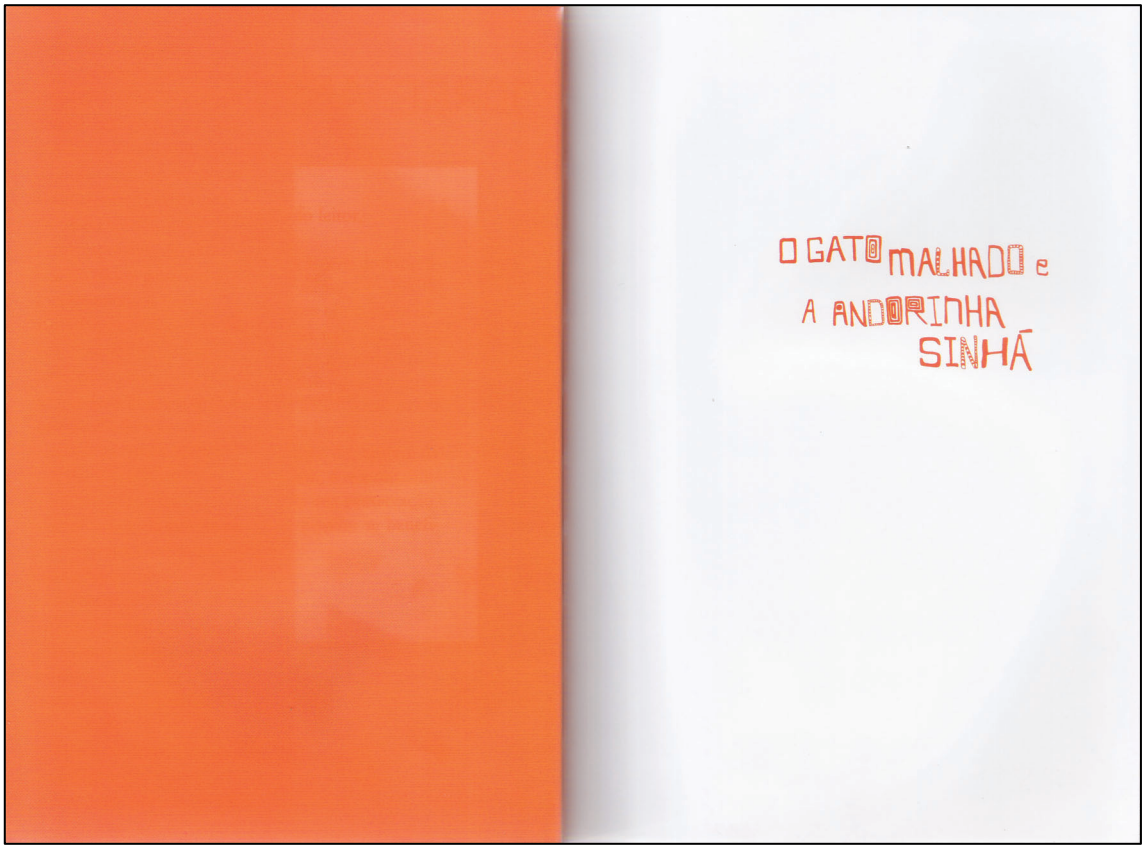
Figura 38 – Páginas 28-29, 30-31, 32-33, 34-35, 36-37 e 38-39 do livro *O gato malhado e a andorinha Sinhá*.

Pode-se perceber, nas imagens acima, um trabalho tipográfico diferenciado na construção de fontes fantasias

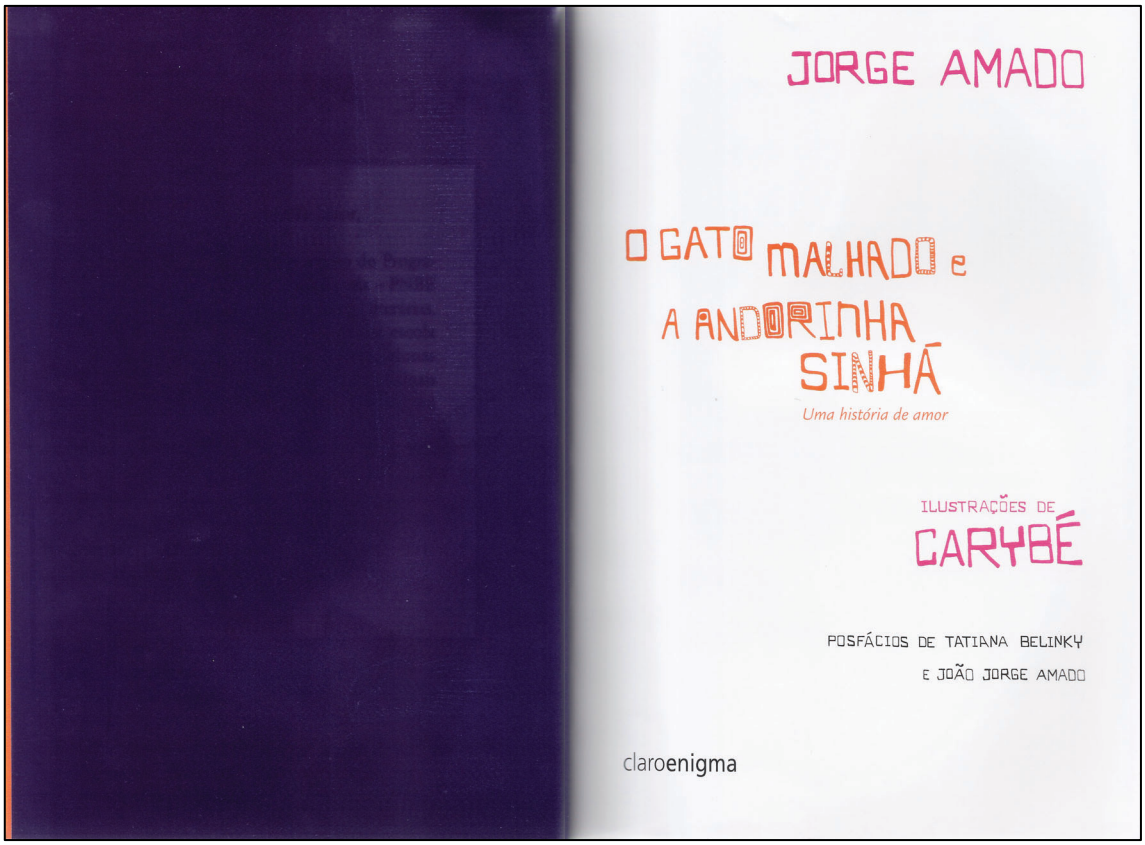
PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

para as aberturas de capítulos e subcapítulos (página 28 e 39) e na utilização de ilustrações para compor as capitulares (página 31).

Percebe-se também um forte trabalho cromático na constituição do projeto do livro, tanto na tipografia (página 39) quanto nos fundos coloridos, que estabelecem o ritmo de leitura nas páginas pré-textuais e nas páginas de abertura de capítulo, como pode-se observar na sequência abaixo.



PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA



Copyright do texto © 2008 by Grapiúna –
Grapiúna Produções Artísticas Ltda.
Copyright das ilustrações © 2008 by Carybé
1ª edição, Record, Rio de Janeiro, 1976

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Projeto gráfico
Kiko Farkas/ Máquina Estúdio
Mateus Valadares/ Máquina Estúdio

Fotos
Jorge Amado (p. 120) e
Zélia Gattai Amado (p. 127)

Preparação
Thaís Totino Richter

Revisão
Marina Nogueira
Viviane T. Mendes

UFF-COLUNI-BIBLIOTECA
REG. 5110/11

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Amado, Jorge, 1912-2001.
O gato malhado e a andorinha Sinhá: uma história de amor / Jorge Amado; ilustrações de Carybé; posfácios de Tatiana Belinky. — São Paulo : Claro Enigma, 2010.

ISBN 978-85-61041-63-2

1. Literatura infantojuvenil I. Carybé. II.Belinky, Tatiana. III. Título.

09-13027 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

6ª reimpressão

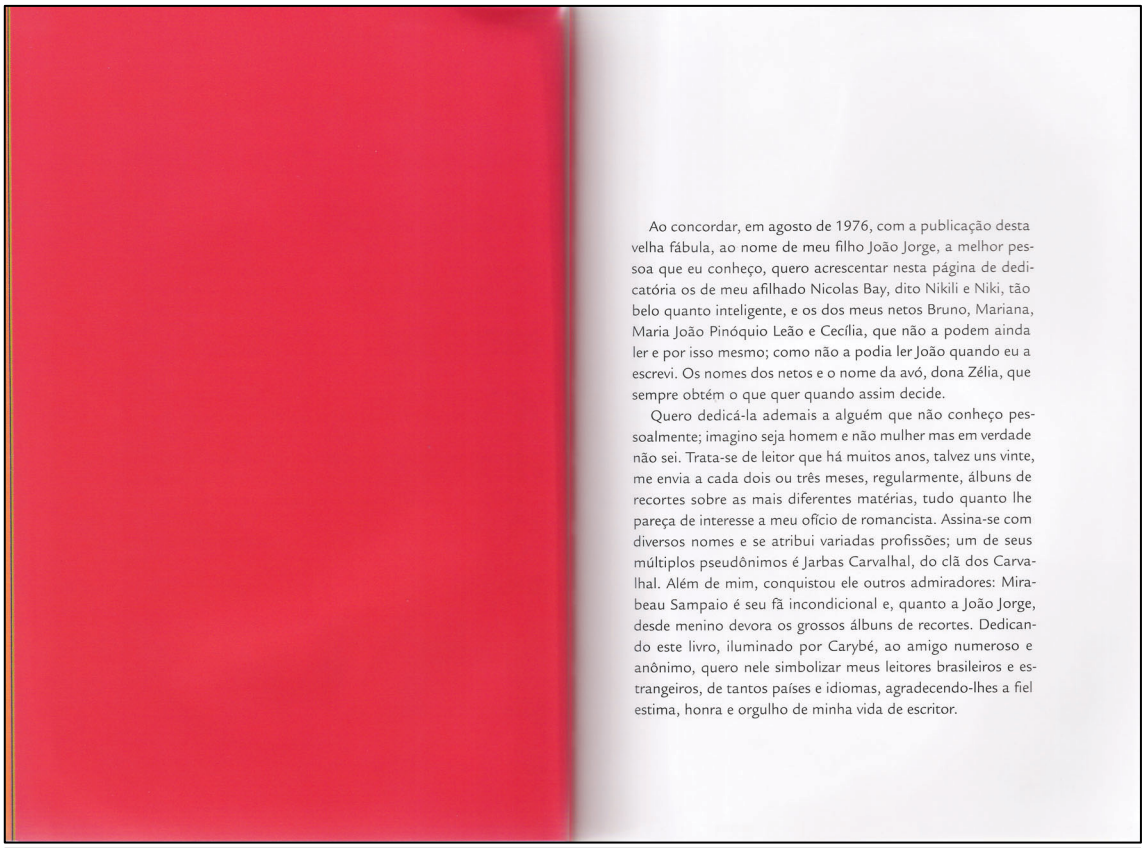
[2011]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA CLARO ENIGMA.
Rua São Lázaro, 233
01103-020 – São Paulo – SP
Telefone (11) 3707 3531

A história de amor do gato malhado e da andorinha Sinhá eu a escrevi em 1948, em Paris, onde então residia com minha mulher e meu filho João Jorge, quando este completou um ano de idade, presente de aniversário; para que um dia ele a lesse. Colocado junto aos pertences da criança, o texto se perdeu e somente em 1976 João, bulindo em velhos guardados, o reencontrou, dele tomando finalmente conhecimento.

Nunca pensei em publicá-lo. Mas tendo sido dado a ler a Carybé por João Jorge, o mestre baiano, por gosto e amizade, sobre as páginas datilografadas desenhou as mais belas ilustrações, tão belas que todos as desejam admirar. Diante do quê, não tive mais condições para recusar-me à publicação por tantos reclamada: se o texto não paga a pena, em troca não tem preço que possa pagar as aquarelas de Carybé.

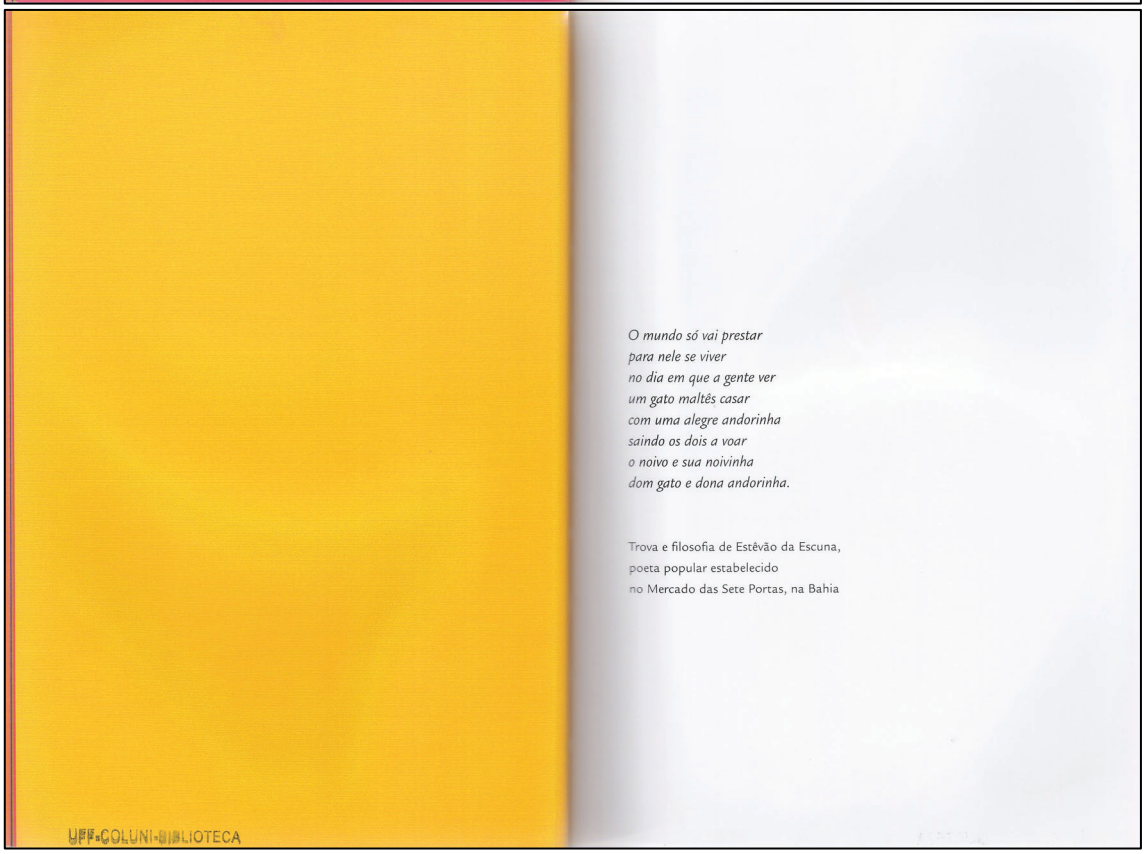
Londres, agosto de 1976
J. A.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA



Ao concordar, em agosto de 1976, com a publicação desta velha fábula, ao nome de meu filho João Jorge, a melhor pessoa que eu conheço, quero acrescentar nesta página de dedicatória os de meu afilhado Nicolas Bay, dito Nikili e Niki, tão belo quanto inteligente, e os dos meus netos Bruno, Mariana, Maria João Pinóquio Leão e Cecília, que não a podem ainda ler e por isso mesmo; como não a podia ler João quando eu a escrevi. Os nomes dos netos e o nome da avó, dona Zélia, que sempre obtém o que quer quando assim decide.

Quero dedicá-la ademais a alguém que não conheço pessoalmente; imagino seja homem e não mulher mas em verdade não sei. Trata-se de leitor que há muitos anos, talvez uns vinte, me envia a cada dois ou três meses, regularmente, álbuns de recortes sobre as mais diferentes matérias, tudo quanto lhe pareça de interesse a meu ofício de romancista. Assina-se com diversos nomes e se atribui variadas profissões; um de seus múltiplos pseudônimos é Jarbas Carvalhal, do clã dos Carvalhal. Além de mim, conquistou ele outros admiradores: Mirabeau Sampaio é seu fã incondicional e, quanto a João Jorge, desde menino devora os grossos álbuns de recortes. Dedicando este livro, iluminado por Carybé, ao amigo numeroso e anônimo, quero nele simbolizar meus leitores brasileiros e estrangeiros, de tantos países e idiomas, agradecendo-lhes a fiel estima, honra e orgulho de minha vida de escritor.



O mundo só vai prestar
para nele se viver
no dia em que a gente ver
um gato maltês casar
com uma alegre andorinha
saindo os dois a voar
o noivo e sua noivinha
dom gato e dona andorinha.

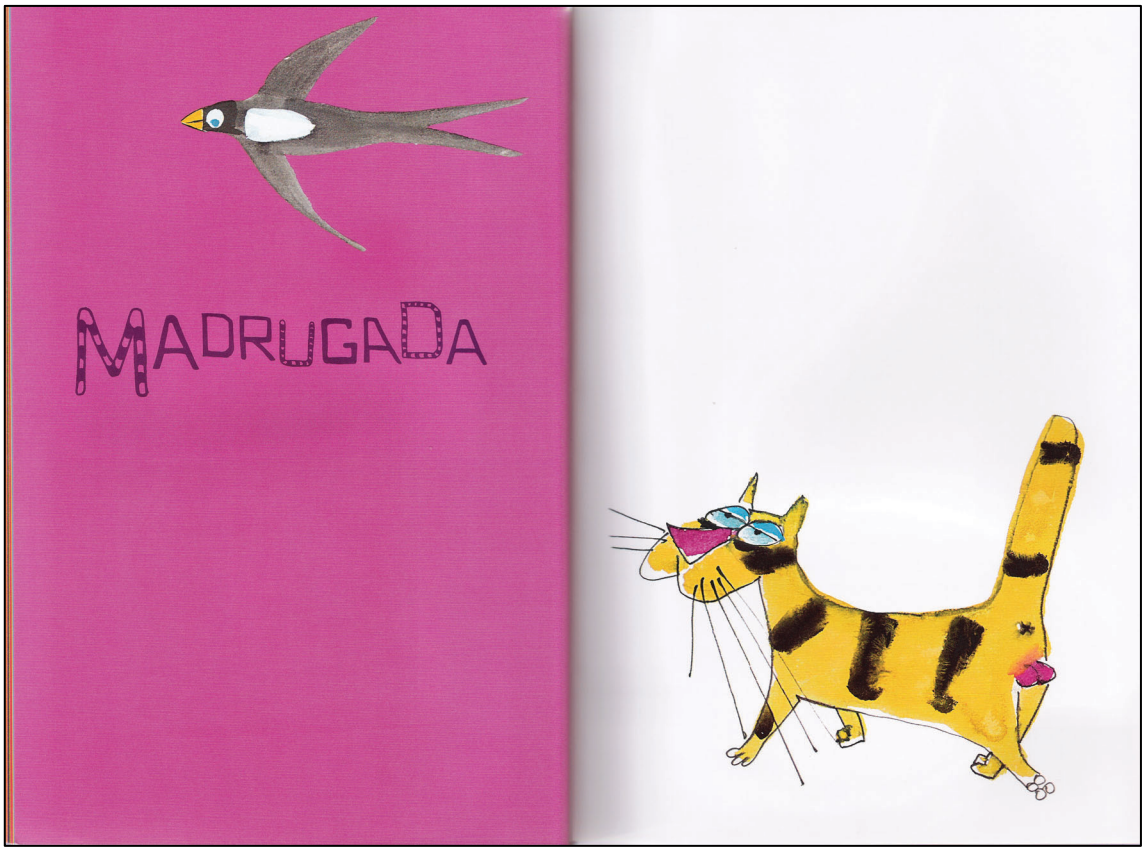
Trova e filosofia de Estêvão da Escuna,
poeta popular estabelecido
no Mercado das Sete Portas, na Bahia

UFF-COLUNI-BIBLIOTECA

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

era uma vez antigamente, mas muito antigamente, nas profundas do passado, quando os bichos falavam, os cachorros eram amarrados com linguiça, alfaiates casavam com princesas e as crianças chegavam no bico das cegonhas. Hoje meninos e meninas já nascem sabendo tudo, aprendem no ventre materno, onde se fazem psicanalisar para escolher cada qual o complexo preferido, a angústia, a solidão, a violência. Aconteceu naquele então uma história de amor.

13



PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

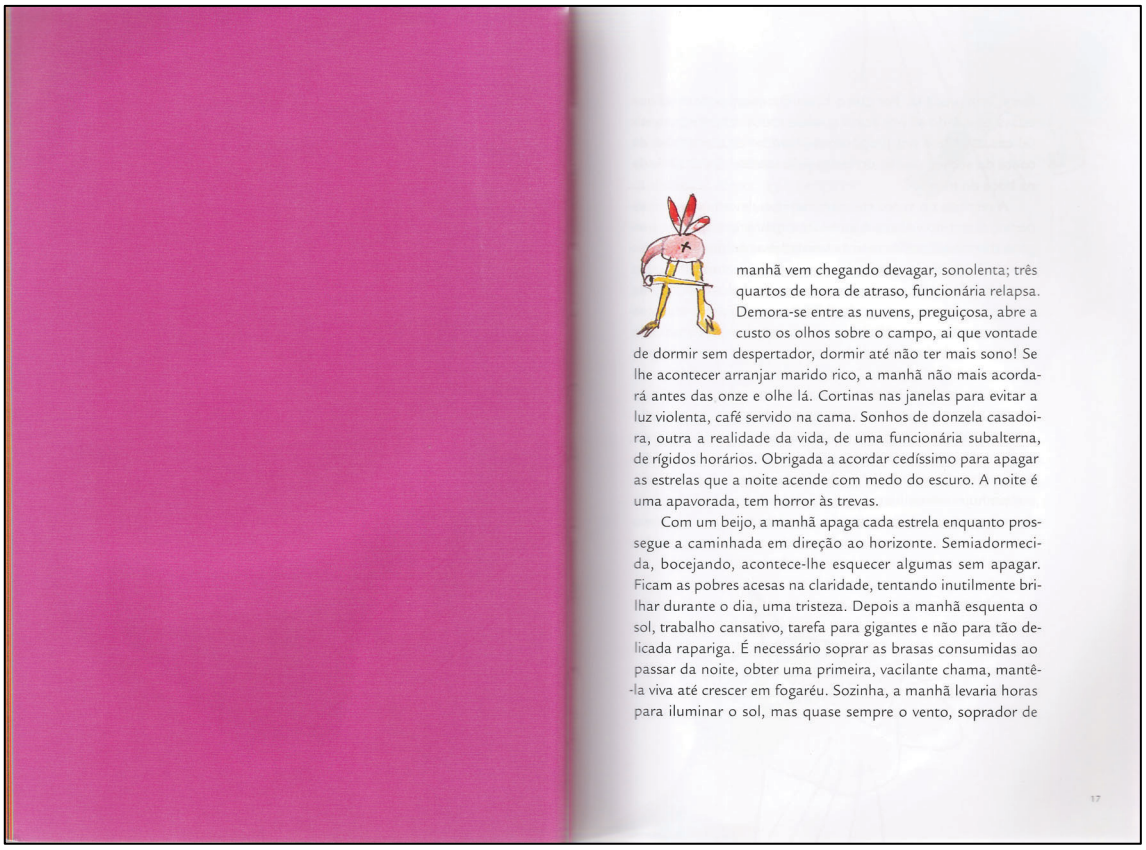


Figura 39 – Páginas 2-3, 4-5, 6-7, 8-9, 10-11, 12-13, 14-15 e 16-17 da sequência de abertura do livro *O gato malhado e a andorinha Sinhá*.

O texto se estabelece como instância primária devido a seu papel fundamental na veiculação da história, e a relação que se estabelece entre texto e imagem é de redundância, pois as ilustrações não acrescentam elementos à narrativa. Já a tipologia de diagramação utilizada se alterna entre dissociação e associação.

Observando aspectos do projeto gráfico e das ilustrações do livro, percebe-se a presença dos seguintes fundamentos do Design: escala, cor e enquadramento.

O conceito de escala pode ser identificado na utilização das capitulares, que, mesmo formadas a partir de desenhos de animais, representam uma diferença nas dimensões da tipografia.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

Em torno era a primavera, o sonho de um poeta. O gato malhado teve vontade de dizer algo semelhante à andorinha Sinhá. Sentou-se no chão, alisou os bigodes, apenas perguntou:

— Tu não fugiste com os outros?

— Eu? Fugir? Não tenho medo de ti, os outros são todos uns covardes... Tu não me podes alcançar, não tens asas para voar, és um gatarrão ainda mais tolo do que feio. E olha lá que és feio...

— Feio, eu?

O gato malhado riu, riso espantoso de quem se havia desacostumado de rir, e desta vez até as árvores mais corajosas, como o pau-brasil — um gigante —, estremeceram. "Ela o insultou e ele a vai matar", pensou o velho cão dinamarquês.

O reverendo papagaio — reverendo porque passara uns tempos no seminário onde aprendera a rezar e decorara frases em latim, o que lhe dava valiosa reputação de erudito — fechou os olhos para não testemunhar a tragédia. Por duas razões: por ser emotivo, não lhe agradando ver sangue, menos ainda de andorinha tão formosa, e por não desejar servir como testemunha se o crime chegasse à justiça, maçada sem tamanho, tendo de decidir entre dizer a verdade e arcar com as

43

No outro dia o outono chegou, derrubando as folhas das árvores. O vento sentia frio, e, para esquentar-se, corria zunindo pelo parque. O outono trazia consigo uma cauda de nuvens e com elas pintou o céu de cores cinzentas. Não era só a paisagem que se modificava com o correr das estações, como certamente percebeu o culto e talentoso leitor. Também a atitude dos habitantes do parque, em relação ao gato malhado, havia sofrido sensível mudança. Não que houvessem deixado de ter-lhe raiva, não que lhe houvessem perdoado os agravos antigos. Mas já não sentiam medo dele, como o provavam as murmurações sobre o seu caso com a andorinha, murmurações que de tímidos cochichos transformaram-se em obstinado rumor. Recordemos que antes, nas páginas iniciais desta história, tremiam todos apenas o gato malhado abria um olho. Como explicar então que não mais o temessem, que comentassem quase abertamente seus passeios com a andorinha?

É que o gato, durante a primavera e o verão, vivera alegre e satisfeito. Não ameaçara os demais viventes, não despedaçara flores com patadas, não encrespara os pelos do dorso à aproximação de estranhos e não repelira os cães eriçando os bigodes, insultando-os entre dentes. Tornara-se um ser brando e amável,

83

Figura 40 – Páginas 42-43 e 82-83 do livro *O gato malhado e a andorinha Sinhá*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

O trabalho realizado com a cor já foi explorado anteriormente na análise, sendo esse um dos elementos que mais se destaca em todo o projeto do livro.

O enquadramento, por sua vez, foi trabalhado nas escolhas de disposição das ilustrações nas páginas.

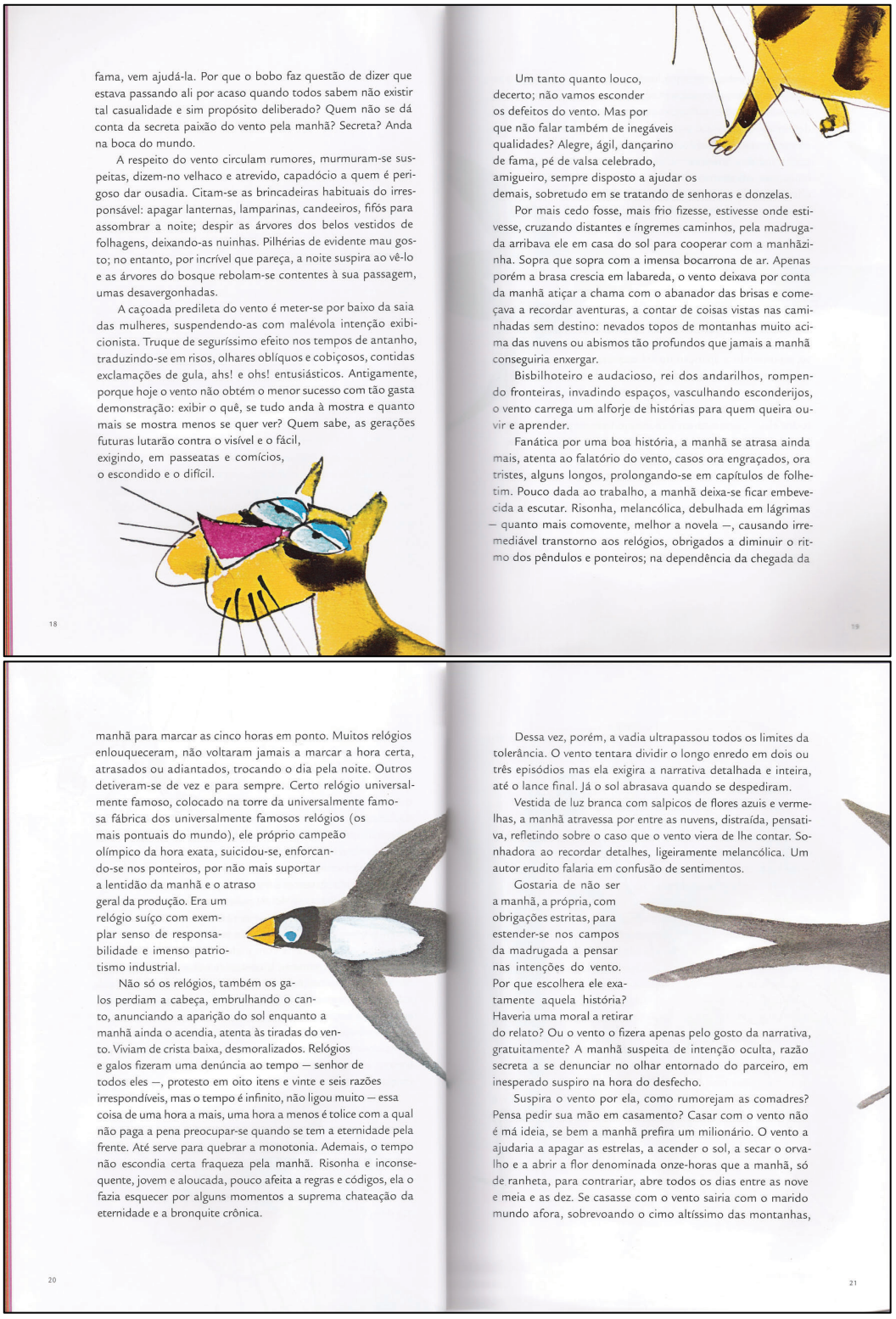


Figura 41 – Páginas 18-19 e 20-21 do livro *O gato malhado e a andorinha Sinhá*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

Como pode-se observar nas imagens acima, a ilustração dos personagens se divide em diversas partes, dando destaque a detalhes diferentes da constituição dos seus corpos e permitindo novos olhares para a figura do gato malhado e da andorinha Sinhá. O enquadramento utilizado se destaca por opções pouco usuais, como, por exemplo, apresentar a cabeça do gato na parte inferior da página e suas patas na parte superior, invertendo a lógica habitual.

Por meio dessa análise, podemos concluir que o design desenvolvido é um exemplo de Design na Leitura, pois é fruto de um projeto que busca a mediação do texto literário, possibilitando a interação entre as linguagens do livro e o jovem leitor, que por meio da antiga história de amor impossível entra em contato com os conflitos próprios das experiências românticas.

4.7. *Gotham Sampa City*

> Os morcegos são aqueles que absorvem o estresse dessa metrópole mais do que os humanos podem absorver. As doses de tensão que os morcegos estão habituados a digerir no seu dia a dia seriam suficientes para aniquilar cem, duzentos humanos de uma só vez. E é justo essa resistência e esse olhar diferente de nós, os morcegos, que nos atribuem naturalmente uma missão: ajudar os humanos a perceber as coisas da vida com mais sabor, sem erros desnecessários (ZUGAIB, 2009, p. 14).

Em analogia que traz o universo de um famoso super-herói americano para a realidade da maior cidade brasileira, Eduardo Zugaib apresenta *Gotham Sampa City – o diário do morcego*. O livro, com ilustrações de Renato Moriconi, projeto gráfico e diagramação de Carlos Magno, conta a rotina de um homem morcego na "cidade-nervos-à-flor-da-pele" (ZUGAIB, 2009, p. 11).

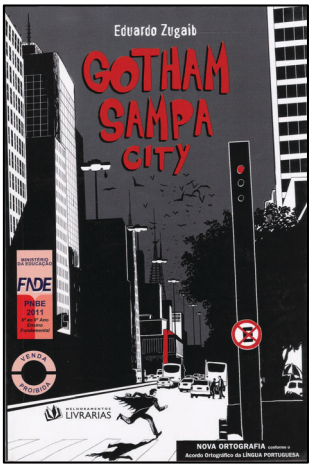


Figura 42 – Capa do livro *Gotham Sampa City*, com texto de Eduardo Zugaib, ilustrações de Renato Moriconi, editado pela Melhoramentos Livrarias.

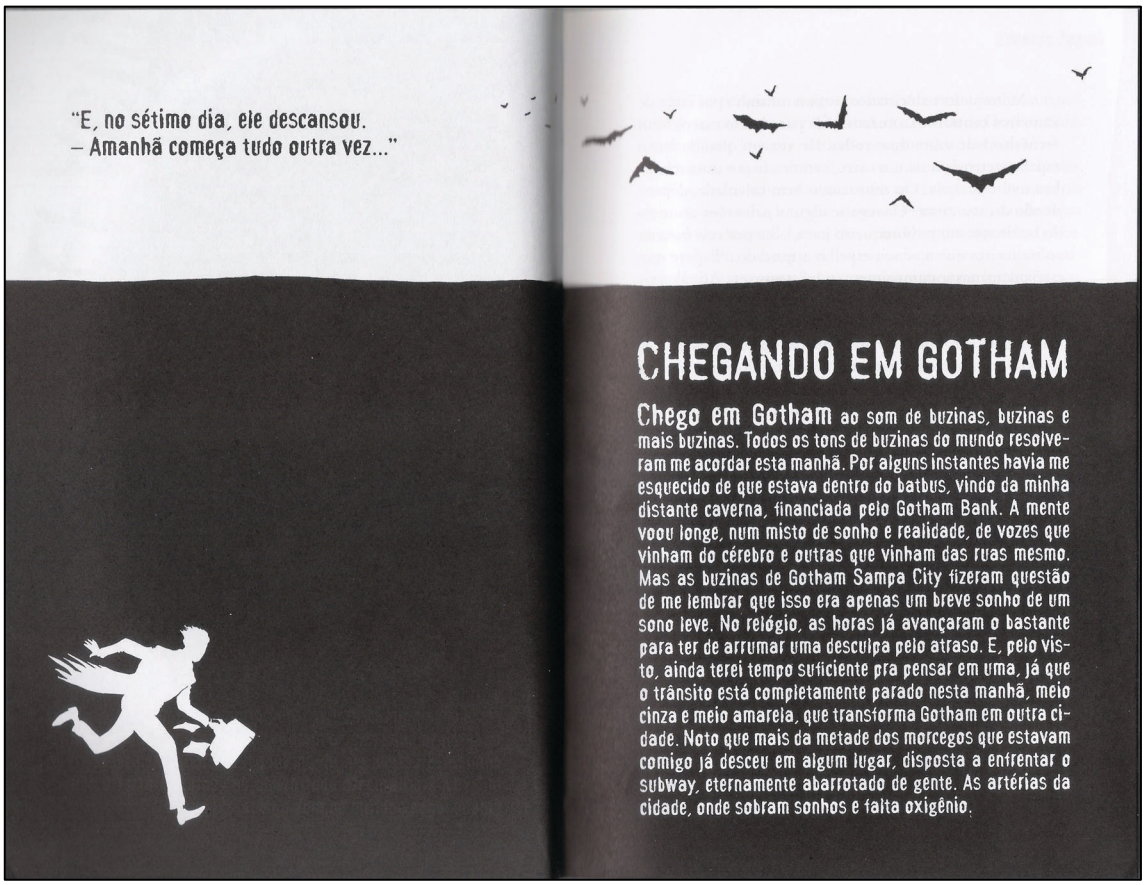
Segue abaixo a tabela de análise do livro:

Análise em relação à ilustração	Livro com 25% a 50% de páginas ilustradas.
Análise em relação ao diferencial gráfico	Trabalho cromático diferenciado.
Funções do texto e da imagem	Texto como instância primária.
Relação entre texto e imagem	Relação de redundância.
Tipologia de diagramação	Associação.
Elementos dos novos fundamentos do Design encontrados no livro	Ponto, linha e plano; cor; figura e fundo.

Tabela 11 – Análise do livro *Gotham Sampa City*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

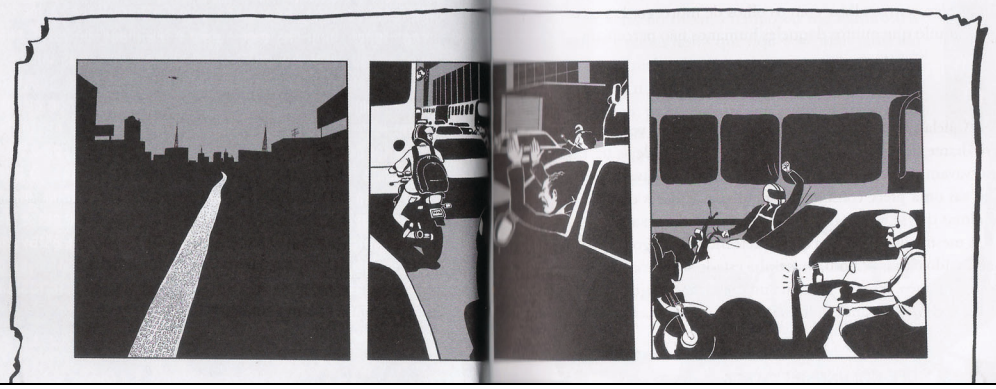
Com aproximadamente 48% das páginas com ilustrações, o livro *Gotham Sampa City* utiliza muitas interferências gráficas e imagens para ambientar o texto e contextualizar a realidade de violência urbana a que se refere. Utilizando apenas preto, branco e tons de cinza, o livro apresenta um trabalho cromático diferenciado, criando planos e silhuetas da rotina e da cidade dos morcegos. Também é interessante reparar na utilização da cor vermelha especialmente na capa e na contracapa, de forma a destacar o título do livro e alguns elementos específicos, como o sinal de trânsito vermelho e a placa de proibido estacionar e parar.



PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

Motoqueiros alucinados cortam caminho por cima de canteiros centrais e costuram a fila parada dos carros num frenético balé sobre duas rodas. De vez em quando voa o espelho retrovisor de um carro, arrancado por uma manobra mal calculada. Ou muitíssimo bem calculada, dependendo do seu autor. Ouvem-se alguns palavrões no meio do buzinaço, e um motoqueiro para, olha pra trás e acena ao motorista que teve seu espelho arrancado. "Espero que estejam apenas se cumprimentando", penso eu. Afinal, a cidade já está farta de tanta violência no trânsito. Vai ver são amigos de bairro se reconhecendo entre as latarias multicoloridas dos carros de Gotham. Outros motoqueiros, percebendo o cumprimento, também vão parando, engrossando ainda mais o caldo do trânsito congestionado.

Percebo que não eram amigos quando de repente um deles chuta a lataria do veículo. Sem muita reação, o motorista aponta o dedo para o rosto do rapaz, que mais uma vez responde com gestos obscenos.



É. Eles não eram amigos mesmo. Ao contrário, haviam acabado de se conhecer nas ruas paradas e nervosas de Gotham Sampa City. E não haviam sido nada amigáveis um com o outro.

Passado o burburinho e com os ânimos já menos exaltados, os motoqueiros sobem em suas sujas motos e partem novamente em meio aos carros imóveis, xingando o motorista, dando tapas no capô ou chutes na lateral do carro. Do camarote sobre rodas que é o batbus acho que vi, no meio daquela muvuca toda, alguém levantar a camisa até o peito para mostrar o cabo de um revólver na cintura. Talvez tenha sido só impressão, resultado da sonolência da qual eu acabara de sair.

O homem, humilhado e impotente, entra calado em seu veículo e fixa os olhos no para-brisa, balançando negativamente a cabeça e estalando uma língua de reprovação na boca: tsc, tsc, tsc...

Suas mãos tremem de leve. É curioso assistir a essas cenas de ódio explícito nas ruas de Gotham. A testosterona vaza pelos poros dos motoristas, estejam em carros, motos

ou ônibus. Seja homem ou mulher, é preciso muita calma no trânsito. Entendo agora o que meu pai queria dizer quando eu tinha treze anos e queria de qualquer maneira aprender a dirigir o carro dele. Naquela idade, as emoções estavam à flor da pele, tudo era muito confuso e eu tinha um mundo inteiro pra desbravar.

– Fique tranquilo. Tudo tem sua hora certa pra acontecer.

– Mas, pai! Os pais dos meus amigos já deixam eles dirigir o carro! Eu já tenho quase catorze anos... Você não me ama, né? – tentava chantageá-lo.

– Por te amar que eu ainda não deixo – respondia sabiamente.

Não precisei crescer para ver isso com outros olhos. O que parecia uma brincadeira inocente, o desejo de dirigir um carrinho um pouco maior do que os que eu tinha na estante do quarto, poderia acabar num acidente.

Mal poderia imaginar que um dia veria essas e outras coisas com outros olhos, com os olhos de morcego. E perceberia aquilo que muitos daqueles humanos não percebiam.

* * *

Aquela explosão de raiva que eu acabara de ver ocorria bem diante de um dos mosteiros da cidade, de onde as freiras observavam tudo silenciosamente. Por aquelas pequeninas janelas sai uma prece constante, para aliviar as dores de cabeça das almas que se torturam nas ruas dessa cidade-enxaqueca.

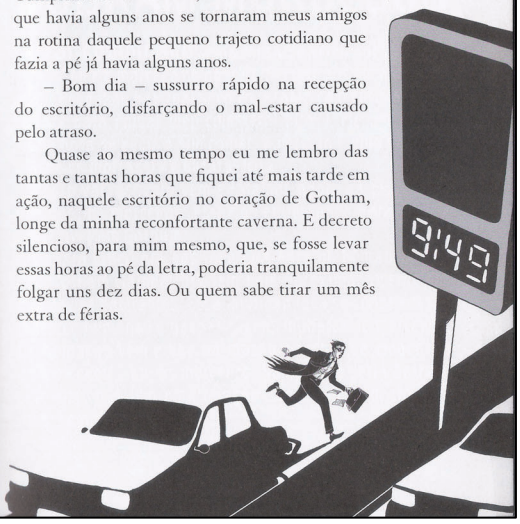
A mesma dor de cabeça que aquele motorista agora sentia. Tinha saído de casa calmo, mas tinha estado sob tamanha tensão havia pouco, que cenas de sua infância, de sua vida, de sua família, passaram voando pelos seus pensamentos. Lembrou-se

da esposa, que também deveria estar presa num trânsito igual àquele, do outro lado da cidade. E do filho, que já deveria estar na sala de aula da sua escola. Por amor a eles, decidiu não reagir. São frações de segundo como essas que ajudam a vida nessa cidade-nervos-à-flor-da-pele a não se transformar no mais insuportável caos. Pela sua reação, tenho certeza de que aquele sujeito era um morcego. Só não desço do batbus para conversar com ele porque os carros começam a andar.

Finalmente o trânsito flui. A massa metálica vai se dispersando entre as ruas estreitas do centro de Gotham. Chego ao meu destino, Paulista Avenue, perto das 10 horas da manhã. Cumprimento os camelôs, taxistas e donos dos cafés, que havia alguns anos se tornaram meus amigos na rotina daquele pequeno trajeto cotidiano que fazia a pé já havia alguns anos.

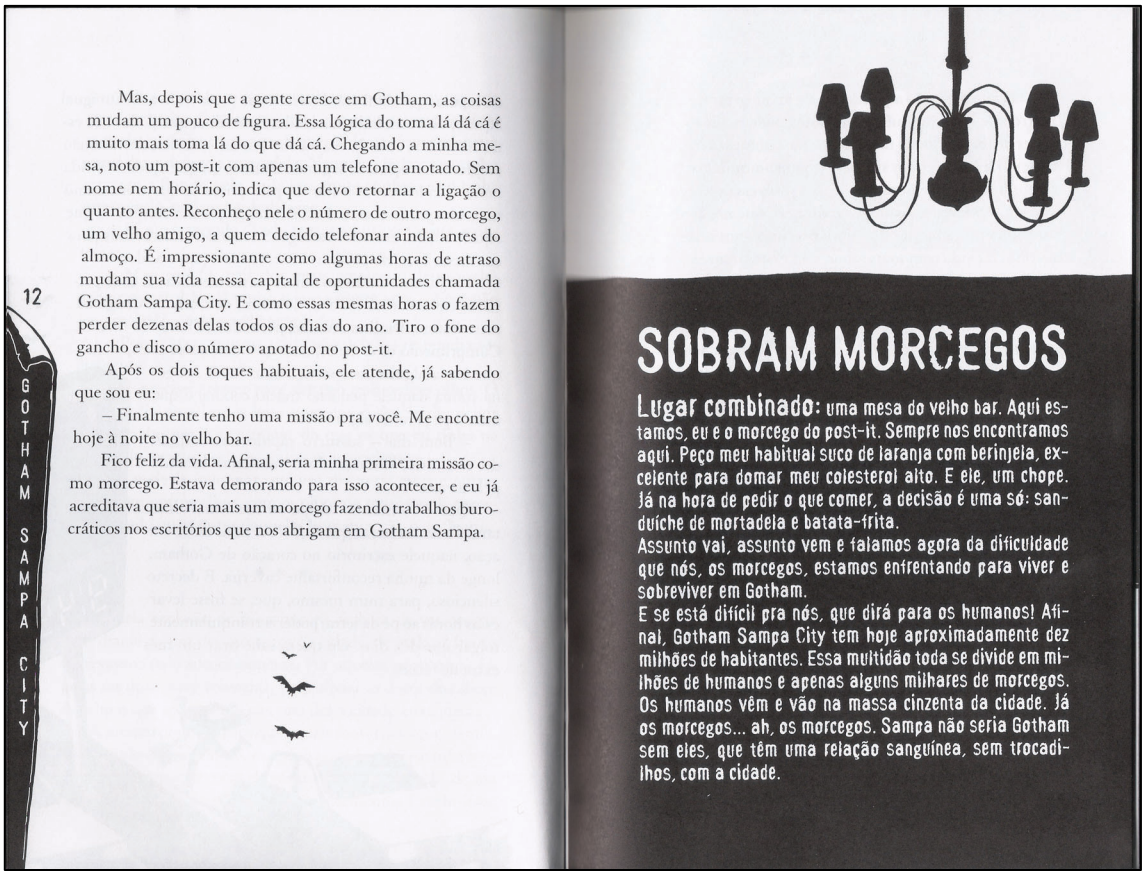
– Bom dia – sussurro rápido na recepção do escritório, disfarçando o mal-estar causado pelo atraso.

Quase ao mesmo tempo eu me lembro das tantas e tantas horas que fiquei até mais tarde em ação, naquele escritório no coração de Gotham, longe da minha reconfortante caverna. E decreto silencioso, para mim mesmo, que, se fosse levar essas horas ao pé da letra, poderia tranquilamente folgar uns dez dias. Ou quem sabe tirar um mês extra de férias.



UFF-COLUNI-BIBLIOTECA

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA



12

GOTHAM SAMPA CITY

Mas, depois que a gente cresce em Gotham, as coisas mudam um pouco de figura. Essa lógica do toma lá dá cá é muito mais toma lá do que dá cá. Chegando a minha mesa, noto um post-it com apenas um telefone anotado. Sem nome nem horário, indica que devo retornar a ligação o quanto antes. Reconheço nele o número de outro morcego, um velho amigo, a quem decido telefonar ainda antes do almoço. É impressionante como algumas horas de atraso mudam sua vida nessa capital de oportunidades chamada Gotham Sampa City. E como essas mesmas horas o fazem perder dezenas delas todos os dias do ano. Tiro o fone do gancho e disco o número anotado no post-it.

Após os dois toques habituais, ele atende, já sabendo que sou eu:

– Finalmente tenho uma missão pra você. Me encontre hoje à noite no velho bar.

Fico feliz da vida. Afinal, seria minha primeira missão como morcego. Estava demorando para isso acontecer, e eu já acreditava que seria mais um morcego fazendo trabalhos burocráticos nos escritórios que nos abrigam em Gotham Sampa.

SOBRAM MORCEGOS

Lugar combinado: uma mesa do velho bar. Aqui estamos, eu e o morcego do post-it. Sempre nos encontramos aqui. Peço meu habitual suco de laranja com berinjela, excelente para domar meu colesterol alto. E ele, um chope. Já na hora de pedir o que comer, a decisão é uma só: sanduíche de mortadela e batata-frita.

Assunto vai, assunto vem e falamos agora da dificuldade que nós, os morcegos, estamos enfrentando para viver e sobreviver em Gotham.

E se está difícil pra nós, que dirá para os humanos! Afinal, Gotham Sampa City tem hoje aproximadamente dez milhões de habitantes. Essa multidão toda se divide em milhões de humanos e apenas alguns milhares de morcegos. Os humanos vêm e vão na massa cinzenta da cidade. Já os morcegos... ah, os morcegos. Sampa não seria Gotham sem eles, que têm uma relação sanguínea, sem trocadilhos, com a cidade.

14

GOTHAM SAMPA CITY

Os morcegos são aqueles que absorvem o estresse dessa metrópole mais do que os humanos podem absorver. As doses de tensão que os morcegos estão habituados a digerir no seu dia a dia seriam suficientes para aniquilar cem, duzentos humanos de uma só vez. E é justo essa resistência e esse olhar diferente de nós, os morcegos, que nos atribuem naturalmente uma missão: ajudar os humanos a perceber as coisas da vida com mais sabor, sem erros desnecessários.

Para entender um pouco como os morcegos vieram parar aqui, vou contar um pouco de sua história, que se mistura com a história da cidade. Os morcegos vieram de toda parte do país e do mundo com destino a Gotham Sampa.

Tudo começou quando os portugueses pisaram nestas terras pela primeira vez. Após as primeiras tentativas de colonização, eles perceberam que os nativos não estavam lá muito a fim de acatar suas ordens; resolveram então buscar a incansável força africana de trabalho. Junto com esses primeiros colonizadores, vieram também os primeiros morcegos. Que, já na chegada, perceberam o cheiro agradável de urbanidade latente, o que lhes atiçou o olfato. Instintivamente, subiram a Serra do Mar e se fixaram onde hoje está Gotham Sampa.

Junto com os africanos também vieram alguns morcegos, que se destacavam pela maior resistência que tinham em relação aos demais, e isso fazia com que suportassem muito mais chibatadas do que seus conterrâneos humanos.

Não há registro de morcegos indígenas. Talvez tenham sido aniquilados pelas botas dos bandeirantes, na busca de ouro e pedras preciosas.

Algumas guerras e lutas depois, enfim chegou o século XX. No início daquele século, Gotham Sampa City já começava a esboçar traços da metrópole que estava condenada a ser: um misto de bênção e maldição.

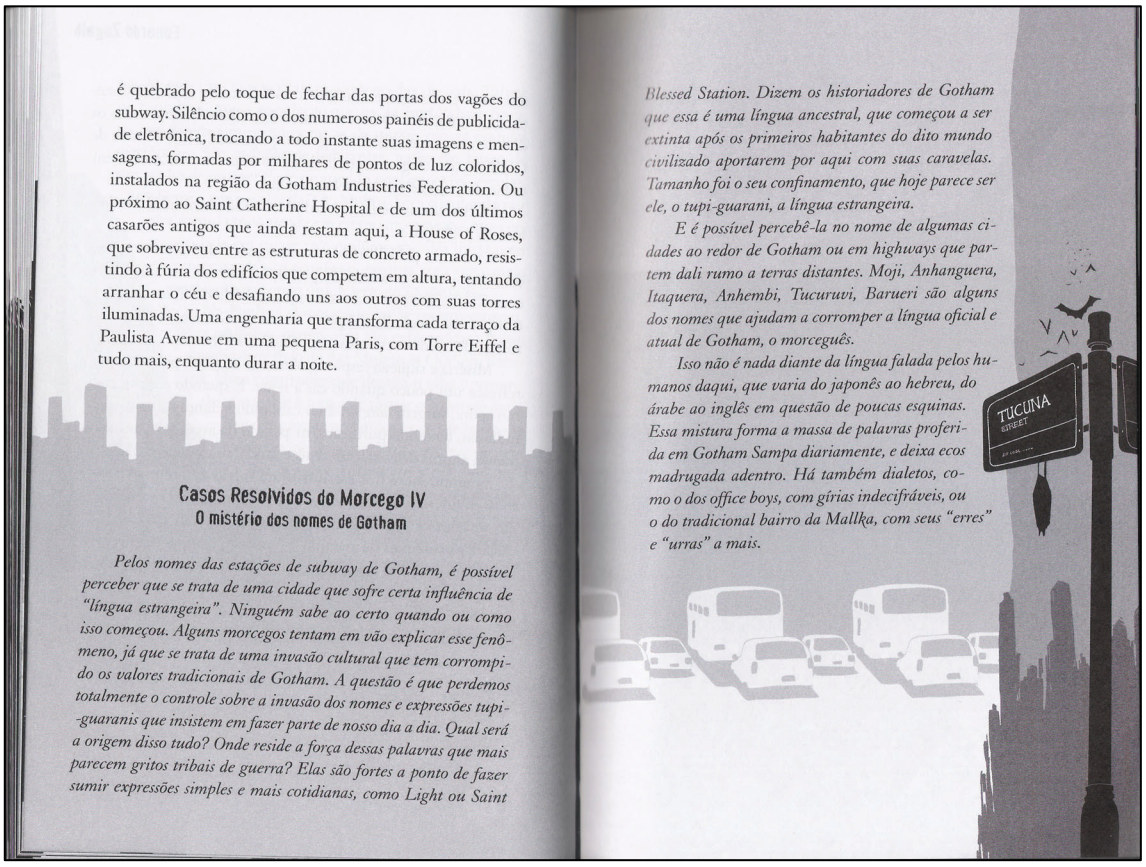
Figura 43 – Páginas 6-7, 8-9, 10-11, 12-13 e 14-15 do livro *Gotham Sampa City*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

O conteúdo textual foi identificado como instância primária de leitura, devido à superioridade quantitativa e à função narrativa que desempenha no livro, apesar da grande presença e interação das imagens, que estabelecem com o texto uma relação de redundância, pois repetem informações previamente fornecidas. A diagramação do livro foi identificada como associativa, já que texto e imagem, na maioria das vezes, compartilham o espaço da página.

Com a ampla utilização de interferências gráficas, identificou-se a utilização dos conceitos de ponto, linha e plano, cor e figura e fundo, que trabalham de forma conjunta para desenvolver graficamente a atmosfera de suspense da história.

As chapadas de preto e cinza são utilizadas não apenas para destacar planos de leitura, como identificado nas páginas 6-7 e nas demais aberturas de capítulo, mas também para destacar trechos específicos da narrativa, que contam os casos resolvidos pelo Morcego, como o que segue abaixo.



é quebrado pelo toque de fechar das portas dos vagões do subway. Silêncio como o dos numerosos painéis de publicidade eletrônica, trocando a todo instante suas imagens e mensagens, formadas por milhares de pontos de luz coloridos, instalados na região da Gotham Industries Federation. Ou próximo ao Saint Catherine Hospital e de um dos últimos casarões antigos que ainda restam aqui, a House of Roses, que sobreviveu entre as estruturas de concreto armado, resistindo à fúria dos edifícios que competem em altura, tentando arranhar o céu e desafiando uns aos outros com suas torres iluminadas. Uma engenharia que transforma cada terraço da Paulista Avenue em uma pequena Paris, com Torre Eiffel e tudo mais, enquanto durar a noite.

Casos Resolvidos do Morcego IV
O mistério dos nomes de Gotham

Pelos nomes das estações de subway de Gotham, é possível perceber que se trata de uma cidade que sofre certa influência de "língua estrangeira". Ninguém sabe ao certo quando ou como isso começou. Alguns morcegos tentam em vão explicar esse fenômeno, já que se trata de uma invasão cultural que tem corrompido os valores tradicionais de Gotham. A questão é que perdemos totalmente o controle sobre a invasão dos nomes e expressões tupi-guaranis que insistem em fazer parte de nosso dia a dia. Qual será a origem disso tudo? Onde reside a força dessas palavras que mais parecem gritos tribais de guerra? Elas são fortes a ponto de fazer sumir expressões simples e mais cotidianas, como Light ou Saint Blessed Station. Dizem os historiadores de Gotham que essa é uma língua ancestral, que começou a ser extinta após os primeiros habitantes do dito mundo civilizado aportarem por aqui com suas caravelas. Tamanho foi o seu confinamento, que hoje parece ser ele, o tupi-guarani, a língua estrangeira.

E é possível percebê-la no nome de algumas cidades ao redor de Gotham ou em highways que partem dali rumo a terras distantes. Moji, Anhanguera, Itaquera, Anhembi, Tucuruvi, Barueri são alguns dos nomes que ajudam a corromper a língua oficial e atual de Gotham, o morceguês.

Isso não é nada diante da língua falada pelos humanos daqui, que varia do japonês ao hebreu, do árabe ao inglês em questão de poucas esquinas. Essa mistura forma a massa de palavras proferida em Gotham Sampa diariamente, e deixa ecos madrugada adentro. Há também dialetos, como o dos office boys, com gírias indecifráveis, ou o do tradicional bairro da Mallka, com seus "erres" e "urras" a mais.

TUCUNA STREET

Figura 44 – Páginas 72-73 do livro *Gotham Sampa City*.

A chapada de cinza cria um plano separado para o conteúdo, que também é diferenciado pela utilização da fonte em itálico, além de formar, na sua parte superior, a silhueta dos prédios da metrópole em que se situa a história, e na parte inferior a silhueta dos ônibus e dos carros de seu trânsito

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

caótico. Tal composição é repetida em todas as apresentações de casos resolvidos, marcando visualmente o ritmo da narrativa.

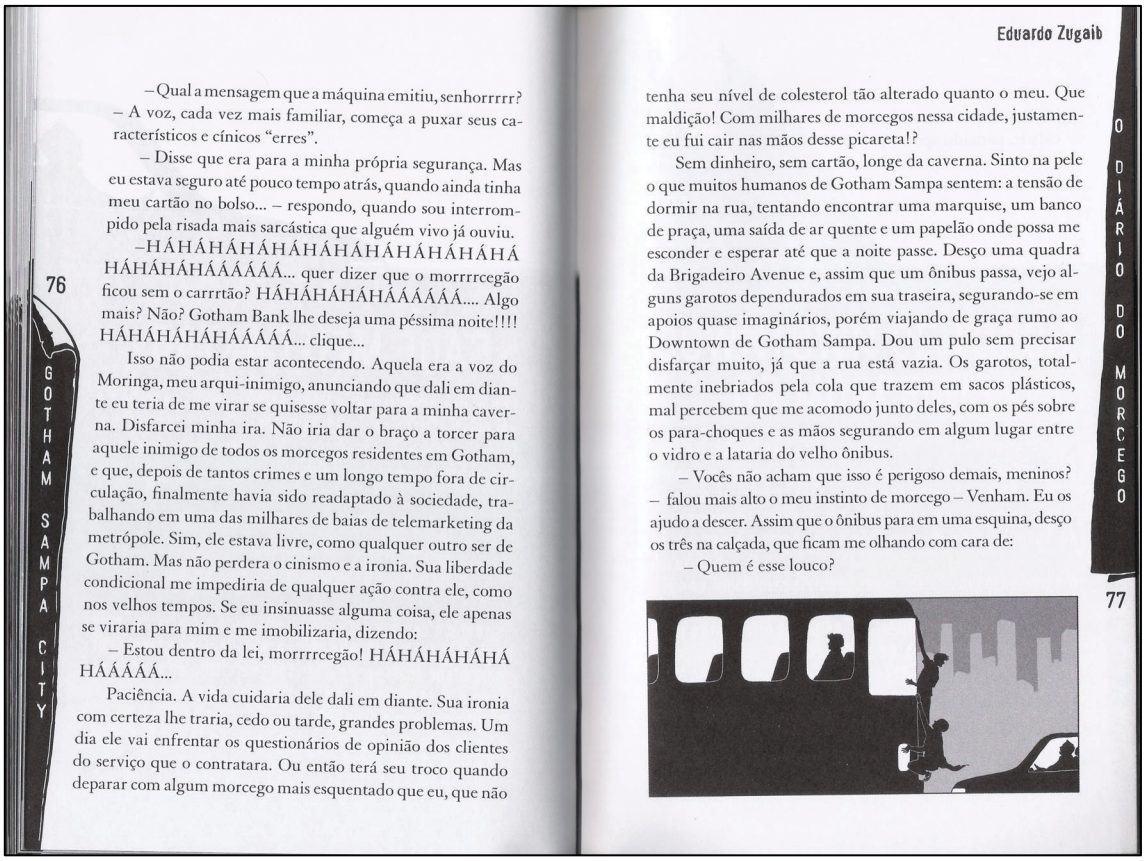
Como dito anteriormente, as cores preto, branco e as variações de tons de cinza são exploradas como elemento de grande destaque para melhor integrar conteúdo textual e conteúdo imagético, principalmente quando associado ao elemento de figura e fundo na constituição de silhuetas.

NO PARQUE DA CIDADE

Com o menino que havia me abordado naquela noite escura que relatei antes, aprendi que os jovens de Gotham Sampa precisam conversar mais com seus pais, professores e amigos sobre o problema das drogas. Será que ele está melhor? Com aquele garoto de ar cansado que me deu um dos folhetos, percebi que eles precisavam frequentar mais cinemas, bibliotecas e parques. Com a ajuda de Zeca, o garoto que conheci na March 25th Street, aprendi, além de algumas gírias, que a rapaziada da idade dele está a fim de consumir, de comprar tênis, roupas, CDs, jogar os games da hora e "ficar". A fim de "ficar".

What the hell is this?, perguntei aos zíperes de minha roupa de morcego, já que ela não tem botões. Preciso ir a algum lugar onde eles se concentram para entender isso melhor. E a dica já havia sido dada pelo Zeca: o melhor lugar para isso era um shopping center. Mas, antes, observarei em um dos parques da cidade, onde acredito poder encontrar alguns deles. Pego um circular, que me

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA



76

GOTHAM SAMPA CITY

– Qual a mensagem que a máquina emitiu, senhorrrrr? – A voz, cada vez mais familiar, começa a puxar seus característicos e cínicos "erres".

– Disse que era para a minha própria segurança. Mas eu estava seguro até pouco tempo atrás, quando ainda tinha meu cartão no bolso... – respondo, quando sou interrompido pela risada mais sarcástica que alguém vivo já ouviu.

–HÁHÁHÁHÁHÁHÁHÁHÁHÁHÁHÁHÁHÁHÁÁÁÁÁ... quer dizer que o morrrrcegão ficou sem o carrrtão? HÁHÁHÁHÁHÁÁÁÁÁ.... Algo mais? Não? Gotham Bank lhe deseja uma péssima noite!!!! HÁHÁHÁHÁHÁÁÁÁ... clique...

Isso não podia estar acontecendo. Aquela era a voz do Moringa, meu arqui-inimigo, anunciando que dali em diante eu teria de me virar se quisesse voltar para a minha caverna. Disfarcei minha ira. Não iria dar o braço a torcer para aquele inimigo de todos os morcegos residentes em Gotham, e que, depois de tantos crimes e um longo tempo fora de circulação, finalmente havia sido readaptado à sociedade, trabalhando em uma das milhares de baias de telemarketing da metrópole. Sim, ele estava livre, como qualquer outro ser de Gotham. Mas não perdera o cinismo e a ironia. Sua liberdade condicional me impediria de qualquer ação contra ele, como nos velhos tempos. Se eu insinuasse alguma coisa, ele apenas se viraria para mim e me imobilizaria, dizendo:

– Estou dentro da lei, morrrrcegão! HÁHÁHÁHÁHÁÁÁÁÁ...

Paciência. A vida cuidaria dele dali em diante. Sua ironia com certeza lhe traria, cedo ou tarde, grandes problemas. Um dia ele vai enfrentar os questionários de opinião dos clientes do serviço que o contratara. Ou então terá seu troco quando deparar com algum morcego mais esquentado que eu, que não

Eduardo Zugaib

tenha seu nível de colesterol tão alterado quanto o meu. Que maldição! Com milhares de morcegos nessa cidade, justamente eu fui cair nas mãos desse picareta!?

Sem dinheiro, sem cartão, longe da caverna. Sinto na pele o que muitos humanos de Gotham Sampa sentem: a tensão de dormir na rua, tentando encontrar uma marquise, um banco de praça, uma saída de ar quente e um papelão onde possa me esconder e esperar até que a noite passe. Desço uma quadra da Brigadeiro Avenue e, assim que um ônibus passa, vejo alguns garotos dependurados em sua traseira, segurando-se em apoios quase imaginários, porém viajando de graça rumo ao Downtown de Gotham Sampa. Dou um pulo sem precisar disfarçar muito, já que a rua está vazia. Os garotos, totalmente inebriados pela cola que trazem em sacos plásticos, mal percebem que me acomodo junto deles, com os pés sobre os para-choques e as mãos segurando em algum lugar entre o vidro e a lataria do velho ônibus.

– Vocês não acham que isso é perigoso demais, meninos? – falou mais alto o meu instinto de morcego – Venham. Eu os ajudo a descer. Assim que o ônibus para em uma esquina, desço os três na calçada, que ficam me olhando com cara de:

– Quem é esse louco?

O DIÁRIO DO MORCEGO

77

A GRANDE BUS STATION

Chego à Tietê Bus Station, a grande rodoviária de Gotham. Já são quase cinco horas da manhã. Olhos fundos, capa amarrotada, cinto de utilidades já sem utilidade alguma e nem um centavo no bolso. Acomodo-me nas suas frias e azuis cadeiras, entre outros tantos humanos e morcegos que tiveram a mesma má sorte que eu. As pálpebras pesam e fecham a todo instante. Fico brigando comigo mesmo para não pegar de vez no sono. Mais alguns minutos apenas de espera são suficientes para que aqueles que ali costumam passar pelas manhãs, em suas corridas rotineiras, comecem a circular. De banho tomado, homens e mulheres, morcegos e morcegas, iniciam mais um dia em Gotham Sampa. Reconheço alguns rostos amigos entre os que chegam. São morcegos que, ao contrário de mim, conseguiram ir para suas cavernas na noite

Figura 45 – Páginas 42-43, 76-77 e 84-85 do livro *Gotham Sampa City*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

Nas figuras acima, os planos de cor definem o espaço do texto, mas também formam elementos da ilustração, como as folhagens do parque e a carroceria do ônibus, e proporcionam a aparição de outros elementos por meio dos espaços em negativo e da utilização da técnica de alto contraste, que formam o banco do parque e as janelas do ônibus. Já na página 77, os diversos tons utilizados na ilustração formam planos com diferentes elementos e geram a ideia de profundidade.

Gotham Sampa City se mostra como um livro cujo tema é voltado especialmente para os jovens estudantes, conectando elementos da cultura jovem internacional à situação contemporânea das grandes cidades brasileiras em um universo de suspense e aventura, que lida com a percepção da realidade e seus conflitos. Com projeto extremamente ligado ao conteúdo textual apresentado, podemos afirmar que o design do objeto-livro coloca em diálogo as suas diversas linguagens para alcançar o leitor durante o ato de leitura, mostrando-se como um exemplo de Design na Leitura.

4.8. *Fernando Pessoa, o menino da sua mãe*[21]

> Se costumamos afirmar que os gatos têm sete vidas, de Fernando Pessoa poderíamos dizer que teve cerca de setenta: sempre que criava um heterônimo, mudava de personalidade, de aparência e de tema.
>
> (...) Escrito de modo lúdico, este livro é um convite para conhecer a vida e a obra desse grande escritor, cuja forma criadora continua a inspirar leitores, poetas e estudiosos em todo o mundo (PAIS, 2009, contracapa).

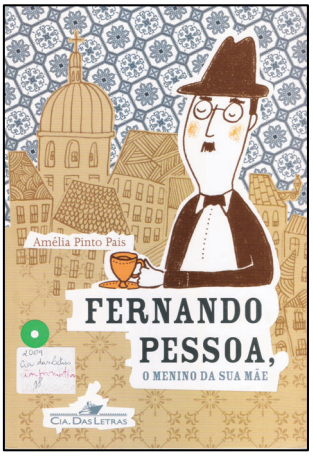


Figura 46 – Capa do livro *Fernando Pessoa, o menino da sua mãe*, com texto de Amélia Pinto Pais, ilustrações de Mariana Newlands, editado pela Companhia das Letras.

O livro de Amélia Pinto Pais, com ilustrações e projeto gráfico de Mariana Newlands, apresenta a vida do poeta Fernando Pessoa desde sua infância. Alternando entre sua história e a produção poética de seus diversos heterônimos, o livro apresentou as seguintes características na sua análise:

Análise em relação à ilustração	Livro com até 25% de páginas ilustradas.
Análise em relação ao diferencial gráfico	Trabalho cromático diferenciado.
Funções do texto e da imagem	Texto como instância primária.

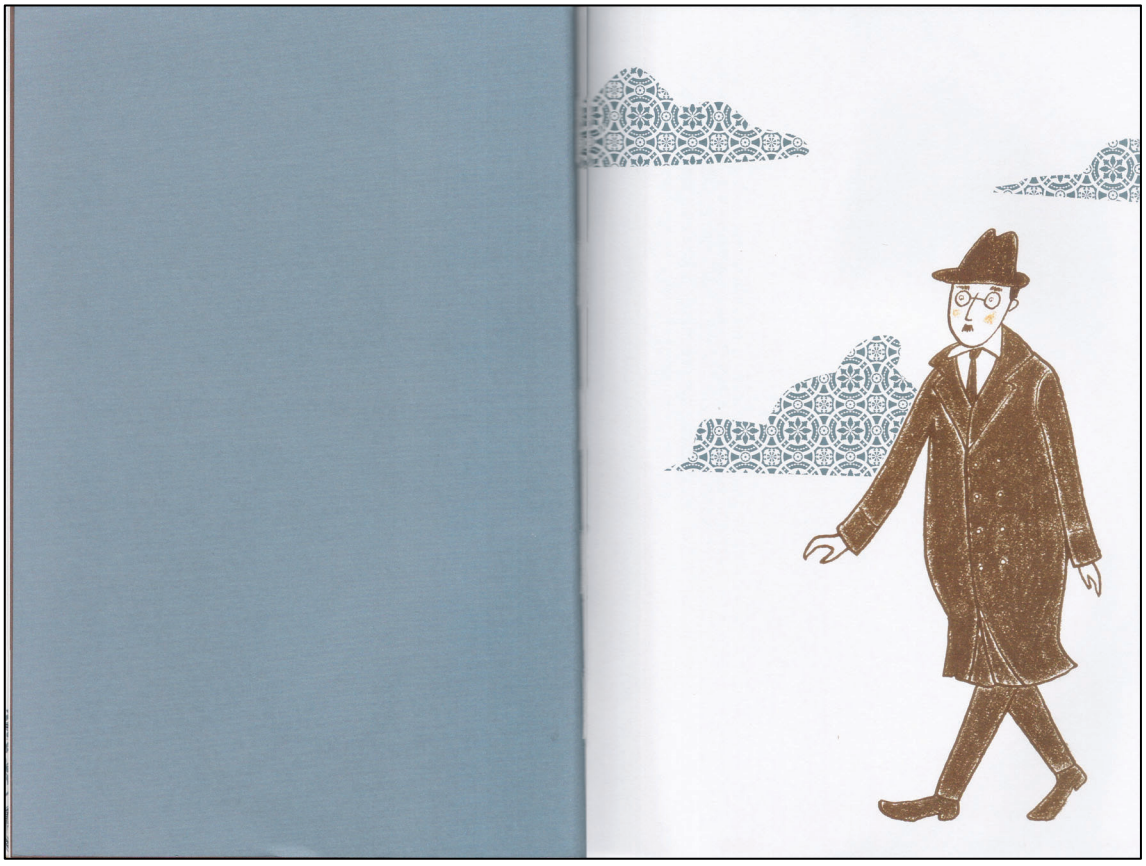
[21] As imagens desta obra foram retiradas de exemplar pertencente à biblioteca do Programa de Alfabetização e Leitura da Universidade Federal Fluminense (PROALE/ UFF), após verificação de que não existem diferenças relevantes em relação ao projeto gráfico ou a qualquer das categorias avaliadas entre esse exemplar e a edição publicada para o PNBE, exceto pela presença do selo do programa na capa do livro.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

Relação entre texto e imagem	Relação de redundância.
Tipologia de diagramação	Dissociação.
Elementos dos novos fundamentos do Design encontrados no livro	Textura; cor; hierarquia; padronagem.

Tabela 12 – Análise do livro *Fernando Pessoa, o menino da sua mãe*.

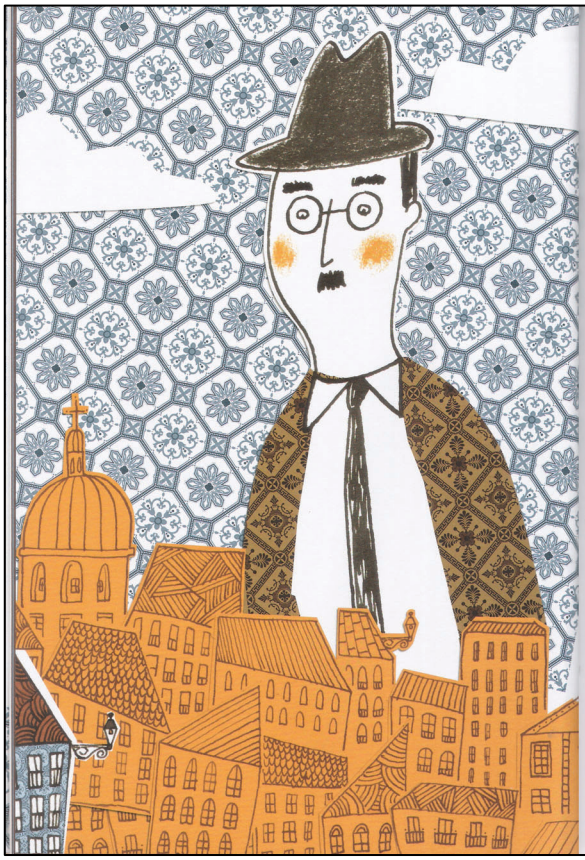
Com aproximadamente 15% de páginas ilustradas, o projeto do livro *Fernando Pessoa, o menino da sua mãe* utiliza diferentes cores para organizar os diversos conteúdos textuais apresentados em suas páginas, em um trabalho cromático diferenciado que pode ser identificado nos fundos das páginas de abertura dos capítulos e na tipografia, como percebe-se nas imagens abaixo:



PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

Parte I

QUEM ME DIRÁ QUEM SOU?



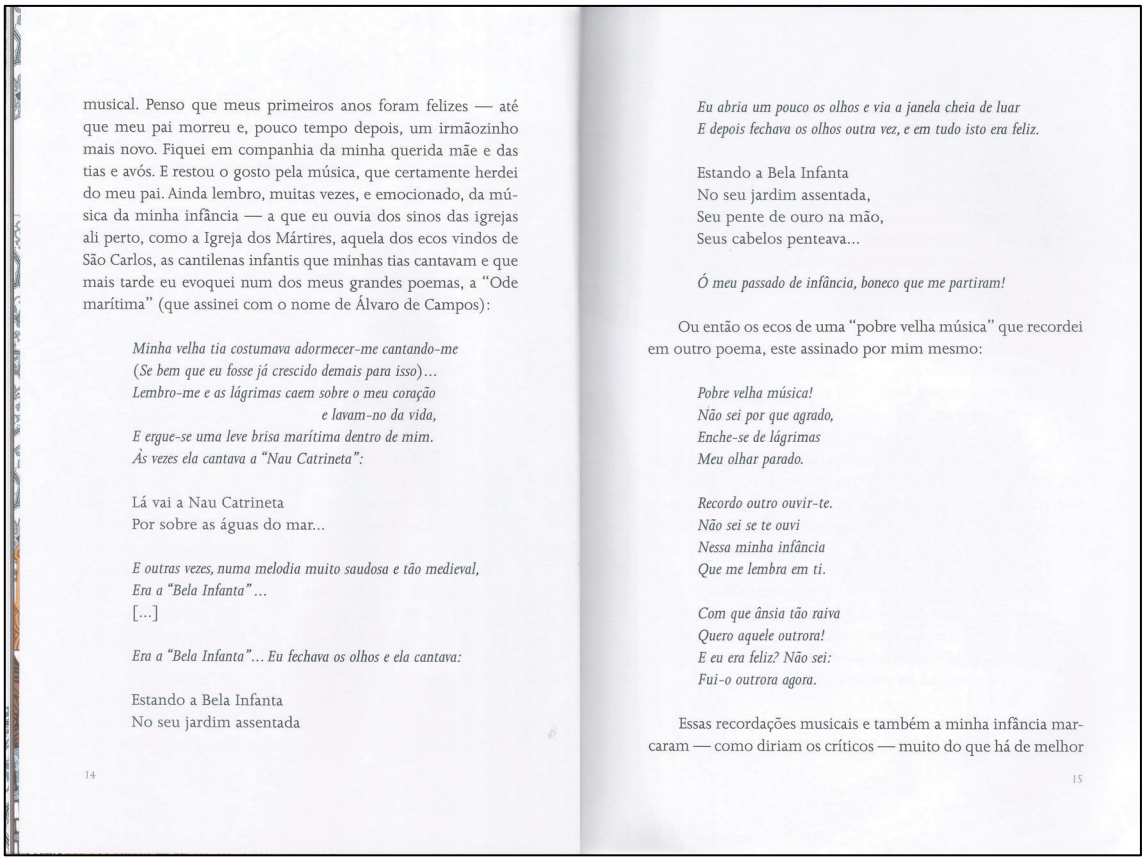
1.

O meu nome é muitos.

Ou seja, na verdade eu nasci em Lisboa (oh, Lisboa, meu lar!), numa casa em frente ao Teatro de São Carlos, num dia 13 de junho (de 1888) — data em que é feriado na minha terra e se celebra Santo António, o primeiro dos três santos populares portugueses. Dizem ainda que é casamenteiro das moças, apesar de, entre as velhas, ter essa fama (e não sei se proveito também) São Gonçalo de Amarante — terra daquele que foi um dos meus amigos, o pintor Amadeo de Souza Cardoso. Deram-me então o nome do santo — Fernando António (o nome civil: Fernando; e o nome que ele escolheu quando se tornou frade e, depois, santo: António). E assim passei a me chamar Fernando António Nogueira Pessoa. É esse meu nome de batismo e registro, como consta dos meus documentos civis e do registro de batismo. Mas me inventei outros nomes depois (uns 72 — que você pode conhecer na p. 118 deste livro), com os quais assinei meus escritos. Contudo, falarei de como isso foi acontecendo mais para a frente.

Minha mãe era açoriana; meu pai era de Lisboa e crítico

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA



musical. Penso que meus primeiros anos foram felizes — até que meu pai morreu e, pouco tempo depois, um irmãozinho mais novo. Fiquei em companhia da minha querida mãe e das tias e avós. E restou o gosto pela música, que certamente herdei do meu pai. Ainda lembro, muitas vezes, e emocionado, da música da minha infância — a que eu ouvia dos sinos das igrejas ali perto, como a Igreja dos Mártires, aquela dos ecos vindos de São Carlos, as cantilenas infantis que minhas tias cantavam e que mais tarde eu evoquei num dos meus grandes poemas, a "Ode marítima" (que assinei com o nome de Álvaro de Campos):

Minha velha tia costumava adormecer-me cantando-me
(Se bem que eu fosse já crescido demais para isso)...
Lembro-me e as lágrimas caem sobre o meu coração
e lavam-no da vida,
E ergue-se uma leve brisa marítima dentro de mim.
Às vezes ela cantava a "Nau Catrineta":

Lá vai a Nau Catrineta
Por sobre as águas do mar...

E outras vezes, numa melodia muito saudosa e tão medieval,
Era a "Bela Infanta"...
[...]

Era a "Bela Infanta"... Eu fechava os olhos e ela cantava:

Estando a Bela Infanta
No seu jardim assentada

14

Eu abria um pouco os olhos e via a janela cheia de luar
E depois fechava os olhos outra vez, e em tudo isto era feliz.

Estando a Bela Infanta
No seu jardim assentada,
Seu pente de ouro na mão,
Seus cabelos penteava...

Ó meu passado de infância, boneco que me partiram!

Ou então os ecos de uma "pobre velha música" que recordei em outro poema, este assinado por mim mesmo:

Pobre velha música!
Não sei por que agrado,
Enche-se de lágrimas
Meu olhar parado.

Recordo outro ouvir-te.
Não sei se te ouvi
Nessa minha infância
Que me lembra em ti.

Com que ânsia tão raiva
Quero aquele outrora!
E eu era feliz? Não sei:
Fui-o outrora agora.

Essas recordações musicais e também a minha infância marcaram — como diriam os críticos — muito do que há de melhor

15

Figura 47 – Páginas 8-9, 10-11, 12-13 e 14-15 do livro *Fernando Pessoa, o menino da sua mãe*.

O texto é a instância primária do livro, e a relação que se estabelece entre conteúdo textual e imagético é de redundância, pois as ilustrações não produzem sentidos adicionais. Já a tipologia de diagramação utilizada é a dissociação, pois imagens e texto encontram-se sempre em páginas separadas.

Ao analisar o objeto-livro em questão, pode-se observar a presença de diversos fundamentos do Design, tanto na apresentação de seu texto quanto de suas ilustrações.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

na minha poesia, essa música que se faz com palavras (e emoções, tantas vezes).

Bem, mas estou quase perdendo o fio da meada...

Dizia que meu pai morreu quando eu tinha apenas cinco anos; um ano depois, morreu também meu irmãozinho mais novo. Essas perdas fizeram com que eu me ligasse cada vez mais à minha mãe. Para ela escrevi um dos meus primeiros poemas — ou talvez o primeiro mesmo —, aos sete anos:

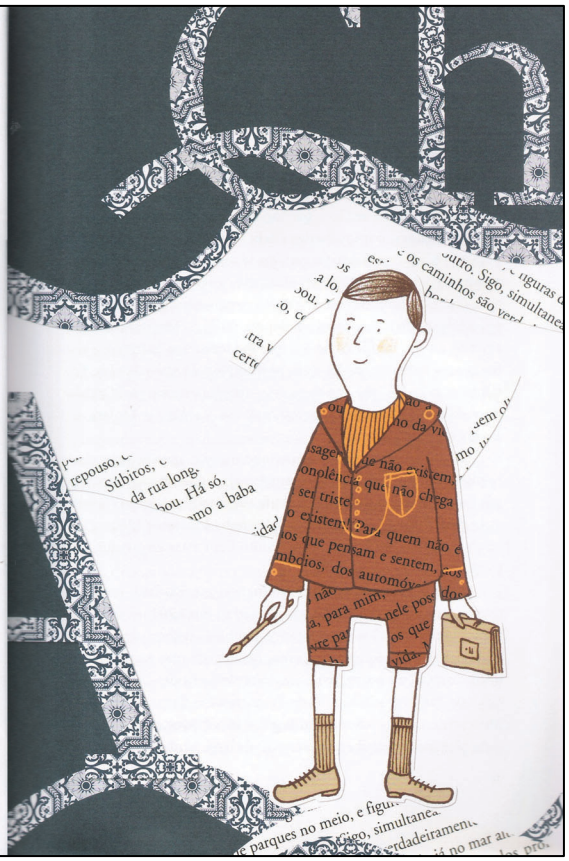
À minha querida Mamã

Eis-me aqui em Portugal
Nas terras onde eu nasci
Por muito que goste delas
Ainda gosto mais de ti

E, vivendo sozinho, sem ter outras crianças com quem brincar, inventei um companheiro de conversas, aquele que foi, assim, o primeiro dos meus outros nomes (ou seja, heterônimos, que significa isto mesmo: outros nomes), como um dia contei, em carta, a um amigo:

> *o meu primeiro conhecido inexistente: um certo Chevalier de Pas dos meus seis anos, por quem escrevia cartas dele a mim mesmo.* [...] *Lembro-me, com menos nitidez, de uma outra figura, cujo nome já me não ocorre mas que o tinha estrangeiro também, que era, não sei em quê, um rival do Chevalier de Pas.*

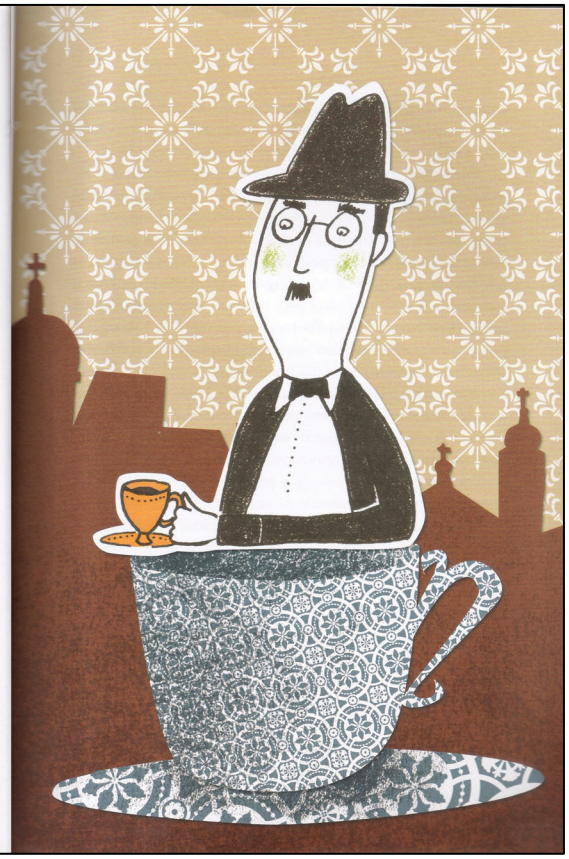
Minha mãe voltou a se casar com um senhor que vivia em Durban, na África do Sul, onde era cônsul: o comandante João



me consolar. Dele me restaram as lembranças para sempre e as cartas que me escrevia, nas quais me falava sobre sua vida, seus escritos e sobre as novidades parisienses — por ele fiquei sabendo dos grandes movimentos artísticos e literários europeus, como o cubismo, o futurismo e demais *ismos*. Coisas um tanto complicadas, que você aprenderá a conhecer mais tarde. Foi com ele e com Amadeo de Souza Cardoso e outros pintores que ouvi pela primeira vez falar de Bracque e de Picasso, entre outros grandes mestres criadores da pintura moderna. Com ele, criei o sensacionismo — outro *ismo* que mais tarde você talvez venha a entender melhor e que tem a ver, naturalmente, com sensação e cruzamentos de sensações: "O sensacionismo", escrevi, "nasceu da amizade entre mim e o Sá-Carneiro". Devo dizer que andávamos em busca de caminhos próprios de modernidade — que pouco depois abandonei.

Almada foi igualmente o amigo de todas as ocasiões — não sei que rumo ele tomou após minha morte, porque ainda viveu por muitos anos. Mas creio que terá sido sempre um irreverente e um grande escritor e pintor. Aliás, a história da minha amizade com ele começou mal. Escrevi num jornal uma crítica a uma exposição sua — Almada não gostou e veio pedir-me satisfações: expliquei-lhe então que nem sequer tinha visto a exposição e que escrevera essa crítica apenas... para ir ganhando a vida... curioso o modo como daí nasceu uma grande amizade, não é? Pelo visto, ele achou graça...

Outros amigos se juntaram a nós. Encontrávamo-nos principalmente em cafés — a Brasileira, o Martinho do Rossio (desaparecido vários anos mais tarde, segundo vim a saber), o Martinho da Arcada... Éramos jovens, tínhamos sonhos, éramos portugueses e queríamos escrever para a Europa. Estávamos dispostos a



PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

O Marinheiro (fragmentos)

(neste drama estático, dialogam três personagens irmãs, denominadas Primeira, Segunda e Terceira)

SEGUNDA — Sonhava de um marinheiro que se houvesse perdido numa ilha longínqua. Nessa ilha havia palmeiras hirtas, poucas, e aves vagas passavam por elas... Não vi se alguma vez pousavam... Desde que, naufragado, se salvara, o marinheiro vivia ali... Como ele não tinha meio de voltar à pátria, e cada vez que se lembrava dela sofria, pôs-se a sonhar uma pátria que nunca tivesse tido: pôs-se a fazer ter sido sua uma outra pátria, uma outra espécie de país com outras espécies de paisagens, e outra gente, e outro feitio de passarem pelas ruas e de se debruçarem das janelas... Cada hora ele construía em sonho esta falsa pátria, e ele nunca deixava de sonhar, de dia à sombra curta das grandes palmeiras, que se recortava, orlada de bicos, no chão areento e quente; de noite, estendido na praia, de costas e não reparando nas estrelas.

PRIMEIRA — Não ter havido uma árvore que mosqueasse sobre as minhas mãos estendidas a sombra de um sonho como esse!...

TERCEIRA — Deixai-a falar... Não a interrompais... Ela conhece palavras que as sereias lhe ensinaram... Adormeço para a poder escutar... Dizei, minha irmã, dizei... Meu coração dói-me de não ter sido vós quando sonháveis à beira-mar...

SEGUNDA — Durante anos e anos, dia a dia, o marinheiro erguia num sonho contínuo a sua nova terra natal... Todos os dias punha uma pedra de sonho nesse edifício impossível... Breve ele ia tendo um país que já tantas vezes havia percorrido. Milhares de horas lembrava-se já de ter passado ao longo de suas costas. Sabia de que cor soíam ser os crepúsculos numa baía do norte, e como era suave entrar, noite alta, e com a alma recostada no murmúrio da água que o navio abria, num

111

Figura 48 – Páginas 16-17, 24-25 e 110-111 do livro *Fernando Pessoa, o menino da sua mãe*.

Nas páginas acima podemos identificar a utilização de texturas e padronagens na composição das ilustrações. Trechos de textos e estampas de azulejos portugueses formam fundos, céu e objetos nas imagens apresentadas, construindo o universo do escritor que é personagem do livro.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

Poemas para os sobrinhos

Poema pial

Casa Branca — Barreiro a Moita
(Silêncio ou estação, à escolha do freguês)

Toda a gente que tem as mãos frias
Deve metê-las dentro das pias.

Pia número UM,
Para quem mexe as orelhas em jejum.

Pia número DOIS,
Para quem bebe bifes de bois.

Pia número TRÊS,
Para quem espirra só meia vez.

Pia número QUATRO,
Para quem manda as ventas ao teatro.

Pia número CINCO,
Para quem come a chave do trinco.

Pia número SEIS,
Para quem se penteia com bolos-reis.

Pia número SETE,
Para quem canta até que o telhado se derrete.

Pia número OITO,
Para quem parte nozes quando é afoito.

Pia número NOVE,
Para quem se parece com uma couve.

Pia número DEZ,
Para quem cola selos nas unhas dos pés.

E, como as mãos já não estão frias,
Tampa nas pias!

[Nota: esse poema teve uma primeira leitora — minha amada Ophelinha, a quem o enviei numa carta de 11 de janeiro de 1930 na qual eu dizia, brincando, é claro:

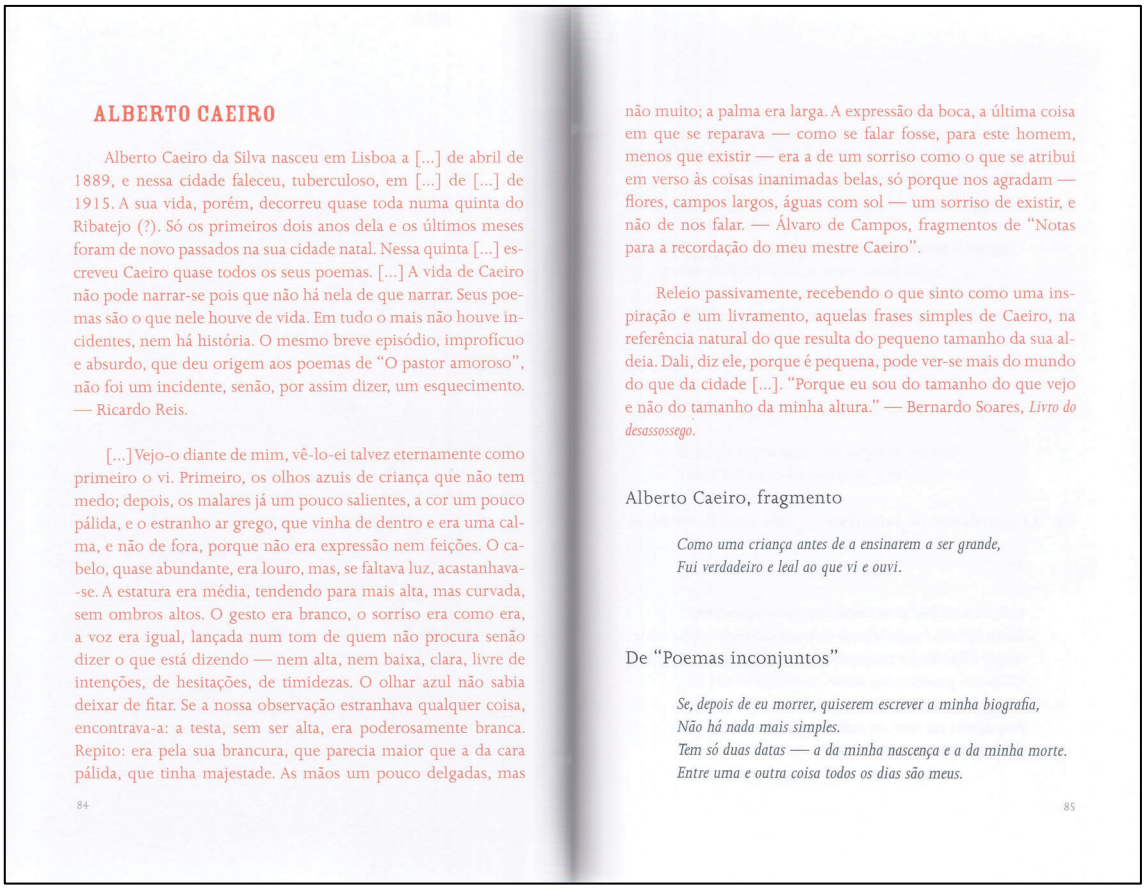
Este poema deve ser lido de noite e num quarto sem luz. Também, devidamente aproveitado, serve para fazer papelotes para as bonecas de trapo, para tapar as fechaduras contra o frio, os olhares e as chaves, e para tirar medidas para sapatos a pés que não tenham mais comprimento que o papel.

Creio que estão feitas todas as recomendações para o uso. Não é preciso agitar antes de usar.]

No comboio descendente

No comboio descendente
Vinha tudo à gargalhada
Uns por verem rir os outros
E os outros sem ser por nada —
No comboio descendente
De Queluz à Cruz Quebrada.

APRESENTAÇÃO E POEMAS DOS MEUS HETERÔNIMOS



ALBERTO CAEIRO

Alberto Caeiro da Silva nasceu em Lisboa a [...] de abril de 1889, e nessa cidade faleceu, tuberculoso, em [...] de [...] de 1915. A sua vida, porém, decorreu quase toda numa quinta do Ribatejo (?). Só os primeiros dois anos dela e os últimos meses foram de novo passados na sua cidade natal. Nessa quinta [...] escreveu Caeiro quase todos os seus poemas. [...] A vida de Caeiro não pode narrar-se pois que não há nela de que narrar. Seus poemas são o que nele houve de vida. Em tudo o mais não houve incidentes, nem há história. O mesmo breve episódio, improfícuo e absurdo, que deu origem aos poemas de "O pastor amoroso", não foi um incidente, senão, por assim dizer, um esquecimento. — Ricardo Reis.

[...] Vejo-o diante de mim, vê-lo-ei talvez eternamente como primeiro o vi. Primeiro, os olhos azuis de criança que não tem medo; depois, os malares já um pouco salientes, a cor um pouco pálida, e o estranho ar grego, que vinha de dentro e era uma calma, e não de fora, porque não era expressão nem feições. O cabelo, quase abundante, era louro, mas, se faltava luz, acastanhava-se. A estatura era média, tendendo para mais alta, mas curvada, sem ombros altos. O gesto era branco, o sorriso era como era, a voz era igual, lançada num tom de quem não procura senão dizer o que está dizendo — nem alta, nem baixa, clara, livre de intenções, de hesitações, de timidezas. O olhar azul não sabia deixar de fitar. Se a nossa observação estranhava qualquer coisa, encontrava-a: a testa, sem ser alta, era poderosamente branca. Repito: era pela sua brancura, que parecia maior que a da cara pálida, que tinha majestade. As mãos um pouco delgadas, mas

84

não muito; a palma era larga. A expressão da boca, a última coisa em que se reparava — como se falar fosse, para este homem, menos que existir — era a de um sorriso como o que se atribui em verso às coisas inanimadas belas, só porque nos agradam — flores, campos largos, águas com sol — um sorriso de existir, e não de nos falar. — Álvaro de Campos, fragmentos de "Notas para a recordação do meu mestre Caeiro".

Releio passivamente, recebendo o que sinto como uma inspiração e um livramento, aquelas frases simples de Caeiro, na referência natural do que resulta do pequeno tamanho da sua aldeia. Dali, diz ele, porque é pequena, pode ver-se mais do mundo do que da cidade [...]. "Porque eu sou do tamanho do que vejo e não do tamanho da minha altura." — Bernardo Soares, *Livro do desassossego*.

Alberto Caeiro, fragmento

Como uma criança antes de a ensinarem a ser grande,
Fui verdadeiro e leal ao que vi e ouvi.

De "Poemas inconjuntos"

Se, depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia,
Não há nada mais simples.
Tem só duas datas — a da minha nascença e a da minha morte.
Entre uma e outra coisa todos os dias são meus.

85

Figura 49 – Páginas 58-59, 82-83 e 84-85 do livro *Fernando Pessoa, o menino da sua mãe*.

A cor, como dito anteriormente, é utilizada no fundo das páginas de abertura dos capítulos, mas também é utilizada como elemento de hierarquização do conteúdo textual, separando dados biográficos (em laranja) da produção poética de Fernando Pessoa (títulos em azul-claro e texto em azul- escuro), como pode-se observar nas imagens acima.

Ao tratar de dados da biografia do poeta e apresentar o trabalho de seus diversos heterônimos, o livro *Fernando Pessoa, o menino da sua mãe* proporciona ao jovem estudante a possibilidade de lidar com questões ligadas à constituição da identidade e à reformulação da autoimagem. Com design simples e funcional e ilustrações que, apesar de não introduzirem novos significados à narrativa, possibilitam a inserção do leitor no contexto de vida de Fernando Pessoa, trazendo a poesia de seus textos para o universo imagético, podemos afirmar que o livro se aproxima do conceito de Design na Leitura, mas não se apropria dele de forma decisiva.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

4.9. *Ilíada*

> Qual foi o deus que os levou à rixa? Foi o deus Apolo, para se vingar de Agamênon. O rei havia ofendido Crises, um sacerdote de Apolo, ao roubar sua filha e fazê-la de escrava. O sacerdote foi até o rei, ofereceu-lhe um precioso resgate e implorou-lhe que libertasse sua bela filha. Prometeu-lhe até pedir o favor dos deuses para derrubar Troia, seu próprio reino, e permitir assim que os Gregos, cansados de tanta guerra, recuperassem Helena e voltassem para seus lares, para junto de suas famílias. As tropas gregas aplaudiram, achando que enfim voltariam para casa. Mas Agamênon, teimoso como ele só, não quis abrir mão da moça (CARVALHO, 2007, p. 25-26).

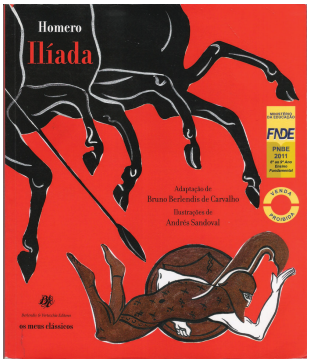


Figura 50 – Capa do livro *Ilíada*, com texto de Homero adaptado por Bruno Berlendis de Carvalho, ilustrações de Andrés Sandoval, editado pela Berlendis & Vertecchia Editores.

A história do sequestro de Helena e da guerra entre gregos e troianos é recontada nessa adaptação, realizada por Bruno Berlendis de Carvalho, da famosa obra de Homero. Com projeto gráfico desenvolvido por Andrés Sandoval e Paulo César Tenório, fortemente ancorado no uso de imagens e ilustrações, criadas também por Andrés Sandoval, a edição da Berlendis & Vertecchia Editores do livro *Ilíada* apresenta "(...) numa linguagem viva e fluente, fartamente ilustrado (...) um dos livros mais importantes da história da humanidade" (CARVALHO, 2007, contracapa).

Eis a tabela de análise do livro:

Análise em relação à ilustração	Livro com 25% a 50% de páginas ilustradas.
Análise em relação ao diferencial gráfico	Trabalho diferenciado no formato; trabalho cromático diferenciado.
Funções do texto e da imagem	Texto como instância primária
Relação entre texto e imagem	Relação de redundância.
Tipologia de diagramação	Dissociação e Associação.
Elementos dos novos fundamentos do Design encontrados no livro	Cor.

Tabela 13 – Análise do livro *Ilíada*.

Possuindo cerca de 38% de suas páginas com imagens, essa edição da *Ilíada* possui um formato diferenciado, de 17,2x20 cm, que aproxima o objeto-livro de uma forma quadrada e o diferencia de seus semelhantes, além de possibilitar um espaço interno, na dupla de páginas, que valoriza as ilustrações desenvolvidas.

Também foi identificado um trabalho diferenciado na utilização das cores, com texto e imagens dentro de uma paleta cromática, que vai do vermelho ao preto, passando por suas variações de luminosidade e saturação.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

Canto II

Apresentação dos exércitos

É noite. Todos dormem, os deuses e os homens. Somente Zeus Olímpio está acordado, preocupado, pensando como fazer para castigar os Gregos. Então decide. Chama o Sonho e lhe ordena: "Sonho, vá até Agamênon e sussurre o seguinte em seu ouvido: 'Hera decidiu derrubar os Troianos. Você deve armar seu exército e atacar já! A vitória é certa!'". O grande Zeus decidiu fazer isso para provocar muito estrago entre os Gregos, pois pretendia favorecer os seus adversários.

O Sonho vai voando até Agamênon e sussurra no seu ouvido o que Zeus mandou.

Ao nascer do sol, o líder dos Gregos pula da cama, acordado. Conclama os seus guerreiros. Quando todos estão presentes, anuncia ter recebido um sonho enviado por um deus. "À luta! A vitória agora é certa! Ou vocês preferem correr, ir embora, como covardes?" Agamênon falou assim porque queria testar os Gregos, para deixá-los mais corajosos.

Nestor ouve atentamente o relato de Agamênon. Ele se levanta e se dirige aos capitães: "Meus amigos! Realmente é o caso de agirmos! Acho que o sonho é verdadeiro, é um sinal de Zeus, o Conselheiro".

Mas, nisso, um soldado incrédulo grita: "Vamos embora daqui! Voltemos às nossas casas, já!". Então os soldados pensam que podem ir embora, começam a querer embarcar nos navios e zarpar. Mas Odisseu toma a palavra.

"Soldados! Fiquem onde estão! Esperem pelas ordens de seus superiores, que sabem o que fazem. Eles não são uns covardes como vocês." Então os soldados se sentam e se acalmam. Menos um, que diz: "Vamos embora! O que temos a ver com Agamênon e Menelau? O rei só quer aumentar seu tesouro, como fez quando roubou a moça de Aquiles". Então Odisseu lhe bate com seu bastão, calando-o. Os outros soldados riem, dizendo: "Odisseu já cumpriu muitas façanhas, mas calar a boca desse covarde foi a melhor coisa que já fez!".

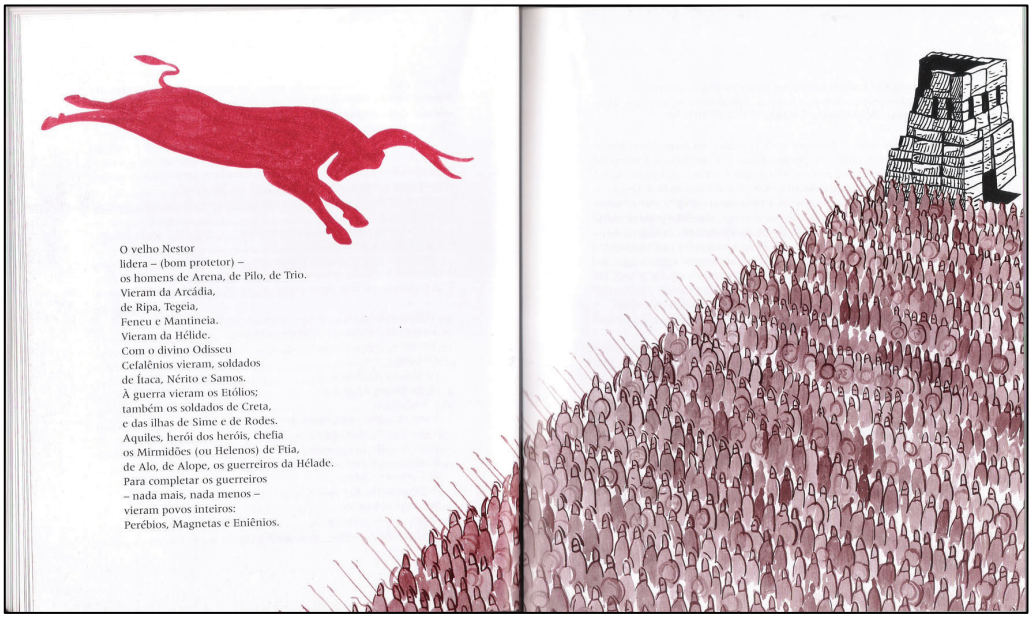
Odisseu pede silêncio e continua. "Vocês não lembram que o profeta Calcas previu que só tomaríamos a cidade no décimo ano de guerra? Nove anos já se passaram! Zeus mandou o sonho a Agamênon como um sinal de nossa vitória. Nós ficaremos aqui até Troia cair!"

Nisso o exército inteiro rompe num grito, aplaudindo o discurso do divino Odisseu.

É um exército gigantesco. Povos de todos os reinos da Grécia se uniram para combater os Troianos.

Para dizer os nomes dos combatentes, não bastariam dez bocas, dez línguas: uma tarefa impossível para os mortais. Então me ajudem, ó Musas filhas de Zeus, a contar os povos e quais os lugares de onde zarparam as naus.

Vieram os Boécios.
Vieram de Asplédon, Orcômeno e Mínias.
Vieram os habitantes da Fócia.
Os Lócrios,
os Abantes da Eubeia,
os guerreiros de Atenas
e Salamina.
Diomedes lidera os homens de Argos,
os Aqueus de Maseta e Egira.
Sob comando de Agamênon
de Micenas vieram,
de Corinto e Cleona,
de Hélice, Pele, Aretina.
Seu irmão Menelau
manda nos Lacedemônios,
nos homens de Esparta, de Helos e Augias.



O velho Nestor
lidera – (bom protetor) –
os homens de Arena, de Pilo, de Trio.
Vieram da Arcádia,
de Ripa, Tegeia,
Feneu e Mantineia.
Vieram da Hélide.
Com o divino Odisseu
Cefalênios vieram, soldados
de Ítaca, Nérito e Samos.
À guerra vieram os Etólios;
também os soldados de Creta,
e das ilhas de Sime e de Rodes.
Aquiles, herói dos heróis, chefia
os Mirmidões (ou Helenos) de Ftia,
de Alo, de Alope, os guerreiros da Hélade.
Para completar os guerreiros
– nada mais, nada menos –
vieram povos inteiros:
Perébios, Magnetas e Eniênios.

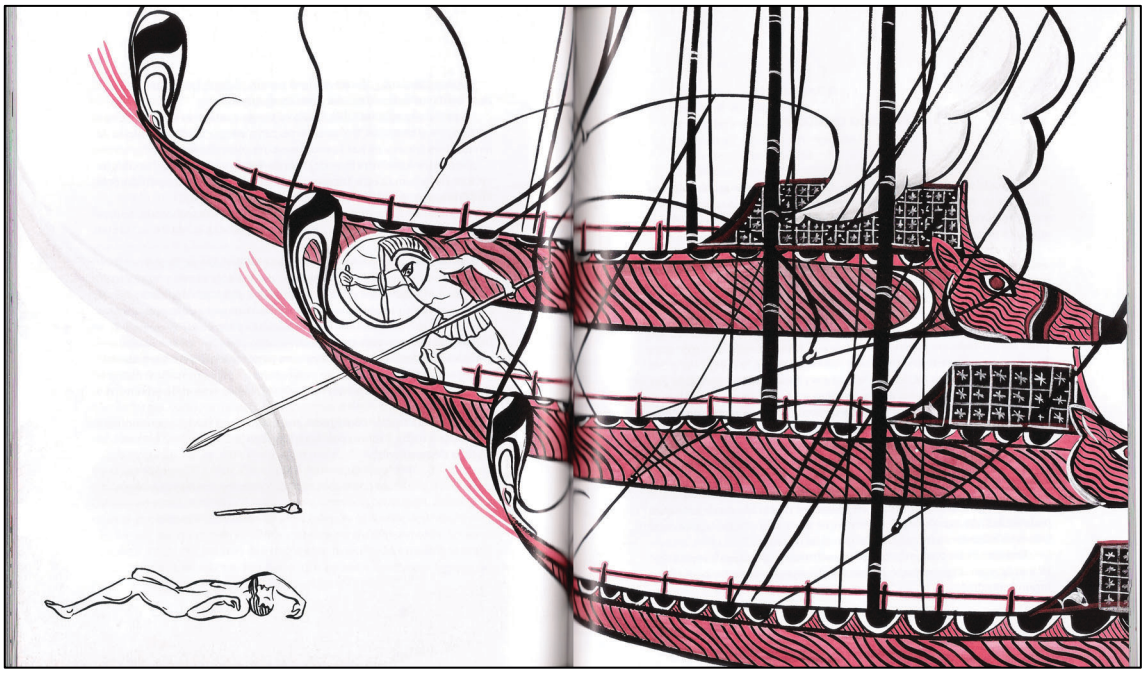
Poseidon desce da carruagem e deixa seus cavalos amarrados, escondidos numa grande caverna. Depois, toma forma humana – disfarça-se como Calcas, o adivinho – e vai até o acampamento grego. Logo vê Ájax Telamônio e o outro Ájax, o Corredor. Os dois heróis gregos não sabem bem o que fazer para conter a investida dos Troianos. O deus fala com eles, enche-os de coragem e força tocando-os com o seu bastão.

"Amigo", diz Ájax Telamônio inspirado pelo deus, "vamos logo lutar! Minha mão está coçando na lança!"

"A minha também. Quem nos falou agora certamente não foi Calcas, e sim algum deus do Olimpo!", responde o outro. Eles partem para o combate.

Enquanto isso, Poseidon, ainda disfarçado, incita os Gregos à luta. Eles se jogam na batalha, tão atracados aos seus inimigos, que as lanças dos dois lados se cruzam e seus elmos se tocam.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA



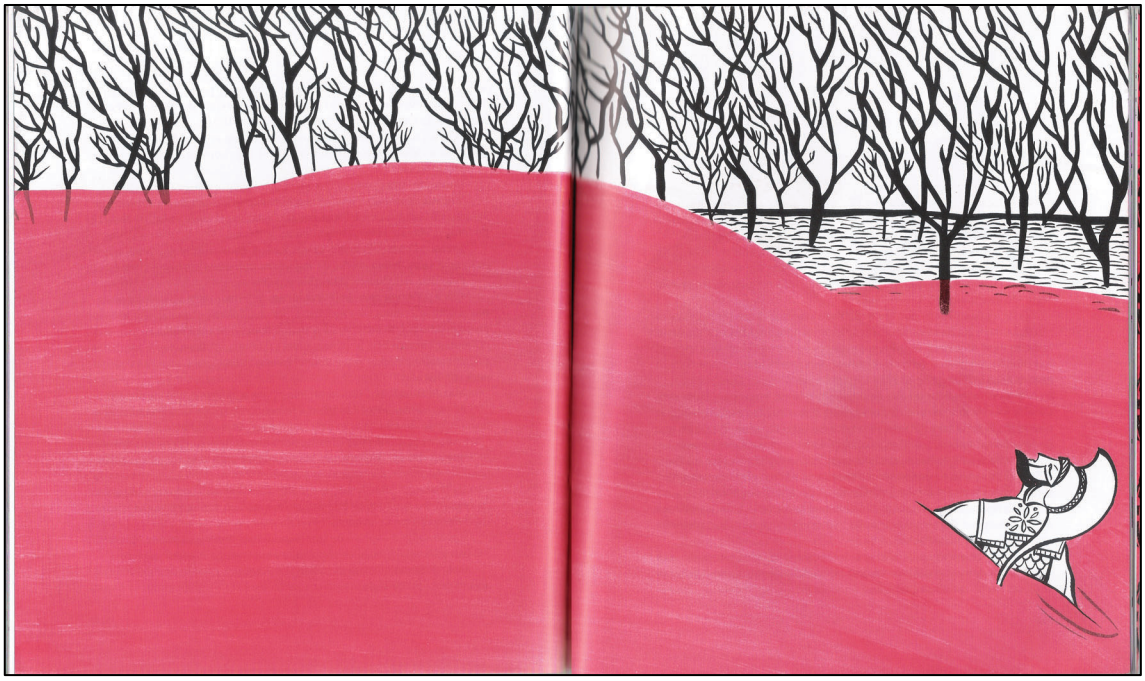


Figura 51 – Páginas 30-31, 32-33, 80-81, 92-93 e 116-117 do livro *Ilíada*.

Como pode-se observar nas imagens acima, as cores nas ilustrações são utilizadas de forma a destacar algum elemento, direcionando o olhar do leitor e encaminhando o seu processo de significação. Sendo utilizadas também para o fundo das páginas, as cores conferem o ritmo à narrativa e mediam a experiência de leitura.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

Canto XXIV
Príamo e Aquiles

O círculo se desfaz. Os homens voltam para junto de seus barcos e preparam o jantar. Depois, vão dormir o merecido repouso.

Mas o Sono, que a todos vence, se recusa a visitar Aquiles. Ele está tomado pelas recordações de seu caro amigo, agora morto. Na cama, vira de um lado para o outro: primeiro se deita de lado, depois de costas, daí de bruços. Então ele levanta e vai caminhar pela praia.

Como toda manhã, Aquiles amarra o corpo de Heitor à sua biga e o arrasta pelo chão, dando três voltas em torno do túmulo de Pátroclo. Mas o corpo não sofre nada, pois Apolo o envolveu com seu escudo de ouro, protegendo-o das feridas e da decomposição.

É desse modo indigno que Aquiles trata o cadáver de Heitor, todo dia. E os deuses do Olimpo tiveram pena do pobre herói morto.

Enfim, depois de doze dias, eles resolvem tomar uma decisão. O próprio Zeus acha que Heitor deve receber um funeral digno: "Ele jamais deixou de cumprir suas obrigações para com os deuses. A cada festim, a cada ação importante, sempre nos prestigiou com grandiosas oferendas. Chamem Tétis aqui, quero ter uma conversa com ela".

Imediatamente, Íris se precipita do alto do céu no espelho do mar. Vai encontrar a ninfa marinha lá no fundo, dentro de sua caverna, sentada junto com as outras filhas do Velho Homem do Mar. Elas estão chorando, porque sabem que Aquiles em breve morrerá. Tétis atende ao chamado de Zeus. Veste um xale azul escuro (que era a roupa mais adequada que ela tinha para o luto) e então parte em direção ao Olimpo, seguindo Íris dos Pés-de-Vento.

Chegando lá, Zeus lhe fala:

132

"Tétis, obrigado por vir até aqui. Há dias estamos discutindo por causa do tratamento vergonhoso que seu filho está dando a Heitor, que sempre respeitou e honrou todos nós. Acho que agora, porém, encontrei uma solução. Vá até Aquiles e diga-lhe que o rei de Troia, Príamo, vai procurá-lo pessoalmente e oferecer um magnífico resgate em troca do corpo de seu filho. Não se esqueça de explicar-lhe que esse é um desejo pessoal meu, do Pai dos Deuses e dos Homens. Enquanto isso, vou mandar Íris até Príamo, para dizer-lhe o que fazer."

Logo as duas cumprem as ordens do deus supremo. Tétis vai até o acampamento grego e convence seu filho a receber Príamo. "Afinal", diz Aquiles, "quem sou eu para me opor à vontade de Zeus?"

E Íris vai levar a mensagem para o rei de Troia. Encontra-o no meio da sala de seu palácio. Seu olhar está parado, distante: tomado pelo profundo sofrimento causado pela morte de Heitor. A deusa mensageira lhe aparece, permanecendo invisível para os demais:

"Príamo, fui enviada por Zeus, o Ajunta-Nuvens. Os deuses estão descontentes com o fato de Heitor não ter ainda recebido as devidas homenagens funerárias. Você deve descer até o acampamento grego numa charrete, sozinho ou acompanhado por um velho servo, levando um grande tesouro para Aquiles, e suplicar-lhe que ele devolva o corpo de seu filho."

Comunicada a sua mensagem, Íris desaparece. No mesmo instante, Príamo ordena que preparem uma charrete e as mulas. E vai contar o acontecido para Hécuba, sua esposa. Porém Hécuba, ressabiada, fica com medo: não quer que seu velho marido se arrisque sozinho pela planície até o acampamento inimigo. Seria um alvo fácil demais!

Mas o rei está decidido a fazer o que a deusa lhe ordenou. Vai até a sala de seu vasto tesouro e separa uma grande quantidade de peças preciosas, que manda colocar na charrete.

Quando está para sair do palácio, Hécuba lhe estende uma taça de vinho e sugere que ele faça uma oferenda a Zeus, pedindo a ele um sinal de bom augúrio. Então Príamo lava cuidadosamente as suas mãos e faz uma prece a Zeus, oferecendo-lhe vinho:

133

"Pai Zeus, assegure-me que Aquiles me receberá sem violência em sua tenda. Por favor, aceite essa minha oferenda e mande-me um sinal de bom augúrio: que uma águia voe à minha direita, se eu puder partir nessa missão tão arriscada para um velho como eu!"

Zeus ouve a prece do rei e manda o sinal. Uma enorme águia sobrevoa a planície à direita de Príamo, garantindo-lhe sua segurança. Então o rei manda abrir os portões da cidade e parte na noite escura, acompanhado por um velho servo.

Ao vê-los atravessar a planície, Zeus ordena a Hermes, o Deus-Guia, que os proteja. (Escoltar as pessoas, aliás, é uma das coisas que Hermes mais gosta de fazer.) Ele veste suas sandálias de ouro e num instante está na planície troiana, bem perto dos destemidos velhos. Então toma o aspecto de um jovem nobre e se aproxima deles.

O servo é o primeiro a vê-lo: "Senhor, acho que há alguém se aproximando!". O rei está tomado pelo pânico, os cabelos estão todos arrepiados no alto de sua cabeça, não consegue nem falar. O Deus da Sorte, Hermes, os aborda logo:

"Meu bom rei! Você não tem medo dos Gregos? Acha que pode entrar assim, sem mais nem menos, em nosso acampamento? Ainda mais levando um tesouro destes! Mas não se preocupe, não vou atacá-los. Na verdade, vim para protegê-los."

"Meu jovem", responde-lhe Príamo, "fico aliviado. Algum deus deve ter enviado você, que certamente é de nobre linhagem, dada a sua aparência elegante."

Hermes não diz quem é: "Sim, fui enviado por Aquiles, para protegê-lo e levá-lo até sua tenda".

Assim, escoltados pelo deus Hermes em pessoa (embora disfarçado), os dois velhos seguem seu caminho até o acampamento dos Gregos. Quando chegam ao portão, Hermes enfeitiça os guardiães, botando-os para dormir. Já dentro do acampamento, guia o rei até a tenda de Aquiles. Então diz: "Meu senhor, saiba que você acaba de ser ajudado por um deus do Olimpo, pois eu sou Hermes. Agora você deve entrar

Figura 52 – Páginas 132-133 e 134-135 do livro *Ilíada*.

Mesmo com a grande presença de ilustrações, é o texto que exerce a função narrativa da obra, constituindo-se, dessa forma, como instância primária do livro. As imagens estabelecem uma relação de redundância com o texto, reproduzindo o seu discurso, e são apresentadas em uma diagramação que varia entre a dissociação e a associação.

Ao analisarmos os fundamentos do Design, encontramos desenvolvido no projeto do livro o conceito de cor, que, como explicado anteriormente, foi trabalhado de forma a propiciar o ritmo de leitura, ocasionando o destaque

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

de algum elemento na composição da ilustração ou mesmo do fundo da página.

A apresentação gráfica dada ao texto de Homero nos permite concluir que a edição aqui analisada foi concebida com foco especial no jovem estudante, para aproximá-lo, por meio da grande utilização de imagens e da anunciada "linguagem viva e fluente", de uma obra clássica, que trata do humano e de seus conflitos. Com projeto próximo a um design invisível, as ilustrações são responsáveis por todo o caráter imagético do livro. Seu desenvolvimento e sua interação com o conteúdo textual se aproximam de um diálogo entre as linguagens, e parecem alcançar o projeto pretendido, contudo não é possível afirmar que o conceito de Design na Leitura foi alcançado em sua plenitude.

4.10. *Peanuts completo – 1950 a 1952*

> *Peanuts completo – 1950 a 1952* inicia a coleção definitiva da obra-prima em quadrinhos de Charles M. Schulz, introduzindo muitos dos mais queridos personagens dos quadrinhos – Lucy, Schroeder, Snoopy, Linus e Charlie Brown (SCHULZ, 2011, contracapa).

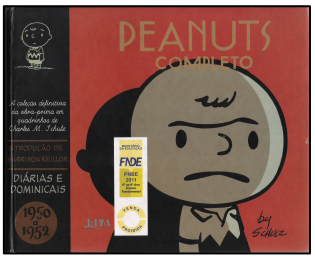


Figura 53 – Capa do livro *Peanuts completo – 1950 a 1952*, com os quadrinhos de Charles M. Schulz, editado pela L&PM.

Primeiro volume de uma coleção, *Peanuts completo – 1950 a 1952* traz as tirinhas de Schulz em um projeto de design gráfico, cujo autor não é identificado, que valoriza as características inerentes ao gênero dos quadrinhos, como apresenta a tabela abaixo:

Análise em relação à ilustração	História em quadrinhos.
Análise em relação ao diferencial gráfico	Trabalho diferenciado no formato; trabalho diferenciado na malha gráfica; trabalho cromático diferenciado.
Funções do texto e da imagem	Interação entre texto e imagem como instância primária.
Relação entre texto e imagem	Relação de colaboração.
Tipologia de diagramação	Compartimentação.
Elementos dos novos fundamentos do Design encontrados no livro	Cor; modularidade; malha gráfica.

Tabela 14 – Análise do livro *Peanuts completo – 1950 a 1952*.

Para a apresentação da obra aqui analisada foi desenvolvido um design gráfico que visa favorecer a experiência de leitura das tirinhas de *Peanuts*, por meio de um trabalho diferenciado no formato, na malha gráfica e no padrão cromático utilizado. O formato horizontal proporcionou um melhor aproveitamento da mancha gráfica

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

para as histórias em quadrinhos formadas apenas por uma linha ou por uma sequência de linhas, respeitando assim a formatação original, como podemos observar nas páginas abaixo.

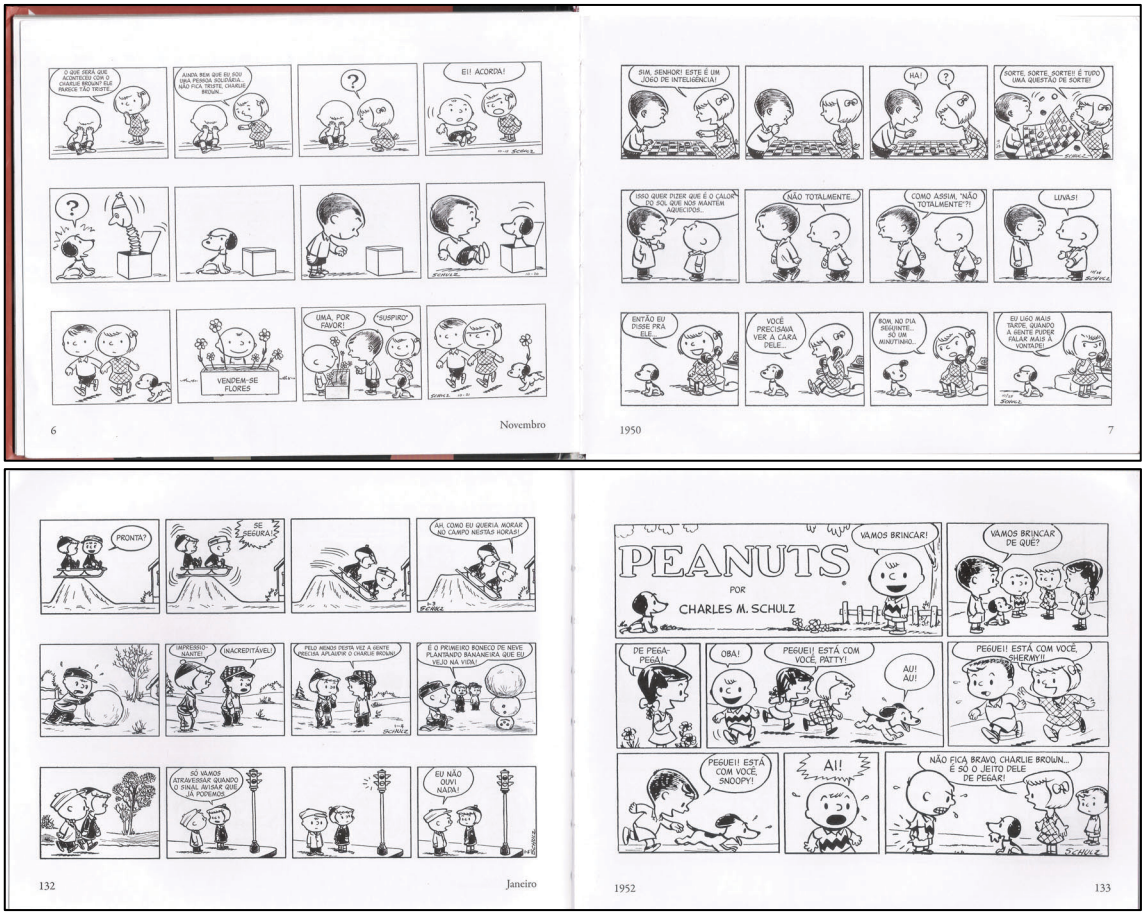
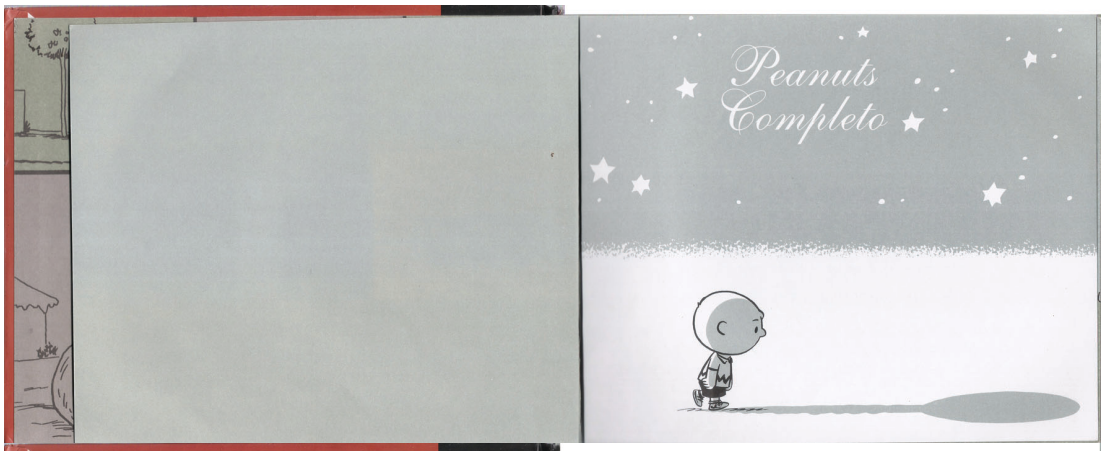


Figura 54 – Páginas 6-7 e 132-133 do livro *Peanuts completo – 1950 a 1952*.

Já a malha gráfica foi desenvolvida para se adaptar, comportando a apresentação das tirinhas e de textos corridos, que complementam o livro ao apresentar o contexto de criação dos quadrinhos; textos organizados em colunas que se abrem para dar lugar a ilustrações.

Com um trabalho cromático que valoriza o uso do traço preto, característico dos quadrinhos originais de Charles Schulz, e que utiliza chapadas de um cinza azulado para compor a sequência de imagens que dão ritmo à abertura e ao encerramento do livro, assim como para compor os títulos e o traço dos desenhos que ilustram os textos e entrevistas que ajudam a compor a obra, *Peanuts completo* apresenta um trabalho que se destaca na utilização das cores apesar de utilizar uma paleta cromática restrita.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA



Texto de acordo com a nova ortografia.
Título original: *The Complete Peanuts: 1950-1952*
A coleção definitiva da obra-prima em quadrinhos de Charles M. Schulz
Tiras diárias e dominicais de 1950 a 1952

1ª edição: novembro de 2009
4ª edição: janeiro de 2011

Introdução: Garrison Keillor
Ensaio "A vida e a época de Charles M. Schulz": David Michaelis
Entrevistas: Rick Marschall e Gary Groth
Tradução: Alexandre Boide
Preparação: Iriz Medeiros
Revisão: Bianca Pasqualini

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

S418s

Schulz, Charles M., 1922-2000
Peanuts completo: 1950-1952 / Charles M. Schulz; [tradução de Alexandre Boide].
– Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.
360p. : principalmente il.

Tradução de: *The Complete Peanuts: 1950-1952*
Texto em quadrinhos
ISBN 978-85-254-1981-1

1. Histórias em quadrinhos. I. Título.

09-5458. CDD: 741.5
CDU: 741.5

UFF-COLUNI-BIBLIOTECA
REG. 5134/11

Copyright © 2010 Peanuts Worldwide LLC, Peanuts.com

Todos os direitos desta edição reservados a NEWTEC EDITORES LTDA
Rua Comendador Coruja, 320 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

Pedidos & Dirvo. Comercial: vendas@lpm.com.br
Fale conosco: info@lpm.com.br
www.lpm.com.br

Impresso na Prol Editora Gráfica Ltda
Av. Juruá 820 – Alphaville Ind. – CEP – 06455-908 – Barueri – SP – Brasil
Verão de 2011

CHARLES M. SCHULZ

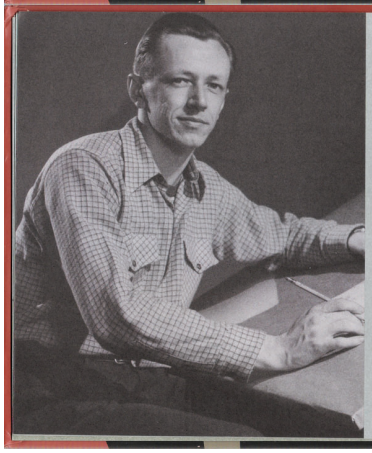
PEANUTS COMPLETO

1950 A 1952

4ª edição

"É ARRISCADO, MAS EU DOU LÁ MINHAS RISADAS!"

L&PM



Charles Schulz por volta de 1950

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

Figura 55 – Sequência das páginas de abertura do livro *Peanuts completo – 1950 a 1952*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA

Como é próprio do gênero dos quadrinhos, é a interação entre texto e imagem que exerce a função de instância primária do livro, com ambas as linguagens trabalhando em colaboração para a constituição da narrativa, não podendo ser dissociadas. Da mesma forma, de acordo com o gênero, a tipologia de diagramação utilizada é a compartimentação.

Praticamente repetindo o que foi encontrado anteriormente na análise, foram identificados como fundamentos do Design utilizados no livro a cor, a modularidade e a malha gráfica, sendo o conceito de modularidade também inerente ao gênero do livro, pelo fato de a narrativa ser contada em compartimentos modulares sequenciais.

Apesar de serem utilizadas capitulares nos textos que complementam a obra, o uso de escala não foi considerado nesse caso, por avaliar-se que esse elemento não se encontra no conteúdo principal do objeto-livro.

O livro *Peanuts completo* apresenta um design que poderia ser considerado próximo ao design invisível, mas que se destaca por valorizar o conteúdo que apresenta, respeitando as características próprias dos quadrinhos desenvolvidos por Schulz na década de 1950. Dessa forma, podemos identificar um projeto do objeto-livro com vistas à fruição do leitor e ao diálogo com o conteúdo, podendo ser identificadas premissas do Design na Leitura.

Com um tema que trata do cotidiano de um grupo de crianças e seu cachorro, o conteúdo das tirinhas poderia, a princípio, parecer infantil para a faixa etária estipulada. Contudo, Charlie Brown, Snoopy e o restante da turma tratam de forma suave, e muitas vezes cômica, de grandes questões relacionadas ao seu crescimento como sujeitos, sua constituição de identidade e seus relacionamentos afetivos. Por essa característica, as tirinhas de Schulz parecem não se restringir a um público leitor específico, mas apresentam atributos capazes de interessar principalmente ao jovem estudante.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1113310/CA